

**Turismo de Escola**  
**Reabilitação, ampliação e conversão da antiga escola**  
**primária de Corgas**

**Margarida Ribeiro Alves**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitetura**

(Mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

**janeiro de 2025**



## **Declaração de Integridade**

Eu, Margarida Ribeiro Alves, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 44097 de/o Arquitetura da Faculdade de Engenharia, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 27 /01 /2025

Margarida Ribeiro Alves



# Agradecimentos

Não poderia deixar de expressar a minha gratidão a todos que, de algum modo, contribuíram para a concretização deste trabalho, que é fruto não apenas de muito esforço, mas também de todo o apoio incansável recebido ao longo deste percurso.

Neste sentido, agradeço,

Ao meu orientador, Miguel Santiago Fernandes, por aceitar acompanhar-me nesta última etapa do curso de Arquitetura, pela orientação constante ao longo destes meses, por todas as opiniões e críticas construtivas, do que seria ou não o mais correto e, principalmente, por toda a paciência que teve comigo neste processo.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio incondicional, compreensão e motivação ao longo de todo o percurso académico. Em especial, à minha mãe, o pilar estrutural mais importante da minha vida e que nunca me deixou desistir do sonho de me tornar arquiteta.

Ao meu namorado, pela paciência e sobretudo pelo incentivo ao longo destes anos, sempre acreditou que conseguiria, mesmo quando duvidava de mim própria.

Aos meus amigos e colegas, pelo companheirismo, pela troca de ideias, pela partilha de momentos, por tudo. Principalmente à Ana e à Raquel pela motivação e apoio incondicional, sem elas esta etapa tornar-se-ia mais longa.

Por fim, expresso a minha gratidão a todas as entidades que se disponibilizaram a fornecer informação pertinente para o desenvolvimento deste trabalho. Um agradecimento particular à Câmara Municipal de Proença-a-Nova, ao Arquiteto André Rocha e ao Arquiteto João Gomes.

A todos, um especial obrigado.

# Resumo

A migração das pessoas do meio rural para o urbano é um fator, que embora mais ou menos intenso, se tem visto ao longo dos anos, com o objetivo de encontrar nas grandes metrópoles melhores condições de vida. Um grande marco deste fenómeno é a revolução industrial com a proliferação das indústrias que levou as pessoas a deslocarem-se para as zonas industrializadas com a finalidade de aí encontrarem melhores oportunidades e empregos.

Contudo, este fenómeno de êxodo rural faz com que as áreas rurais se encontrem cada vez mais despovoadas e, conseqüentemente, com o passar dos anos se espelhe numa degradação, em termos arquitetónicos, dos edifícios existentes.

A aldeia de Corgas, pertencente a Proença-a-Nova, espelha a realidade da consequência do êxodo rural e da emigração que para trás deixou uma população, que com o passar do tempo se caracteriza na maior parte idosa; representando um decaimento de jovens na aldeia e, por conseguinte, o encerramento da antiga escola primária, que outrora proporcionou o ensino a diversos jovens e agora se manifesta como um edifício abandonado e degradado, sem qualquer utilidade.

Neste contexto, e tendo em conta que se trata de uma dissertação de arquitetura, pretende-se compreender o potencial do edificado abandonado, enquanto objeto arquitetónico e o papel da arquitetura nos atos de reabilitar o existente, atribuindo-lhe uma nova função através da atividade turística, com a finalidade de dinamizar a localidade. A metodologia da investigação sustenta-se em pesquisa bibliográfica, análise de casos de estudo, levantamento arquitetónico e a vertente de projeto.

## Palavras-chave

Reabilitação Arquitetónica; Escola Primária; Turismo; Meio Rural; Corgas (Portugal)

# **Abstract**

The migration of people from rural to urban is a factor that, although more or less intense, has been seen over the years, with the aim of finding better living conditions in large metropolises. A major milestone of this phenomenon is the industrial revolution with the proliferation of industries that led people to move to industrialized areas in order to find better opportunities and jobs there.

However, this phenomenon of rural exodus makes rural areas increasingly depopulated and, consequently, over the years, is mirroring a degradation, in architectural terms, of existing buildings.

The village of Corgas, belonging to Proença-a-Nova, reflects the reality of the consequence of the rural exodus and the emigration that left behind a population, which over time is characterized as mostly elderly; representing a decay of young people in the village and, therefore, the closure of the old elementary school, which once provided teaching to several young people and now manifests itself as an abandoned and degraded building, without any use.

In this context and considering that it is an architectural dissertation, it is intended to understand the potential of the abandoned building, as an architectural object and the role of architecture in the acts of rehabilitating the existing, assigning it a new function through the tourist activity, in order to boost the locality. The research methodology is based on bibliographic research, study case analysis, architectural survey and the project aspect.

## **Keywords**

Architectural Rehabilitation; Elementary School; Tourism; Rural Environment; Corgas (Portugal)



# Índice

<b>Agradecimentos</b>	<b>v</b>
<b>Resumo</b>	<b>vi</b>
<b>Abstract</b>	<b>vii</b>
<b>Lista de Figuras</b>	<b>xii</b>
<b>Lista de Acrónimos</b>	<b>xxi</b>
<b>I. Check-In</b>	<b>1</b>
1.1 Ponto Prévio	2
1.2 Justificação e Relevância do Tema	2
1.3 Objetivos	3
1.4 Metodologia	3
1.5 Estrutura	4
1.6 Estado da Arte	5
<b>II. Enquadramento Teórico</b>	<b>8</b>
2.1 Espaço Rural	9
2.1.1 O “abandono” do Espaço Rural	9
2.1.2 Uma “nova” visão do Rural	12
2.2 O turismo	15
2.2.1 Conceito de Turismo	15
2.2.2 História do Turismo	17
2.2.2.1 Contexto Internacional	17
2.2.2.2 Contexto Português	19
2.2.3 Tipos de Turismo	22
2.2.4 Turismo em Espaço Rural	23
2.2.5 Relação entre Turismo e Arquitetura	28
2.3 Reabilitação Arquitetónica	31
2.3.1 Conceito de Reabilitação	31
2.3.2 Reabilitação de Espaços Rurais	33

2.3.3	Critérios de Classificação e Valor do Edificado	34
2.3.4	Níveis de Reabilitação	35
2.3.5	Aspetos Positivos e Limitações da Reabilitação	38
<b>III.</b>	<b>Aldeia de Corgas</b>	<b>42</b>
3.1	Contexto Geográfico e Histórico da Aldeia	43
3.2	Caracterização/ Análise do Edificado	51
3.3	Antiga Escola Primária	57
3.3.1	O Ensino em Corgas	57
3.3.2	Levantamento Arquitetónico do Existente	58
3.3.3	Caracterização do Estado Atual	64
<b>IV.</b>	<b>Casos de estudo</b>	<b>68</b>
4.1	Escola Vale da Ursa	69
4.2	Casa da Antiga Escola	77
4.3	Quinta da Malarranha	84
<b>V.</b>	<b>Estratégia de Projeto</b>	<b>92</b>
5.1	Introdução	93
5.2	Legislação e Questões Legais	93
5.3	Descrição do Existente	94
5.4	Conceito/Ideia/Processo	95
5.5	Programa/Função	98
5.6	Questões Formais	111
5.7	Sistemas Construtivos e Materialidade	113
5.7.1	Edifício de Acolhimento	113
5.7.2	Volume de Estacionamento	119
5.7.3	Volume de Lazer	122
5.7.4	Volume de Alojamento	125
5.7.5	Espaços Exteriores	128
<b>VI.</b>	<b>Check-out</b>	<b>130</b>
<b>VII.</b>	<b>Bibliografia</b>	<b>133</b>

7.1	Bibliografia Analógica	134
7.2	Bibliografia Digital	135
<b>VIII.</b>	<b>Projeto – Peças Desenhadas</b>	<b>140</b>

# Lista de Figuras

**Figura 1** | Dualidade entre Campo e Cidade após a Revolução Industrial

Fonte: [internet] disponível em: <https://cdossantos46.wordpress.com/>

**Figura 2** | Aldeias Despovoadas

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/aldeias-despovoadas/>

**Figura 3** | Primeiro Cartaz Turístico divulgado pela SPP, ano de 1907

Fonte: [internet] disponível em:  
[https://alexandrepomar.typepad.com/alexandre\\_pomar/2010/07/viajar.html](https://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2010/07/viajar.html)

**Figura 4** | Turismo de Habitação, Solar de Serrade (Monção)

Fonte: [internet] disponível em: <https://travelroundwine.com/programa/solar-de-serrade/#detalhes>

**Figura 5** | Turismo de Aldeia, Branda da Azeiteira (Melgaço)

Fonte: [internet] disponível em: <https://www.hotelandia.pt/turismo-de-aldeia-oito-sugestoes-para-viver-a-experiencia/>

**Figura 6** | Agroturismo (Melgaço)

Fonte: [internet] disponível em:  
<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Figura 7** | Casas de Campo (Ponte de Lima)

Fonte: [internet] disponível em:  
<https://www.visitepontedelima.pt/pt/turismo/casas-de-campo/>

**Figura 8** | Hotel Rural, Quinta S. Miguel de Arcos (Vila do Conde)

Fonte: [internet] disponível em: <https://hoteisruraisdeportugal.com/item/quinta-de-sao-miguel-de-arcos-country-hotel/>

**Figura 9** | Parque de Campismo Rural, Lapa dos Gaivões (Arronches)

Fonte: [internet] disponível em: <https://camperguru.com/spot/lapa-dos-gaivoes-rural-camping-park/>

**Figura 10** | Localização de Corgas no concelho de Proença-a-Nova, da autora adaptado de

Fonte: [internet] adaptado de:

<https://gastrossexual.blogspot.com/2011/04/portugal-gastronomico-30-proenca-nova.html>

**Figura 11** | Corgas, da autora

**Figura 12** | Planta de localização, da autora

**Figura 13** | Aplicação de ácido para extração da resina

Fonte: [internet] disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=DLLIJ\\_npK30](https://www.youtube.com/watch?v=DLLIJ_npK30)

**Figura 14** | Colheita para o designado “púcaro da resina”

Fonte: [internet] disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=DLLIJ\\_npK30](https://www.youtube.com/watch?v=DLLIJ_npK30)

**Figura 15** | Procissão pela aldeia de Corgas (Festa 2024), da autora

**Figura 16** | Primeiras habitações de Corgas, em planta, da autora

**Figura 17** | Habitação primordial em ruína, da autora

**Figura 18** | Localização, em planta, da Rua dos Resineiros, da autora

**Figura 19** | Rua dos Resineiros atualmente, da autora

**Figura 20** | Casa de milho, da autora

**Figura 21** | Análise do número de pisos, em termos habitacionais, da autora

**Figura 22** | Análise do número de pisos (armazéns agrícolas e anexos), da autora

**Figura 23** | Local onde se consta ter sido construída a primeira escola, da autora

**Figura 24** | Local atual da escola primária, da autora

**Figura 25** | Interior da sala de aula (janeiro de 2025), da autora

**Figura 26** | Planta de Implantação, da autora

**Figura 27** | Planta Piso Térreo (existente), da autora

**Figura 28** | Análise de percursos pré-existentes, da autora

**Figura 29** | Planta de Cobertura, da autora

**Figura 30** | Alçado Frontal, da autora

**Figura 31** | Alçado Este, da autora

**Figura 32** | Alçado Tardoz, da autora

**Figura 33** | Alçado Oeste, da autora

**Figura 34** | Estado atual do muro que envolve o lote (janeiro 2025), da autora

**Figura 35** | Estado atual do acesso ao interior do lote (janeiro 2025), da autora

**Figura 36** | Destacamento do Reboco (parede exterior), da autora

**Figura 37** | Alteração cromática da pedra granítica, da autora

**Figura 38** | Estado atual de um vão do alçado frontal (janeiro 2025), da autora

**Figura 39** | Portada de madeira existente nas instalações sanitárias, alçado tardoz (janeiro 2025), da autora

**Figura 40** | Estado Atual parede interior da sala de aula (janeiro 2025), da autora

**Figura 41** | Estado atual da parede interior onde se encontrava fixado o quadro (janeiro 2015), da autora

**Figura 42** | Patologias no pavimento interior da sala de aula (janeiro 2025), da autora

**Figura 43** | Pavimento interior do hall de entrada, em mosaico cerâmico (janeiro 2025), da autora

**Figura 44** | Estado atual do teto falso da sala de aula (janeiro 2025), da autora

**Figura 45** | Estado atual da cobertura visível na zona do alpendre (janeiro 2015), da autora

**Figura 46** | Planta Piso Térreo do edifício escolar, da autora adaptado de  
Fonte: Câmara Municipal de Proença-a-Nova

**Figura 47** | Alçados do edifício escolar  
Fonte: Câmara Municipal de Proença-a-Nova

**Figura 48** | Planta de sobreposição (Vermelhos e Amarelos), Vale da Ursa, Alojamento local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021  
Fonte: Câmara Municipal de Proença-a-Nova

**Figura 49** | Alçados (Vermelhos e Amarelos), Vale da Ursa, Alojamento local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021  
Fonte: Câmara Municipal de Proença-a-Nova

**Figura 50** | Planta Piso Térreo, Vale da Ursa, Alojamento Local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021

Fonte: Câmara Municipal de Proença-a-Nova

**Figura 51**| Alçados, Vale da Ursa, Alojamento Local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021

Fonte: Câmara Municipal de Proença-a-Nova

**Figura 52**| Parede existente anterior à aplicação de reboco

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4117651308259076&set=a.4117649441592596>

**Figura 53**| Parede existente rebocada

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4117651264925747&set=a.4117649441592596>

**Figura 54**| Pavimento da instalação sanitária

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.montanhaalapis.pt/sobrenos#GALERIA&gid=1556409868&pid=15>

**Figura 55**| Pavimento da sala de estar

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.montanhaalapis.pt/sobrenos#GALERIA&gid=1556409868&pid=3>

**Figura 56**| Pavimento do alpendre e zona de lazer

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.montanhaalapis.pt/sobrenos#GALERIA&gid=1556409868&pid=21>

**Figura 57**| Substituição da telha original por telha lusa similar à existente

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4117651421592398&set=a.4117649441592596>

**Figura 58**| Alçado Tardoz, em fase de obra

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4117652081592332&set=a.4117649441592596>

**Figura 59**| Resultado após a intervenção do Município de Proença-a-Nova

Fonte: [internet] disponível em: <https://radiocondestavel.pt/noticias/proenca-a-nova-escolas-primarias-ganham-nova-vida-e-utilidade/>

**Figura 60**| Edifício original do ano de 1964

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=696031649364536&set=pb.100068731206209.-2207520000&type=3>

**Figura 61**| Planta do existente realizada com base na planta de sobreposição, da autora

**Figura 62**| Planta de Sobreposição (Vermelhos e Amarelos), Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Fonte: Arquiteto André Rocha

**Figura 63**| Corte (Vermelhos e Amarelos), Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Fonte: Arquiteto André Rocha

**Figura 64**| Novo alpendre adjacente à sala de jantar projetada

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/casaescolaantiga/photos/pb.100068731206209.-2207520000/123970756557619/?type=3>

**Figura 65**| Planta Piso Térreo, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Fonte: Arquiteto André Rocha

**Figura 66**| Planta Piso 1, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Fonte: Arquiteto André Rocha

**Figura 67**| Alçados, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Fonte: Arquiteto André Rocha

**Figura 68**| Pormenor Construtivo Parede Existente, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Fonte: Arquiteto André Rocha

**Figura 69**| Pormenor Construtivo Cobertura, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Fonte: Arquiteto André Rocha

**Figura 70**| Pavimento da cozinha revestido em soalho de madeira

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/casaescolaantiga/photos/pb.100068731206209.-2207520000/129714872649874/?type=3>

**Figura 71**| Pavimento da piscina em deck de madeira

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/casaescolaantiga/photos/pb.100068731206209.-2207520000/124198819868146/?type=3>

**Figura 72**| Resultado após concretização do projeto idealizado pelo Arq. André Rocha

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.facebook.com/casaescolaantiga/photos/pb.100068731206209.-2207520000/107519514869410/?type=3>

**Figura 73**| Planta Piso Térreo Existente, da autora adaptado de

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 74**| Alçados do Existente, Malarranha Grande, Escola primária, Arq. João Gomes

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 75**| Levantamento Fotográfico do Existente, Malarranha Grande, Escola primária, Arq. João Gomes

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 76**| Planta de Piso Térreo (Vermelhos e Amarelos), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 77**| Alçados (Vermelhos e Amarelos), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 78**| Planta Piso Térreo (Proposto), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 79**| Alçados (Proposto), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 80**| Planta de Arranjos Exteriores (Proposto), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Fonte: Arquiteto. João Gomes

**Figura 81**| Edifício após intervenção

Fonte: [internet] disponível em: <https://www.atelier-atrrio.pt/projetos/tex-mex-trex-h8d72-7s7mp-8z4b4>

**Figura 82**| Localização do Edifício em estudo, da autora

**Figura 83**| Breve análise do existente, da autora

**Figura 84**| Esquissos de alinhamento dos novos volumes em relação à pré-existência, da autora

**Figura 85**| Esquissos simplificados da distribuição do programa proposto, da autora

**Figura 86**| Esquisto de pensamento acerca dos espaços verdes e acessos, da autora

**Figura 87**| Perspetiva, em fase intermédia, do conjunto projetado, da autora

**Figura 88**| Desmaterialização do volume do estacionamento através da introdução do elemento pérgula, da autora

**Figura 89**| Esquema de Organização interior das unidades de alojamento, da autora

**Figura 90**| Perspetiva da vista interior do quarto para o pátio privado, da autora

**Figura 91**| Diagrama de distribuição do programa proposto, da autora

**Figura 92**| Perspetiva da intervenção no lote da Escola Primária de Corgas, da autora

**Figura 93**| Planta de Percursos, da autora

**Figura 94**| Esquissos Exteriores da proposta, da autora

**Figura 95**| Planta Piso Térreo Pré-existência (Vermelhos e Amarelos), da autora

**Figura 96**| Planta Piso Térreo Pré-existência (Proposto), da autora

**Figura 97**| Alçado Frontal (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento, da autora

**Figura 98**| Alçado Este (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento, da autora

**Figura 99**| Alçado Tardoz (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento, da autora

**Figura 100**| Corte Transversal (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento, da autora

**Figura 101**| Planta Piso Térreo (Volume de Estacionamento), da autora

**Figura 102**| Alçado Frontal (Proposto), destaque do Volume de Estacionamento, da autora

**Figura 103**| Alçado Este (Proposto), destaque do Volume de Estacionamento, da autora

- Figura 104**| Planta Piso Térreo (Volume de Lazer), da autora
- Figura 105**| Alçado Frontal (Proposto), destaque do Volume de Lazer, da autora
- Figura 106**| Planta de Piso 1 (Proposto), Volume de Alojamento, da autora
- Figura 107**| Planta Tipo - Unidade de Alojamento, da autora
- Figura 108**| Alçado Frontal (Proposto), Volume de Alojamento, da autora
- Figura 109**| Corte Longitudinal, Volume de Alojamento, da autora
- Figura 110**| Corte Transversal pelo pátio, Volume de Alojamento, da autora
- Figura 111**| Corte Transversal pelo interior da unidade de alojamento, Volume de Alojamento, da autora
- Figura 112**| Planta de Cobertura (Proposto), da autora
- Figura 113**| Alçado Frontal (Proposto), da autora
- Figura 114**| Alçado Este (Proposto), da autora
- Figura 115**| Corte Transversal pela Piscina (Proposto), da autora
- Figura 116**| Pormenor Construtivo I, da autora
- Figura 117**| Pormenor Construtivo II, da autora
- Figura 118**| Pormenor Construtivo III, da autora
- Figura 119**| Pormenor Construtivo IV, da autora
- Figura 120**| Pormenor Construtivo V, da autora



# Lista de Acrónimos

OMT	Organização Mundial do Turismo
SPP	Sociedade de Propaganda de Portugal
CEE	Comunidade Económica Europeia
DGADR	Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural
CPA	Colégio de Património Arquitectónico



# I. CHECK-IN

## **1.1 Ponto Prévio**

A presente investigação desenvolvida para a obtenção do grau de Mestre, em Arquitetura, na Universidade da Beira Interior, representa uma abordagem teórica complementada com uma vertente prática projetual relacionada ao tema da Reabilitação Arquitetónica de Edifícios Devolutos, em contexto rural.

Ao longo do tempo, os espaços rurais têm vindo a sofrer com o seu despovoamento, e por vezes, até com o seu completo abandono. Estes espaços ricos em história, memórias e tradições, vão-se desvanecendo com a saída dos seus habitantes. Neles acabam por ficar apenas os edifícios que outrora alojavam várias famílias, apresentando-se nos dias de hoje cada vez mais degradados. Assim sendo, procura-se reabilitar a Antiga Escola Primária de Corgas, convertendo-a num alojamento turístico como método de conservação e revitalização, não só da escola, mas também da memória e identidade do local.

## **1.2 Justificação e Relevância do Tema**

O tema da investigação surge de uma certa inquietação do regressar às origens e do conhecimento profundo do território, do ambiente, da cultura e da construção; uma vez que se foca na aldeia de infância. Deste modo, existe a manifestação de uma certa preocupação no abandono e, conseqüente, do despovoamento da aldeia que outrora albergou várias famílias e que infelizmente se vê cada vez mais solitária, perdendo não só os seus habitantes, mas também os serviços que possuía.

Com este despovoamento resta o abandono e degradação do edificado, que pode ser reconstruído, recebendo um novo programa e/ou uso tornando relevante a importância de reabilitar ao invés de construir novos edifícios que não possuem qualquer ligação com os existentes. Posto isto, a investigação pretende encontrar no edificado abandonado, uma resposta que contraria a construção inconsciente de novos edificados, quando já existe construção, que embora degradada pode voltar a desempenhar o seu uso, mantendo a identidade e memória das localidades.

O objetivo primordial foca-se, portanto, em potenciar a dinamização de espaços rurais, que assim como o local em estudo, poderão acabar esquecidos. Por conseguinte, procura-se na atividade turística uma possível solução a este problema, e que esta, por sua vez consiga provocar nos seus visitantes, através da experiência vivida, a motivação de uma ideia de que se podem fixar nestes locais, contribuindo para revitalizar estes locais mais campestres.

No que diz respeito à relevância do tema, tendo em conta a investigação que já foi desenvolvida anteriormente, apesar de já existirem investigações que abordam o mesmo

assunto - a relação entre arquitetura e turismo, tem-se em consideração que se aplicam a diferentes locais; sem nunca ter sido realizado na aldeia de Corgas.

### **1.3 Objetivos**

O objetivo fundamental centra-se na compreensão do potencial do edificado devoluto na qualidade de objeto arquitetónico, no modo em como é possível manter ou recuperar a identidade que estes espaços detinham. Deste modo, é importante o conhecimento do conceito de reabilitação, bem como a apreensão dos melhores métodos para se fazer a melhor reabilitação possível.

Após a pesquisa com o objetivo de entender os espaços rurais e como estes têm vindo a modificar-se com o decorrer do tempo. Num momento posterior pretende-se perceber como a atividade turística se relaciona com a arquitetura, como se desenvolveu ao longo dos tempos e como esta se torna dinamizadora de localidades, mais especificamente, de espaços rurais e consecutivamente estabelecer o programa que melhor se adequa à atividade em estudo, tendo também em consideração os espaços que existem na aldeia de Corgas e os que são necessários a criar para apoio ao turismo rural, como zona de cafetaria/restaurante, entre outros. Neste contexto de análise, existe ainda a intenção de estudar a envolvente no que diz respeito ao número de edifícios em bom estado, quantos se encontram habitados e se são de primeira habitação; quantos deles foram reabilitados e, neste caso, se a pré-existência foi considerada, quais as novas construções, e ainda o número de edificado devoluto.

Através da análise de casos de estudo anseia-se entender como a Antiga Escola Primária pode adquirir um novo uso, tendo em consideração o seu estado atual que já manifesta alguma degradação, tanto no exterior como interior, e a sua dimensão, existindo a possibilidade de uma ampliação da mesma e, conseqüentemente, a necessidade de entender como funciona a relação entre ambos os momentos.

### **1.4 Metodologia**

Com a finalidade de responder a todas os objetivos descritos, o método de investigação assenta em identificação e pesquisa de bibliografia, análise de casos de estudo, levantamento arquitetónico e finaliza com a vertente de projeto de laboratório.

Na procura de conceitos arquitetónicos, bem como acerca do estudo do turismo e da relação deste com a arquitetura, a investigação assenta na identificação e pesquisa de trabalhos já

realizados, bem como de publicações que explorem estes mesmos temas e apresentem também perspectivas dos seus autores que se adequem e forneçam bases para o desenvolvimento desta investigação.

Respetivamente à análise de casos de estudo, pretende-se através da escolha de três a quatro projetos arquitetónicos desenvolvidos para a finalidade da atividade turística, que contêm a presença da pré-existência e tenha sido desenvolvida a sua reabilitação, em meio rural; de modo a tentar perceber a relação entre o existente e o novo programa. Pretende-se que este estudo gere uma reflexão sobre o programa e tipologias, na medida em que este se desenvolve e como se adequa à atividade turística.

No caso do levantamento arquitetónico este basear-se-á numa análise aprofundada do território em estudo, tendo em conta a morfologia do terreno, dado que a localidade em si se encontra numa encosta cercada por montanhas; mas também os edificados existentes, de modo também a perceber como a aldeia em si foi crescendo, e se o edificado existente se encontra em função, e qual o tipo de uso a que se destina. Com base nas análises e reflexões efetuadas pretende-se transpor o conhecimento adquirido, no que diz respeito a uma estratégia de reabilitação, para uma fase posterior de projeto, tendo como base a antiga escola primária de Corgas.

## **1.5 Estrutura**

A investigação encontra-se fragmentada em cinco capítulos, que se relacionam e mantêm uma conexão entre si, partindo do geral para o particular.

O primeiro capítulo, Introdução, informa o rumo da investigação, na medida em que apresenta o tema, a justificação da sua escolha, quais os objetivos pretendidos, a metodologia a utilizar e o que existe feito em relação ao tema.

A segunda fase foca-se no enquadramento teórico acerca dos espaços rurais, do turismo e de reabilitação arquitetónica. Além do conceito o subcapítulo sobre espaços rurais aborda as transformações que estes sofrem ao longo do tempo. Na vertente do turismo, parte-se do estudo do turismo em geral e, posteriormente, direciona-se para um contexto mais específico, o turismo no espaço rural, na medida em como este funciona e dinamiza estes espaços. Neste capítulo, está ainda inserido o tema da reabilitação arquitetónica, abordando as questões da reabilitação em espaços dos rurais, dos critérios de classificação e valor do edificado, os diferentes níveis de intervenção e ainda os aspetos positivos e condicionantes do processo de reabilitar.

O terceiro capítulo concentra-se em específico na aldeia de Corgas, expondo o contexto histórico e geográfico em que esta se insere, um breve enquadramento acerca da antiga escola primária, local de intervenção, e ainda a análise do local, bem como da sua envolvente.

O capítulo seguinte corresponde a análise de casos de estudo onde esteja presente o processo de reabilitar, tendo como elemento primordial a escola. Através desta análise, procura-se conhecer as estratégias utilizadas bem como o programa que melhor se adequa à atividade turística com a finalidade de transpor, posteriormente, o conhecimento adquirido e gerar uma reflexão no modo em como podem os espaços ser pensados e desenhados, para que correspondam a todas as necessidades da atividade em estudo, sem nunca esquecer que o espaço está afeto a uma pré-existência que possui uma identidade particular.

Por fim, através do conhecimento absorvido dos casos de estudo e das análises feitas ao local, pretende-se desenvolver, com base na antiga escola, uma estratégia de reabilitação, bem como a ampliação da mesma tendo em conta as suas dimensões devolvendo-lhe uma função embora díspar da anterior, uma vez que se tratava de uma escola e se pretende que se torne um alojamento turístico.

A dissertação encerra com uma componente de prática projetual, a qual configura um conjunto de saberes adquiridos ao longo deste percurso académico, desenvolvendo peças desenhadas que demonstram um conceito; em que tipologias, questões formais e aspetos técnicos estejam devidamente desenvolvidos e adaptados à situação em causa.

## **1.6 Estado da Arte**

Acerca desta relação entre a arquitetura e turismo, existem já realizadas algumas investigações que apontam para o turismo como uma solução à desertificação dos meios rurais que os mantêm de certo modo ativos, valorizando a atividade turística através da arquitetura. No que concerne à questão da reabilitação além de investigações realizadas foram também sugeridos alguns livros.

No livro, *Alegoria do Património*, de Françoise Choay são abordadas questões relacionadas à conservação, restauro e reabilitação do património, questionando as práticas contemporâneas, destacando a importância da memória e preservação para uma melhor compreensão da herança cultural e, propondo uma reflexão sobre o papel do património na sociedade. Num dos seus capítulos, Choay menciona a perda da memória dos modos articulados, que se relacionam a uma arquitetura tradicional, vendo o património pré-

industrial como a chave perdida, uma vez que a dificuldade e a verdadeira relevância relacionadas à reabilitação encontram-se nas práticas que se vão perdendo, como o caso da carpintaria; na medida e em que as técnicas tradicionais representam o saber e o conhecimento e, portanto, a imagem de um edifício tradicional espelha os saberes antigos e tradicionais. (Choay, 2021)

Em *Vida no Campo*, Álvaro Domingues, averigua diversos temas que englobam a transfiguração de áreas rurais, em Portugal, com base em desafios que estas enfrentam com o passar do tempo, tendo em conta alterações a níveis culturais, sociais e económicos. Um dos temas presentes é o despovoamento, um ponto partilhado por diversas regiões do país, que numa das vertentes é causado pela migração das pessoas para as regiões urbanas em procura de melhor qualidade de vida e oportunidades. Debate ainda, os processos de modernização da agricultura, na medida em que estes tiveram impacto na dinâmica das comunidades, associado também ao fator de globalização que influenciou não só as práticas agrícolas, mas também levou à vulgarização de culturas e ideias e que deste modo se repercute na identidade destas áreas sendo importante a preservação das mesmas bem como das suas tradições, não obstante a que se adaptem a outras realidades. (Domingues, 2011)

Olímpio Guedelha na sua obra intitulada *Corgas– História e Vida*, regista vários aspetos relacionados com a aldeia do local em estudo. Caracteriza a aldeia, como esta surgiu, a questão da emigração e conseqüente decréscimo da população, como esta foi evoluindo em termos económicos, sociais, culturais e profissionais, mas também aspetos relacionados à evolução do seu edificado. Aborda a paisagem, os sítios e lugares com história bem como as lendas, contos, entre outros e ainda as tradições, usos e costumes, alguns que se desvaneceram no tempo e resta apenas a sua memória, outros ainda recriados. (Guedelha, 2020)

A dissertação intitulada *Turismo rural e desenvolvimento sustentável: o papel da arquitetura vernacular*, de Cátia Martins, retrata o turismo como um fenómeno que influencia em termos económicos, sociais, mas também culturais o território, em especial na revigoração dos espaços rurais, refortalecendo a necessidade de uma arquitetura consciente e responsável. A autora relata ainda a arquitetura vernacular como a chave para uma construção sustentável, que se conecta com o clima e a geografia do espaço. Esta perspectiva de revigoração/movimentação e influência económica gerada pelo fator turístico que contribui para a dinamização destes locais, é também pronunciada na investigação de António Antunes denominada: *Arquitetura como fator de valorização turística*, utilizando um estudo de caso em que relaciona o local, o visitante e a estrutura da cidade. Esta segunda investigação aborda a noção de turismo, como este se desenvolveu ao longo dos anos, a sua

relevância em termos económicos e ainda o contributo da arquitetura para o desenvolvimento da atividade turística. (Antunes, 2020; Martins, 2012)

*Reabilitação sustentável: conjunto de edifícios no meio rural*, de Helena Magalhães, reforça a necessidade de valorizar o território e a sua identidade com a finalidade de fortalecer as componentes culturais e sociais, possibilitando uma harmonia entre natureza e atividade humana nos espaços rurais. Neste seguimento, procura-se o enaltecimento do património natural e cultural, reconhecendo o seu valor e identidade, com a finalidade de despertar o interesse do habitar em espaços rurais, quer seja de forma permanente ou temporariamente. Esta reflexão sobre a possibilidade de uma fixação de habitantes proporcionada através do turismo de habitação, contribuiu não só para o desenvolvimento das regiões, mas também o dar a conhecer estes sítios bem como a sua cultura, pode identicamente ser encontrada na investigação de Ricardo Teles, *Turismo e Reabilitação: Intervenção no Solar Vaz de Quina*. Este estudo, aponta ainda para duas interpretações distintas dos espaços rurais, uma que assinala a diminuição dos seus habitantes e, outra que se sustenta numa maior procura, embora temporária, que se associa ao lazer e consumo, mas que mantém estas zonas rurais ativas e combate a desertificação destes espaços. Deste modo, aborda-se a necessidade de criar estratégias que tornem estes lugares atrativos para a fixação de pessoas tendo em consideração que estes aglomerados acatem às necessidades dos seus moradores e visitantes, e de reabilitar o património edificado. (Magalhães, 2009; Teles, 2014)

*Reabilitação e sustentabilidade da arquitetura: arquitetura vernacular portuguesa*, de Alexandra Bento, explana a necessidade de reabilitar o património abandonado recuperando a sua relevância cultural com a finalidade de contrariar uma construção chamada de não sustentável. Identifica a modernidade como justificação do desinteresse do “antigo” e da arquitetura tradicional substituída por uma arquitetura que denomina por global e não criteriosa. Por conseguinte, contempla-se a reabilitação do antigo como uma atitude primordial sustentável no contexto arquitetónico. (Bento, 2017)

## II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 2.1 Espaço Rural

A definição de rural, de modo geral, apresenta uma conotação intimamente direcionada à prática da atividade agrícola e às áreas extrínsecas aos meios urbanos. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o conceito de rural advém do latim *ruralis* e pode ser definido por: 1. “*relativo ou pertencente ao campo ou à vida agrícola.*”, 2. “*rústico, agrícola, campesino.*” e 3. “*diz-se das freguesias que não estão situadas em cidade ou vila.*”. (Priberam, 2008)

O Glossário de Termos sobre Paisagem, apresenta uma perspetiva idêntica, definindo que as áreas rurais podem ser descritas por uma densidade populacional reduzida, denominadas de “campo” pelos habitantes que habitam fora desses meios, como cidades e vilas, e onde predominam atividades como a agricultura e silvicultura. (DGT, 2020, p. 18/19)

Álvaro Domingues, oferece uma interpretação mais ampla, elucidando que “*Rural é um adjetivo que qualifica culturas, visões do mundo, imaginários... e, por arrastamento, as gentes e a geografia, o território e as paisagens desses imaginários.*”, um termo que se assume como um “*arrastão*”. (Domingues, 2011, p. 121)

### 2.1.1 O “abandono” do Espaço Rural

Segundo Vânia Reis, outrora, os espaços rurais podiam ser descritos como uma porção de território que albergava uma grande parte da população, considerando que estavam associados a atividades do setor primário, como a agricultura e pecuária. Estas atividades exigiam uma grande quantidade de mão-de-obra, estabelecendo-se assim como o principal meio de obtenção de sustento para a maioria dos seus habitantes.

Em meados do Séc. XVIII, com o fenómeno da Revolução Industrial iniciado em Inglaterra, proporcionou-se um grande avanço tecnológico e o crescimento de cidades industrializadas, desencadeando, deste modo, novos meios e técnicas de produção agrícola, que consequentemente fomentaram alterações a nível social e económico nas áreas rurais. O trabalho do homem foi sendo substituído por máquinas que geravam uma produtividade semelhante ou superior e permitiram o desobstruir de uma parte da mão-de-obra anteriormente necessária. Em Portugal, no decorrer do início do século XX, a produção agrícola era ainda a atividade predominante nos meios rurais, contudo a precaridade dos rendimentos associados a esta prática aliada aos processos de industrialização, provocou a diminuição do emprego nos campos e a maior parte da população que habitava estas áreas passou a contemplar nas cidades industriais a solução para uma possível melhor qualidade

de vida. A fuga da população para cidades, levou ao chamado êxodo rural, que, no caso português é perceptível a partir de 1950-70, sendo a década de 60 a que apresenta maior intensidade de fluxos, observando-se um aumento da concentração de população nas cidades do litoral do país.

De acordo com André Lapidus, citado no livro *Vida no Campo* de Álvaro Domingues:

*“... faltam homens nos campos... As manufacturas e o comércio, mantidas pelos desmandos do luxo, acumulam os homens e as riquezas nas grandes cidades, opõem-se à melhoria das propriedades, devastam os campos, inspiram o desprezo pela agricultura, aumentam excessivamente o gasto dos consumidores, minam o sustento das famílias, contrariam a reprodução dos homens e enfraquecem o Estado.... É necessário afastar as causas que provocam o abandono dos campos, que acumulam e retêm as riquezas nas grandes cidades.”* (Domingues, 2011, p. 128)



*Campo*



*Cidade*

*Figura 1| Dualidade entre Campo e Cidade após a Revolução Industrial*

Entende-se por êxodo rural o movimento da população do campo para a cidade, ou seja, uma migração rural-urbana, o que resulta na urbanização acentuada das cidades, crescendo estas em termos demográficos e económicos. Este movimento desmesurado de população resulta no abandono do cultivo da terra provocando alterações sociais nas áreas rurais e consequentemente uma desarmonia nas paisagens, e num desequilíbrio que pode ser explicado tanto pelas condições precárias, como por processos migratórios sazonais (como o caso dos deslocamentos de trabalhadores temporários), e ainda pelo fator de emigração.

Paulo Peixoto considera que as ameaças relacionadas ao meio rural assentam em três princípios: demográficos, onde engloba “(...) o êxodo rural, a diminuição e o envelhecimento populacional ou o encerramento de escolas por escassez de alunos (...)”; económicos, no que diz respeito ao abandono da agricultura, da ausência de emprego, da falta de uma economia bem como o grande crescimento urbano; e culturais/morais que remete à estandardização dos valores culturais e atenuação das práticas sociais coletivas como resultado da movimentação da população. (Peixoto, 2002, p. 3)

Face a estes acontecimentos, estes lugares vão-se convertendo em meios quase abandonados, caracterizados por uma população na sua maior parte idosa, que se espelha numa taxa de natalidade baixa e um aumento previsível da taxa de mortalidade, repercutindo-se na desertificação destes meios rurais. As tradições e costumes característicos vão-se dissipando e a falta de população, que acarreta consigo uma carência na mão-de-obra disponível para as práticas agrícolas e de pecuária, faz com que estas tenham a tendência em desvanecer. “(...) a agricultura já não unifica a sociedade portuguesa e apenas resiste a agricultura de pequena escala.” Com o decorrer do tempo, a identidade desses locais vai-se desvanecendo. (Silva, 2015, p. 17)



Figura 2 | Aldeias Despovoadas

Poderá então considerar-se a desruralização, conceito que Álvaro Domingues nos define como *“o processo de mutação socio económica e territorial, resultante da perda de importância da atividade agrícola (agroflorestal e criação de gado) e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas. O recuo demográfico, o despovoamento e o abandono do solo agrícola são alguns dos factos (...)”*. Tratando-se este de um conceito que apresenta diferentes vertentes considera, ainda, que existem duas essenciais para explicar a complexidade destas alterações: a ausência ou a transfiguração da prática agrícola enquanto meio económico e a da transfiguração da cultura rural relativamente aos seus hábitos, modos de vida, crenças, tradições, comportamentos e a própria visão do mundo. (Domingues, 2011, p. 69)

Para Fernando Baptista, a noção de espaço rural era circunscrita por um antagonismo ao espaço urbano baseada em termos sociais e económicos. A nível económico, enquanto no espaço rural predominava a atividade agrícola, no meio urbano desenvolvia-se com base na indústria e modernização das técnicas. A nível social, na cidade prevaleciam relações formais, fortalecendo saberes e onde os hábitos/costumes se transfiguravam facilmente, enquanto no meio rural as relações eram mais informais, de interconhecimento, onde se valorizam as tradições, o conhecimento transmitido por diferentes gerações e também o sentido de comunidade, interajuda. Ainda acerca desta oposição entre rural e urbano, Álvaro Domingues, menciona *“Os significados e as hierarquias são semelhantes: cidade é o centro, o poder; campo é a vastidão dos territórios onde habitam os súbditos, o vulgo, a plebe, os rústicos..., ou os idiotas, e se produzem alimentos, lenha, carvão, ou outra coisas mais próximas das necessidades do corpo do que do espírito.”* (Domingues, 2011, p. 71)

Contudo, o rural sofreu diversas alterações e necessita de ser redefinido, não se limitando apenas à sua relação com a prática agrícola.

### **2.1.2 Uma “nova” visão do Rural**

*“Eu tenho passado estes dias na quinta e, coisa curiosa, começo a sentir-me cada vez melhor naquele vale solitário rodeado pela ameaça invisível da civilização. Vivo ali como um vagabundo, inebriado com o aroma das plantas silvestres e com os cantos da passarada e de outros bichos. Sinto-me bem, e cada vez me sinto menos ligado às ambições que fervilham na cidade fedorenta, empomada e engomada.”* (Leal, 2008, p. 3)

De acordo com Vânia Reis, os espaços rurais, outrora caracterizados como sendo lugares pouco atrativos em termos habitacionais, marcados pelo envelhecimento da população existente e consequente despovoamento e pobreza associada, redefinem-se. Passam a oferecer qualidade de vida, infraestruturas e vias de comunicação, atraindo assim habitantes e visitantes.

Paulo Peixoto diz que *“Qualquer artefacto patrimonial necessita, para subsistir e perdurar, de ser alvo de uma reinvenção ou de uma reactivação por indivíduos que o introduzem no seu quotidiano.”* Tal como as cidades, estes também se desenvolveram, tanto a nível de vias de comunicação como de infraestruturas, podendo encontrar a nível habitacional as mesmas condições presentes nas dos meios urbanos. Estes meios reconhecem-se pela qualidade de vida que podem oferecer, considerada por vezes superior à vivida nas cidades, onde é plausível a vivência sem ter de renunciar a necessidades imprescindíveis ao bem-estar. (Peixoto, 2002, p. 13)

O meio urbano não é o único a satisfazer as necessidades da população. Antes, era comum ser alvo do acolher da população pela sua atratividade em termos de oportunidades de emprego e uma melhor qualidade de vida. No entanto, atualmente, o meio rural tem vindo a ser procurado por diversos fatores. Muita população procura, a aquisição de terrenos destinados a atividades extra-agrícola, como turismo e lazer, aproveitando as características desses lugares, para promover e possibilitar experiências diretas com a cultura e tradições destes meios. Verifica-se ainda a aquisição, para investimentos em habitações secundárias, que se tornam quase como refúgios para fins-de-semana e/ou férias. Estas habitações sazonais, acabam, por sua vez, por se tornarem habitações principais, especialmente para emigrantes, a maior parte reformados que regressam às suas origens e aí pretendem residir até ao final das suas vidas.

*“(...) não é só a população dos meios rurais que procura satisfazer as suas necessidades nos meios urbanos, o contrário também existe, pois há cada vez mais uma procura de espaços – natureza por parte da população dos meios urbanos, que pretendem adquirir nos meios rurais uma vida mais tranquila, perto da natureza, fugindo ao stress e à poluição urbana.”* (Ramalho, 2016, p. 14)

Estes espaços rurais que se transformam agora em género de refúgios envolvidos pela natureza, carregam consigo memórias, tradições e costumes, que contribuem para a história dos mesmos, alguns desvanecem-se no tempo e outros vão sendo recuperados. Contudo, para preservar a identidade destes lugares torna-se crucial atrair novos habitantes/visitantes, bem como desenvolver novas atividades capazes de movimentar estas pequenas economias locais, para que proporcionem ofertas de trabalho nestes meios

com o objetivo de fixar pessoas. Existe, deste modo, a necessidade de preservar, recuperar, mas também alterar estes meios rurais, encontrando-se estes numa redefinição e consequente adaptação das suas novas funções.

*“As transformações recentes dos meios rurais, a crise que os atravessa, a perda de centralidade, das actividades agrícolas e os desafios que enfrentam configuram um cenário de mudança identitária desses lugares. Parece óbvio que a regeneração dos lugares em crise passa pela captação de novos residentes, visitantes, actividades económicas e mercados externos que absorvam os produtos da economia local. Mas passa também, uma vez que daí depende, precisamente, o sucesso desses objectivos, pela transformação da identidade simbólica desses lugares.”* (Peixoto, 2002, p. 13)

A atividade turística pode, deste modo, apresentar-se como um possível impulsionador do desenvolvimento e preservação da identidade destes meios, através do seu reconhecimento.

Bruno Alves descreve:

*“O turismo em aglomerados rurais é não só um factor de desenvolvimento económico para o espaço rural, como também uma forma de dar vida nova a estes espaços envelhecidos, quer em termos de população como de património arquitectónico. As vantagens são muitas e em todos os aspectos, para além da questão financeira que este comércio gera, existe a requalificação de meios rurais dos quais faz parte a história da nossa existência, ao qual se junta dar nova vida a actividades agrícolas e culturais até então condenadas a desaparecer, como diversas formas de artesanato típicas de cada região. Estes aspectos de preservação do nosso passado têm valor maior aquele que é gerado financeiramente (...)”.* (Alves, 2011, p. 22)

## **2.2 O turismo**

*“Os meios rurais reagem presentemente ao desenraizamento provocado pela globalização e às rápidas mudanças que resultaram em alterações no modo de vida, podendo o turismo, como contraponto, ser considerado uma forma de revitalizar estas áreas, numa reinvenção do espaço.*

*No nosso entender, existe um enorme potencial turístico destas áreas que passa a redescobrir o que já existia, mas agora com novas funções, manifestando-se das mais diversas formas e trazendo vantagens aos mais diversos níveis.”. (Sousa, 2014, p. 50)*

Lúcia Sousa argumenta que o turismo pode revitalizar áreas rurais, contrabalançando os efeitos da globalização e as mudanças rápidas no modo de vida, redescobrimdo o que já existia, mas com novas funções.

### **2.2.1 Conceito de Turismo**

O conceito de turismo está associado, de modo simplificado, ao ato de viajar durante um certo intervalo de tempo. Contudo, existem várias perspectivas de diferentes autores acerca deste conceito, considerando que nem todas as viagens realizadas podem ser descritas como turismo. De acordo com a interpretação de Mário Manso baseada no livro *Introdução ao Turismo*, de Licínio Cunha e António Abrantes, *“a definição de turismo é entendida, na sua forma mais simples, como a deslocação de pessoas, do seu lugar de residência a uma determinada região, durante um determinado período de tempo, tendo como principal objetivo a satisfação de necessidades e sempre com o regresso ao ponto de origem.”. (Manso, 2020, p. 11)*

Licínio Cunha e António Abrantes, consideram que a primeira definição de turismo data de 1910, fundamentada por Hermann Schrattenhoffen, que determina o turismo como *“o conjunto de todos os fenómenos, em primeiro lugar de ordem económica, que se produzem pela chegada, estadia e partida de viajantes numa comuna, província ou um estado determinado e, por consequência, estão diretamente ligados entre eles”*. Contudo, em 1942, esta noção sofre alterações, por Kurt Krapf e Walter Hunziker, que definem o turismo segundo *“o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal”*. De acordo com esta definição, não se considera turismo, se o motivo da viagem

estiver associado a uma prestação de serviços a uma determinada entidade, que implica uma renumeração associada a uma relação de empregado/empregador, contudo se estes dois fatores não se encontrarem diretamente ligados ao motivo da viagem, esta já pode ser considerada como turismo. (Cunha & Abrantes, 2013, p. 16)

Cunha e Abrantes consideram ainda, que atualmente, o conceito de turismo assenta em dois pontos, o conceptual e o técnico, o primeiro baseado na procura de *“uma definição capaz de fornecer um instrumento teórico que permita identificar as características essenciais do turismo e distingui-lo das restantes atividades”* e o segundo associa-se a uma perspetiva mais técnica a qual proporciona adquirir dados para estatísticos e legislativos. Deste modo, na vertente conceptual enquadrar-se-ia a interpretação de Kurt e Walter como a mais válida, no entanto, Mathienson e Wall, em 1982, apresentam uma definição mais complexa, sendo o turismo definido como o *“movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades”*. (Cunha & Abrantes, 2013, p. 16)

Na vertente técnica, considera-se a definição da Organização Mundial do Turismo (OMT), citada no trabalho de Ricardo Teles, o turismo corresponde ao *“conjunto de actividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros”* (Teles, 2014, p. 8). O Jornal Oficial das Comunidades Europeias apresenta uma noção de turismo similar à da OMT, *“As actividades realizadas por indivíduos durante as suas viagens e estadias em lugares distintos da sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios ou outros motivos.”*(Europeias, 1999, p. 32). Deste modo, subentende-se que para que seja considerado turismo pressupõe a viagem, um destino externo ao do seu quotidiano e a concretização de atividades por parte de quem se desloca.

De acordo com o Jornal Oficial das Comunidades Europeias, podem diferenciar-se três modos de turismo, tendo em consideração um determinado país: interno, quando os residentes de um país viajam dentro desse mesmo país, exterior ao seu ambiente habitual; recetor, quando um visitante estrangeiro visita um país diferente do seu de origem, como o caso de um turista estrangeiro que viaja para Portugal; e emissor, quando o residente de um país viaja para outro diferente, por exemplo a viagem de um residente em Portugal para outro país.

Segundo Ricardo Teles, o conceito de turismo pode ainda ser descrito assente na procura e oferta. Fundamentado na procura, entende-se que turismo é *“uma atividade relacionada*

*com a deslocação de pessoas para fora das suas áreas habituais de residência e trabalho, desde que essas mesmas deslocações não se venham a traduzir em permanência definitiva na área que estão a visitar, com as actividades realizadas durante a estadia e com as facilidades criadas para acolher e entreter os turistas.”*, por outro lado, baseado na oferta pode ser definido como *“um conjunto de actividades de negócios que directa ou indirectamente fornecem bens ou serviços que suportam as actividades de lazer e negocio realizadas pelas pessoas fora dos locais de residência habitual.”* (Teles, 2014, p. 8).

Com base nas definições apresentadas, turismo pode ser descrito como o conjunto de atividades, pressupondo o deslocamento de pessoas e a sua permanência temporária fora do seu local habitual de residência, durante um intervalo de tempo que não ultrapasse um ano, quer seja com a finalidade de lazer, negócios ou outro motivo desde que este não esteja diretamente relacionada a uma renumeração. A atividade turística engloba além das experiências dos visitantes, os impactos que produz tanto a nível económico, social e cultural das comunidades visitadas. Luciano Figueiredo considera ainda que *“o turismo é o principal responsável por uma grande parte da ocupação dos meios de transporte, dos hotéis, da estrutura de entretenimento e dos espaços de eventos”*. (Figueiredo, 2015, p. 13)

*“Praticar turismo é desejar sair da vida cotidiana e ir a descoberta do desconhecido, conhecer novas pessoas de diferentes culturas, desfrutar de novas paisagens. Resumidamente, o turismo é provar o que é diferente. Assim, a melhor definição para o turismo, é entendida pelo deslocamento de pessoas que saem do seu local de residência habitual por tempos determinados não sendo motivadas por razões que tenham a ver com o trabalho.”* (Figueiredo, 2015, p. 13)

## **2.2.2 História do Turismo**

### **2.2.2.1 Contexto Internacional**

O movimento turístico, enquanto atividade social e económica, encontra-se enraizado na história da humanidade, praticado desde a existência das civilizações mais antigas. Para Renato Ignarra, a história do turismo encontra-se fracionada em três momentos temporais: o turismo da antiguidade, o da idade média e o da idade moderna. A atividade turística inicia-se *“quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar, principalmente motivado pela necessidade de comércio com outros povos.”* Deste modo, o turismo surge inicialmente associado a um motivo económico ao invés de lazer, considerando que o turismo de negócio foi a primeira vertente de turismo que existiu. (Ignarra, 2013, p. 2)

Nesta época surgem também outras vertentes de turismo: o de desporto, na Grécia Antiga associado ao aparecimento dos primeiros jogos olímpicos; no Império Romano, as viagens com o objetivo de desfrutar de banhos termais a fim de curar problemas de saúde estabelecem um novo tipo de turismo, o de saúde, e ainda viagens associadas a lazer como a comparência a espetáculos e visitas a templos.

No decorrer da Idade Média, com a caída do Império romano e conseqüente organização da sociedade em feudos, as deslocações turísticas são menores uma vez que além do perigo associado ao ato de viajar era cobrado um imposto pelas deslocações efetuadas, por parte de cada Feudo. Contudo, este período está associado a movimentos religiosos, como refere António Antunes “*Embora nesta época as viagens tenham diminuído um pouco, surgindo em maior quantidade as peregrinações, tanto cristã, como islâmica, peregrinações (...)*” (Antunes, 2020, p. 15). Renato Ignarra refere ainda os movimentos realizados por intermédio das Cruzadas como uma exceção à baixa movimentação. Ainda durante esta época, surgem novas vertentes de turismo como o cultural e educativo, com o surgimento de deslocamentos de intercâmbio cultural, promovidos pelas famílias nobres que encaminhavam os filhos para serem instruídos nos centros culturais da Europa. Contudo, o final desta época é marcado por uma estagnação da atividade turística, uma vez que é caracterizado por catástrofes, epidemias e guerras.

O início da Idade Moderna é marcado pela evolução a níveis culturais e tecnológicos e pela criação de “*extensas vias de circulação de comerciantes ao longo do território europeu, primórdios das autoestradas hoje existentes.*” que proporcionaram o aparecimento de feiras que representam parte das deslocações turísticas, ainda nos dias de hoje. (Ignarra, 2013, p. 4)

Com o início do desenvolvimento industrial, os modos de vida alteram-se, dá-se “*o aumento da riqueza, a ampliação da classe de comerciantes e a secularização da educação*” fatores que despertam o interesse por culturas diferentes e de viajar, sendo esta atividade vista com um método educativo, dando origem ao conceito *grand tour*, viagens realizadas por jovens das classes média-alta, pela Europa, com a finalidade de promover a educação e a cultura. Com a Revolução Industrial e o avanço tecnológico, desenvolvem-se infraestruturas, entre elas linhas de ferro e navios a vapor, tornando as deslocações mais seguras e rápidas. Após o final da Segunda Guerra Mundial, o turismo internacional passa por um grande período de desenvolvimento impulsionado pela revolução tecnológica no setor industrial, possibilitando a aquisição de automóveis proporcionando uma maior liberdade.

De acordo com Telmo Fonseca, citado na pesquisa de Mário Manso, “*A expansão do turismo tem sido contínua nas últimas décadas, e a diversidade é a palavra de ordem. É o sector*

*que regista maior crescimento em todo o mundo, e estima-se que seja o 3º maior empregador do planeta, logo a seguir aos sectores do retalho e da agricultura.”. (Manso, 2020, p. 10)*

### **2.2.2.2 Contexto Português**

Em Portugal, o turismo apresentou um desenvolvimento marcante, influenciado por diversos fenómenos históricos e socioeconómicos. Este desenvolvimento contribui para a evolução em termos sociais, económicos e culturais do país ao longo do tempo.

O turismo terá chegado a Portugal mais tarde do que no resto da Europa, contudo o seu surgimento no contexto português não é bem definido. Segundo Luciano Figueiredo a história do turismo, em Portugal, está compreendida em três fases, sendo que a primeira se inicia no século XIII e dura até aos séculos XIV/XV, baseada na designação “*livre direito de viajar*” imposta pelos reis e que permitia a quem tivesse condições a possibilidade de viajar e abrigar-se gratuitamente.

Em outra perspetivada, de acordo com Licínio Cunha, apenas nos finais do séc. XIX Portugal se começa a preocupar com este setor. Altura esta em que o país ultrapassa por uma crise profunda proveniente de um endividamento externo desencadeado pelas obras públicas providenciadas por Fontes Pereira de Melo. Em 1893, Mariano de Carvalho, Ministro da Fazenda, deduz que “*Lisboa lucraria enormemente se pela afluência de passageiros, aqui ficassem quantias avultadas*”. (Cunha, 2010, p. 130)

No início do século XX, mais precisamente em 1906, a criação da Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP) estabelece-se como uma das primeiras formas estruturadas para promover o turismo tanto a nível nacional como internacional. O desenvolvimento do turismo representava um género de solução face ao estado de calamidade económico, sendo o turismo descrito por Leonildo de Mendonça e Costa como um “*veículo propagandístico para ajudar o país a sair da profunda crise social e económica que atravessava*”. (Cunha, 2010, p. 132)

Esta sociedade representava ainda um papel importante na divulgação dos recursos naturais, da história e do património de Portugal, sendo até então considerado um “*país ignorado*”, com a finalidade de atrair turistas. As várias iniciativas tomadas pela SPP tinham como objetivo promover o desenvolvimento do turismo e a consciencialização deste enquanto economia nacional. Uma das mais significativas foi a transformação de Lisboa num ponto de referência entre o centro europeu e o continente americano, através de diferentes iniciativas que se traduziram “*no estabelecimento de ligações diárias com Paris*,

pelo comboio “sud-express”, equipado com carruagens – cama, na atracação de barcos transatlânticos ao cais de Lisboa dos vapores da Booth Line e no estabelecimento de carreiras regulares entre Lisboa e Nova Iorque”. (Cunha, 2010, p. 133)

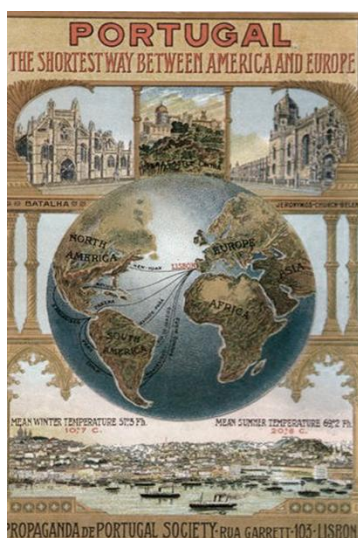


Figura 3| Primeiro Cartaz Turístico divulgado pela SPP, ano de 1907

Com a proclamação da República, a SPP começou a perder relevância e com a criação do organismo social, no ano de 1911, este começa a desempenhar as funções relativas à promoção e desenvolvimento da atividade turística, provocando a desmobilização da sociedade, que se torna praticamente irrelevante a partir do ano 1930. Simultaneamente, o deflagrar da I Guerra Mundial, provoca um decaimento na afluência turística a Portugal, contudo, apesar dos tempos difíceis “*continuaram a divulgar a Pátria, no estrangeiro, com a realização de conferências em vários países.*”, e em 1917 é criado o primeiro balcão de informação, em Paris, iniciativa que se estende por outros países. Ainda neste ano, o Concelho de Turismo determina a obrigação do setor hoteleiro melhorar as condições dos espaços.

Em 1936, o I Congresso Nacional de Turismo propõe uma análise à situação em que se encontrava Portugal decretando que o país não reunia as exigências estipuladas para o desenvolvimento turístico sendo necessário criá-las. Contudo, com o desencadear da Guerra Civil Espanhola, a atividade turística em Portugal estagnou, e os planos do congresso fracassaram. Estes fenómenos juntamente com o início da segunda Guerra Mundial acarretam dificuldades no setor turístico, e nesta altura Portugal é abrigo dos refugiados que encontra a sua liberdade no país. Apenas na década de 60, o turismo se desenvolve e consolida através do progresso social e económico. Luciano Figueiredo refere que “*Com o final da guerra reinicia-se a vontade de viajar motivada por negócios cultura, desporto,*

*reuniões científicas e políticas, a par de alguns fluxos verdadeiramente turísticos. Com o regresso da paz ao país e com o turismo em desenvolvimento, as peregrinações a Fátima começam também a ter uma certa evolução bem como as viagens à beira mar (...)”.* (Figueiredo, 2015, p. 11)

A Revolução de 1974, trouxe uma nova era de liberdade e abertura para Portugal, o que também causou impactos no setor turístico, uma vez que vários turistas queriam conhecer a história da Revolução. Com a democratização e a liberalização da economia, o turismo começou a expandir-se de forma mais dinâmica. Nos anos 80, a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE), foi um marco importante, proporcionando acesso a fundos europeus que ajudaram a modernizar as infraestruturas do país e a melhorar as ofertas turísticas.

A década de 90 foi marcada por eventos que elevaram a visibilidade internacional de Portugal. A Expo 98, realizada em Lisboa, foi um evento de grande impacto, atraindo milhões de visitantes, incluindo estrangeiros, e deixando um legado significativo na capital, como a modernização do Parque das Nações. Além disso, a classificação de locais históricos como património mundial pela UNESCO, como o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, ajudou a consolidar a imagem de Portugal como um destino cultural de alta relevância.

No século XXI, o turismo em Portugal continuou a crescer de forma constante. Lisboa e Porto emergiram como destinos turísticos populares, reconhecidos pela sua arquitetura, cultura e gastronomia. O Algarve manteve-se como um dos destinos de praia mais procurados da Europa, enquanto outras regiões, como o Alentejo e o Douro, ganharam destaque pelo enoturismo e turismo rural.

O país também apostou em diversificar a sua oferta turística, promovendo o turismo de natureza, com destaque para as áreas protegidas e parques naturais, e o turismo de saúde e bem-estar. A promoção de festivais culturais e eventos internacionais também contribuiu para atrair um público diversificado.

O turismo em Portugal é hoje um dos pilares da economia nacional, representando uma importante fonte de receita e emprego. A combinação do património histórico, recursos naturais, gastronomia e hospitalidade continua a atrair milhões de estrangeiros todos os anos.

### 2.2.3 Tipos de Turismo

De acordo com Mário Manso e Luciano Figueiredo, existem diferentes tipos de turismo que podem ser classificados consoante os diversos motivos que levam as pessoas a deslocarem-se e pelas características da região de destino. Deste modo, os principais tipos de turismo são: turismo de repouso, cultural, étnico, político, de negócio, de desporto, de saúde e/ou de natureza. (Figueiredo, 2015, p. 16; Manso, 2020, p. 13)

Facultando uma breve definição de cada tipo:

- > Turismo de repouso: a deslocação tem como propósito principal o relaxamento, tanto a nível físico como mental, favorecendo a saúde e/ou com o objetivo de suprimir o stress da rotina habitual. Associam-se, normalmente, regiões caracterizadas como calmas, que permitem a proximidade com a natureza, como o caso dos espaços rurais, lugares termais e estadias em territórios montanhosos;
- > Turismo cultural: diz respeito a experiências relacionadas a aspetos culturais, ao anseio de aprofundar o conhecimento acerca da cultura e património de uma região, explorando as suas tradições, história, arte, entre outros aspetos como a arquitetura. Como por exemplo, visitas a museus e monumentos históricos.
- > Turismo étnico: relativo a viagens com a finalidade de conhecer e experimentar a cultura, o estilo de vida e tradições de um determinado grupo étnico, visando a interação com a comunidade e as práticas culturais do local visitado.
- > Turismo político: alusivo a deslocações com a finalidade de participar em eventos políticos como o caso de congressos, manifestações e locais de importância política e histórica.
- > Turismo de negócio: referente a viagens efetuadas relacionadas a fins profissionais, como a participação em reuniões, conferências, feiras de negócio e eventos corporativos. Este tipo de turismo inclui as viagens planeadas para os trabalhadores que têm como finalidade a participação em reuniões noutras regiões/países.
- > Turismo de desporto: abrange o movimento dos visitantes de modo a observar ou participar em atividades desportiva. Este movimento pode ser passivo, quando a viagem tem como objetivo assistir, ou ativo relacionado à prática da atividade. A deslocação, por exemplo, de pessoas para assistir aos jogos olímpicos é considerado turismo de desporto.
- > Turismo de Saúde: engloba as viagens relacionadas à saúde em geral, como a necessidade de tratamentos, cirurgias e/ou terapias. De acordo com Adriana Moraes, este tipo de turismo engloba ainda o turismo de bem-estar que define como *“atividades turísticas motivadas pela busca da promoção e manutenção da saúde realizada por meio de tratamentos acompanhados por equipas de profissionais de saúde*

*especializados, que visam a diminuição dos níveis de estresse, além da aprendizagem e manutenção de uma vida saudável e equilibrada e até mesmo a prevenção de determinadas doenças.” e o turismo médico-hospitalar “Deslocamentos motivados pela realização de tratamentos e exames diagnósticos por meio do acompanhamento de recursos humanos especializados e integrados em estruturas próprias, tendo como objetivo tanto a cura ou a amenização dos efeitos causados por diferentes patologias, como fins estéticos e terapêuticos. Neste caso, esta atividade engloba procedimentos e tratamentos medicinais, odontológicos, cirúrgicos e não-cirúrgicos.”. (Moraes, 2012, p. 9)*

- > **Turismo de natureza:** este tipo tem como principal objetivo a observação e compreensão da natureza e da sua história, sendo caracterizado tendo em conta duas vertentes do turismo, o ambiental, que corresponde “*aos fenómenos da terra, do mar e do céu*”; e o ecológico, correspondente a deslocações com o objetivo de usufruir do meio ambiente e participar de atividades ao ar livre, sem danificar o ecossistema onde se insere. Este tipo, incorpora o turismo de aventura e o turismo rural. (Figueiredo, 2015, p. 17)

#### **2.2.4 Turismo em Espaço Rural**

*“O ambiente rural tem assistido nos últimos anos à redescoberta pela população urbana, que, de uma forma crescente, procura locais de fuga do quotidiano urbano cada vez mais exigente, procurando a vivência de experiências e o contacto com realidades culturais e ambientais que só estas áreas proporcionam. A actividade turística rural responde ao crescente interesse pelo património natural e cultural.”(Teles, 2014, p. 18)*

Na interpretação de Lúcia Sousa “*o desenvolvimento do espaço rural enquanto espaço turístico é efeito de um desencantamento com o estilo de vida urbano e uma consequente necessidade de regressar às origens e outras características positivas, como, por exemplo a variedade da paisagem, a diversidade cultural, o carácter único, o nível de preservação, o nível de perturbações (políticas/ de segurança) e as facilidades de acesso. Assim, o turismo em áreas rurais tem vindo a destacar-se enquanto política de desenvolvimento rural como resposta à necessidade de desenvolver o interior do país.*”. (Sousa, 2014, p. 42)

De acordo com a Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), o turismo em espaço rural proporciona, além do desenvolvimento dos meios rurais, o reviver de práticas, valores e tradições a quem os visita, sendo estes elementos variáveis de acordo com a sua região.

*“Visto pela perspectiva do desenvolvimento rural, o turismo no espaço rural é uma das atividades mais bem colocadas para assegurar a revitalização do tecido económico rural, sendo tanto mais forte, quanto conseguir endogeneizar os recursos, a história, as tradições e a cultura de cada região.*

*Ele é não só um fator de diversificação das atividades agrícolas, como um fator de pluriatividades através da dinamização de um conjunto de outras atividades económicas que dele são tributárias e que com ele interagem. (...)*

*Importa, pois, promovê-lo de forma harmoniosa e sustentada, no respeito pelas diferenças que caracterizam cada região e pelos requisitos de qualidade e de comodidade exigidos pela clientela que o procura.” (DGADR, 2013b)*

Com base nos elementos citados, o governo define turismo rural como *“um produto completo e diversificado que integra as componentes de alojamento, restauração, animação e lazer, baseado no acolhimento hospitaleiro e personalizado e nas tradições mais genuínas da gastronomia, do artesanato, da cultura popular, da arquitetura, do folclor, e da história.”* (DGADR, 2013b)

A DGRADR considera ainda que o turismo em espaço rural apresenta características distintas das restantes modalidades do turismo, em geral. Deste modo, entende que o turismo rural deve: localizar-se em áreas rurais com uma conexão forte e tradicional à agricultura, meio ambiente e a paisagens predominantemente rurais; envolver atividades e serviços, proporcionando várias formas de hospedagem e entretenimento/lazer; respeitar a escala e as características arquitetónicas típicas da região, recorrendo a materiais de construção tradicionais, de modo a manter a identidade local; estar associado a comunidades que preservam os valores, modos de vida e tradições; promover o desenvolvimento tendo em conta as características rurais da região, utilizando os recursos locais e conhecimentos tradicionais, diferenciar-se de acordo com a variedade do ambiente, economia, e singularidade da história, tradições e cultura da região; e proporcionar um acolhimento personalizado, seguindo a tradição de bem receber da comunidade onde se insere. (DGADR, 2013a)

Bruno Alves, considera que o turismo em espaço rural se reparte em modalidades, entre as quais: turismo de habitação, turismo de aldeia, agroturismo, casas de campo, hotéis rurais e parques de campismo rurais. Estas modalidades enquadram-se todas em contextos rurais, respeitando a arquitetura e estilo típico da região onde se inserem, possibilitando diferentes alojamentos e experiências, desde o contato com a natureza, história, cultura e tradições destas regiões.

- > Turismo de habitação: corresponde a alojamentos particulares de carácter familiar, como o caso de casas senhoriais ou solares históricos, normalmente com valor arquitetónico e histórico distinto, características de determinada época. Possibilitam a estadia em ambientes que preservam a história e a identidade cultural da região.
- > Turismo de aldeia: refere-se ao *“serviço de hospedagem prestado num conjunto de, no mínimo, cinco casas particulares situadas numa aldeia e exploradas de forma integrada, quer sejam ou não utilizadas como habitação própria dos seus proprietários”*. Estas habitações devem apresentar características arquitetónicas relacionadas com as do meio onde se inserem, de modo a se enquadrar na malha rural existente. Esta modalidade permite uma experiência imersiva na vida da aldeia, oferecendo a oportunidade de conhecer as suas tradições, costumes, festividades e gastronomia. (Figueiredo, 2015, p. 38)
- > Agroturismo: corresponde à hospedagem em propriedades agrícolas, proporcionando aos seus visitantes o contato direto com a vida agrícola, a aprendizagem dos métodos agrícolas praticados, e ainda a possibilidade de estes participarem nos trabalhos tradicionais realizados de acordo com as regras estabelecidas pelos proprietários. Semelhante a esta modalidade, surgiu posteriormente o enoturismo, com características idênticas, mas relacionado à produção vinícola.
- > Casas de campo: pequenas unidades de alojamento rural, são frequentemente construções rústicas ou reabilitadas que se integram na arquitetura e estilo típico da região.
- > Hotéis rurais: *“Na sua maioria são reabilitações de antigas casas agrícolas, ou outro tipo de habitações que em tempos desempenharam funções ligadas a agricultura como por exemplo lagares, moinhos ou quintas ligadas a pecuária, sendo reabilitadas e desempenhando a função de hotel. Geralmente estes imóveis são compostos por um número determinado de quartos individuais ou de casal e por uma zona de restauração incorporada ou não no mesmo edifício.”* (Alves, 2011, p. 21)
- > Parques de campismo rurais: *“terrenos destinados permanente ou temporariamente à instalação de acampamentos, integrados ou não em explorações agrícolas, cuja área não seja superior a 5000m<sup>2</sup>.”* (Teles, 2014, p. 24)



#### *Modalidades de Turismo em Espaço Rural*

*Figura 4| Turismo de Habitação, Solar de Serrade (Monção)*

*Figura 5| Turismo de Aldeia, Branda da Aveleira (Melgaço)*

*Figura 6| Agroturismo (Melgaço)*

*Figura 7| Casas de Campo (Ponte de Lima)*

*Figura 8| Figura 1| Hotel Rural, Quinta S. Miguel de Arcos (Vila do Conde)*

*Figura 9| Parque de Campismo Rural, Lapa dos Gaivões (Arronches)*

Existem ainda autores como o caso de Luciano Figueiredo, que enquadram dentro do turismo em espaço rural a vertente de turismo rural, sendo esta associada ao tipo de atividades praticadas. Figueiredo elucida que turismo rural pode ser caracterizado como “*uma série de actividades destinadas a promover o contacto direto com o campo e a natureza, bem como promover os costumes e preservar o património histórico de cada região. Sendo, também responsável por uma percentagem de rendimento para a região local.*”. (Figueiredo, 2015, p. 33)

A UN Tourism, define turismo rural como “*um tipo de atividade turística em que a experiência do visitante está relacionada a uma ampla gama de produtos geralmente*

*ligados a atividades baseadas na natureza, agricultura, estilo de vida/cultura rural, pesca e turismo.”. (UN Tourism)*

No entender de Telma Faria, o turismo rural é *“algo que acrescenta valor turístico a: zonas rústicas, recursos naturais, património cultural, povoações rurais, tradições locais e produtos campestres; produtos de marca, ilustrativos de identidades regionais, suprimindo as necessidades dos consumidores em termos de alojamento, restauração, actividades de lazer e recreação; ao desenvolvimento local sustentável e como uma resposta adequada para as exigências de lazer da sociedade moderna, constituindo um novo pacto social e territorial entre cidade e campo.”*. Considera ainda que o turismo rural é o produto de transformações no espaço rural resultantes da *“multiplicação de actividades e do reconhecimento do turista consumidor, espelho da sociedade moderna que procura novas formas de lazer e identidade.”*. (Faria, 2009, p. 8)

O turismo em espaço rural, ao promover o desenvolvimento económico local e a preservação das tradições culturais, desempenha um papel fulcral no fortalecimento das comunidades rurais. No entanto, é crucial entender os impactos positivos e negativos desta atividade. Xerardo Pérez, considera como impactos económicos e socioculturais benéficos do turismo, os seguintes pontos: *“diversificação e revitalização da economia local”*, englobando o desenvolvimento de atividades, a criação de emprego, incentivo à produção de bens e serviços como o comércio e o artesanato; *“efeitos na hotelaria (iniciativa local)”*; *“efeitos no artesanato”*, no que concerne à dificuldade na instrução do ofício e transmissão de conhecimentos; *“efeitos no comércio”*, oportunidade de conceber novos produtos locais; *“efeitos na indústria da construção”*; *“efeitos no emprego”*; *“reabilitação e conservação do património cultural”*; *“investimentos e despesas públicas”*. Pérez reflete ainda sobre os impactos positivos abordados por Dernoï, o qual considera que o turismo rural, a nível europeu, *“se orientar eticamente as políticas: deve servir para gerar ingressos complementares às actividades produtivas tradicionais, diversificando a economia rural.; reduzir a emigração criando alternativas de emprego.; promover a transferência de ideias entre o mundo rural e urbano.; melhorar as infra-estruturas e os equipamentos do espaço rural.”*. (Pérez, p. 280)

Este tipo de atividade apresenta, contudo, alguns desafios. Luciano Figueiredo considera os seguintes impactos negativos: o facto de ser uma atividade desenvolvida em ambientes caracterizados como sensíveis, o que pode provocar transformações negativas nos seus recursos naturais (vegetação, solo, fauna, flora); *“ameaçar a calma, a paz e a autenticidade existente”*; a possibilidade de excesso de visitantes, *“afetando a capacidade atrativa da área enquanto destino, bem como, afetar o contexto de vida das populações”*; a aquisição

de hábitos externos à região em questão; a sobrevalorização do custo de vida nestes meios, e ainda divergências entre os visitantes e os moradores. (Figueiredo, 2015, p. 48)

Joaquim Miranda relata que:

*“O turismo detém um papel muito relevante na conservação do património cultural e natural, porque os rendimentos realizados, possibilitam intervenções no património monumental.*

*Mantendo-se as mesmas funções, os espaços poderão ser estruturados para fruição do público, através de utilizações culturais, galerias de arte, exposições temporárias, concertos, conferências, ...*

*(...) Constata-se deste modo que o turismo é a mola financeira impulsionadora da conservação de monumentos e sítios património.*

*Daí a importância do turismo como valor protetor da Autenticidade, porque o turista cultural é exigente relativamente ao valor genuíno do património histórico a visitar, implicando necessariamente um maior cuidado no tratamento e conservação dos monumentos e sítios.” (Miranda, 2015, p. 184/185)*

### **2.2.5 Relação entre Turismo e Arquitetura**

*“(...) a arquitetura tanto pode ser entendida como parte de um processo de interpretação de um programa turístico, baseado na sua identidade ou autenticidade, que procura reabilitar e valorizar o meio onde actua; ou como se pode distanciar e traduzir um conjunto de escolhas feitas por tendências e estudos de mercado.” (Teles, 2014, p. 12)*

No entender de António Antunes, na década de 80 após o abandono dos centros das cidades, estas encontravam-se perante uma crise pós-industrial, marcadas por edifícios e infraestruturas deterioradas, sendo necessário o planeamento de medidas de modo a *“revitalizar a cidade; o centro urbano”*. *“O objetivo era promover a cultura urbana, para tal era necessário a existência de novos projetos inovadores, criando espaços de lazer mais cómodos, mais salubres, e revitalizar a malha urbana.”* Deste modo, tanto o turismo quanto a Arquitetura ganham outro impacto. Para o autor a arquitetura *“trata da imagem urbana”*, concebendo uma idealização mais apelativa e atrativa para os visitantes. Assim sendo, a Arquitetura em conjunto com o turismo proporciona o lembrar, tanto da cultura, quanto da história, evocando as características dos mais diversos locais. A *“imagem”* que

uma cidade dispõe, apresenta assim um ponto primordial na chegada de novos visitantes, sendo que é através da Arquitetura que essa mesma “imagem” é concretizada. Antunes refere:

*“O Turismo entra como responsável pela imagem da cidade, tornando-a mais cativante, a Arquitetura é quem vai realizar essa imagem. Essa imagem é conseguida através de símbolos representativos tanto da história antiga, como da atual, ou seja, reabilitando e requalificando o património, ou ainda criando algo novo.”* (Antunes, 2020, p. 32)

No entender de Antunes a Arquitetura *“é a representação icnográfica da cidade. Os seus monumentos, os seus museus, edifícios icónicos, espaços públicos, jardins... São estes os espaços por onde vão deambular os visitantes, os turistas.”* Contudo, uma maior procura turística implica um investimento a nível político. Este por si, sustenta-se na vertente arquitetónica, a qual permite a compreensão de carências urbanísticas e novos métodos que contribuam para uma maior afluência turística, conservando simultaneamente a cultura dos locais. (Antunes, 2020, p. 34)

O turismo, todavia, aparece também intimamente conectado a uma vertente económica, por vezes de forma negativa. No entanto, além de contribuir para as economias locais, Antunes considera que a entrada de verbas pode proporcionar um maior investimento turístico e consequentemente investir no melhoramento do património existente ou até mesmo na conceção de novos edifícios e espaços enriquecedores para região.

*“Na realidade, é através das receitas do turismo que existem mais verbas para a preservação do património, ou seja, a visão de que o turismo vem acabar com o património é um pouco contraditória, uma vez que, esse setor contribui economicamente para a regeneração patrimonial.”* (Antunes, 2020, p. 38)

Considerando a evolução dos tempos, bem como as necessidades turísticas que se vão alterando, a imagem dos locais também vai evoluindo, apurando a sua “imagem”, não desprezando, contudo, a história que carregam, sendo também importante o exercício de conciliar o passado e o presente. Deste modo, *“(...) a Arquitetura, tem um papel de “transformador” de cidades ao serviço do Turismo.”*, quer seja na sua reabilitação, recuperação, requalificação ou até mesmo em termos de novas construções com a integração de novos estilos. Porém, para que ocorram essas transformações é necessário investimento, e dessa forma, poderá considerar-se que também a vertente arquitetónica está associada à económica. Antunes defende ainda que *“O que destrói o património não é o turismo, mas sim a estagnação do tempo.”* (Antunes, 2020, p. 36)

O arquiteto representa um papel importante nesta reinvenção dos locais, no planeamento de espaços quer sejam novos ou, na conservação, preservação e reabilitação do existente e, por conseguinte, das experiências/vivências que estes poderão proporcionar. António Antunes alude que:

*“Os arquitetos devem olhar para o espaço urbano como um todo, verificar o seu património, verificar as potencialidades do local, quais são as suas necessidades, tanto a nível de edifícios, como espaços exteriores, garantindo novas dinâmicas, novas experiências, e, por conseguinte, novos consumos.*

*(...) cabe ao arquiteto a salvaguarda e a inovação do património urbano. Tem o poder de destruir, ou pelo contrário, potencializar, o interesse turístico de um determinado local.*

*(...) os arquitetos têm a oportunidade de travarem essa destruição, adaptando elementos já existentes, mas que estavam degradados, a novos usos, dando-lhes uma nova vida, e prolongando a sua validade.” (Antunes, 2020, p. 37)*

Contudo, esta perspetiva sobre a visão do papel do arquiteto por vezes demonstra não corresponder à realidade. Num tempo marcado pelo consumismo, Antunes refere, que a imagem que o edifício apresenta se tornou a prioridade, a idealização de criar algo que se destaca do existente com o intuito de captar atenção dos seus visitantes é um quase um critério imposto ao arquiteto. Não obstante, o autor considera que mesmo perante um tipo de arquitetura que considera “excêntrica”, o arquiteto deverá ter em atenção a história e cultura a transmitir, de modo a contrariar o empobrecimento da cultura arquitetónica.

*“É muito fácil empobrecer a cultura arquitetónica, exibindo construções apenas com a função de serem mediáticas, como arquitetos, temos de ter essa preocupação, não procurando apenas o mediatismo. Temos de nos evidenciar, de nos destacar, sem empobrecer toda uma cultura, pois, o turismo, também serve para dar a conhecer a cultura de uma cidade, ou país.” (Antunes, 2020, p. 44)*

*“Ao renovarmos, ou construindo de novo, devemos-nos preocupar não só com a parte cultural e económica, mas também com a segurança das pessoas, na sua acessibilidade, para que o público em geral possa usufruir, e não apenas uma parte. Deve ter como principal preocupação a funcionalidade do espaço, respondendo a todas as questões inerentes a estes espaços visitáveis.” (Antunes, 2020, p. 49)*

## 2.3 Reabilitação Arquitetónica

*“(...) a acção de inserir uma reabilitação num espaço, determina-se como sendo um elemento fulcral para a distinção da capacidade de um centro urbano ou rural se tornar num atractivo turístico, onde particularidades como a memória, identidade espacial, percepção e relação com o espaço envolvente constituem os elementos de maior relevo estratégico.” (Teles, 2014, p. 16)*

Mariana Castro elucida que:

*“É este o verdadeiro sentido da reabilitação, reinterpretar o antigo e conjugar os diversos tempos para que nada se perca. Assim é feita a cidade, de parcelas de vários tempos que, num todo, se complementam e criam uma verdadeira história. A história que hoje é presente mas que amanhã será passado.”. (Castro, 2018, p. 16)*

Deste modo, entende-se, de maneira simplificada, que a reabilitação arquitetónica não se interpreta apenas como um ato físico, mas também como um método que abarca a memória, a identidade e a passagem do tempo inerente aos lugares, quer sejam eles rurais ou urbanos. A reabilitação permite ainda o reviver da história, na medida em que permite que o que outrora foi passado permaneça enraizado no presente e, assim, sucessivamente com o passar do tempo, contribuindo para o enriquecimento histórico e cultural dos locais.

### 2.3.1 Conceito de Reabilitação

Associa-se ao conceito de reabilitação, de modo sintético, o processo de recuperar/adaptar determinado edifício com a finalidade de lhe devolver uma função, quer seja a mesma para qual foi projetado, ou para desenvolver um novo uso, mantendo, contudo, a identidade e memória do lugar, como o pretendido neste trabalho.

De acordo com o Colégio de Património Arquitectónico (CPA), reabilitação consiste na *“Intervenção integrada de adaptação de uma construção ou sítio com o objetivo de permitir a sua utilização, que procura melhorar os seus níveis de desempenho e implica a preservação dos valores com significado cultural nele existentes.”* (Arquitectónico, p. 1)

Segundo a Carta do ICOMOS – Recomendações Para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico, entende-se por reabilitação o *“Processo para se adaptar um edifício a um novo uso ou função, sem se alterarem porções do edifício que sejam significativas para o seu valor histórico.”* (ICOMOS, 2003, p. 22)

Alexandra Bento, considera que o processo de reabilitação se caracteriza por ser distinto em relação à construção nova e, portanto, exige *“uma maior análise, contenção, rigor e sensibilidade, de modo a respeitar a história e a cultura, a preservar a sua “artisticidade”, e a conservar os materiais, estruturas e sistemas construtivos do edificado pré-existente.”* (Bento, 2017, p. 31). A autora considera ainda, que o ato de requalificar e reabilitar permite a transformação das cidades convertendo-as em *“mais atrativas e dinâmicas”* e, conseqüentemente, proporciona desenvolvimento em termos económicos. Além do desenvolvimento económico, no *Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios*, os autores acrescentam que, a reabilitação, possibilita *“a defesa/salvaguarda de bens culturais e patrimoniais; a melhoria das condições de vida e de consumos energéticos e dinamização social”*. (Tavares, Costa, & Varum, 2011, p. 3)

Em termos económicos, a reabilitação permite a revitalização dos espaços, através da criação de novos usos e espaços que proporcionam a fomentação de atividades *“A reabilitação dos centros urbanos consolidados tem-se tornado assim uma “prioridade política” pois constitui o instrumento necessário preponderante à sua revitalização económica das cidades, através da oportunidade de introduzir novos usos e programas – criando novos espaços para o comércio, empresas e escritórios, turismo, restauração e habitação de qualidade – reavivando a competitividade, a procura.”*. (Bento, 2017, p. 32)

Consideramos, no entanto, que tais factos, podem também ser aplicados aos meios rurais, uma vez que estes meios outrora caracterizados pelo abandono e degradação do seu edificado, quando devidamente reabilitados e recuperados instigam à procura dos mesmos. Visto que, como considerado anteriormente, assiste-se cada vez mais à procura do meio rural, quer seja para turismo ou habitar.

Como outros autores, Bento, faz referência à memória e cultura dos lugares:

*“Além da competitividade, da geração de procura e criação de novos postos de trabalho, a reabilitação de edifícios é também o modo direto de intervir no passado e reavivar a sua memória, através de estratégias de conservação e restauro do que “sobra” do património edificado, preservando assim, a cultura inerente a cada lugar.”* (Bento, 2017, p. 32)

De modo complementar, Helena Magalhães refere *“As intervenções de reabilitação ou requalificação do tecido urbano e não urbano, através de operações de conservação e restauro, são condições imprescindíveis para preservar o passado, mas também para permitir que esses mesmos centros vivam o presente e o futuro, evitando que se tornem num espaço em “crise” com a sua identidade.”* (Magalhães, 2009, p. 18)

Conforme o *Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios*, entende-se por reabilitação “qualquer acção que assegure a sobrevivência e a preservação para o futuro de: edifícios, bens culturais, recursos naturais, energia ou outra fonte de conhecimento com valor.” (Tavares et al., 2011, p. 5). Esta ação tem como pressuposto uma análise consciente e pertinente da estrutura e tipologia do edificado em questão, sendo que, quando se procede à destruição integral do interior, conservando apenas as fachadas não é considerado um processo de reabilitação.

Com base no artigo 2º do Decreto-Lei nº. 307/2009, de 23 de outubro, posteriormente reformulado pela Lei nº. 32/2012, de 14 de agosto, entende-se por reabilitação de edifícios “a forma de intervenção destinada a conferir adequadas características de desempenho e de segurança funcional, estrutural e construtiva a um ou a vários edifícios, às construções funcionalmente adjacentes incorporadas no seu logradouro, bem como às frações eventualmente integradas nesse edifício, ou a conceder-lhes novas aptidões funcionais, determinadas em função das opções de reabilitação urbana prosseguidas, com vista a permitir novos usos ou o mesmo uso com padrões de desempenho mais elevados, podendo compreender uma ou mais operações urbanísticas”. (Diário da República, 2009, p. 7958)

### **2.3.2 Reabilitação de Espaços Rurais**

“A reabilitação procura sempre devolver a memória e história aos edifícios e cidades, assim sendo, a reabilitação rural não foge à regra.” (Castro, 2018, p. 14)

No entender de Tânia Ramalho, a noção de reabilitação, durante algum tempo, estava correlacionada à recuperação do património arquitetónico de natureza monumental como o caso de igrejas, palácios, castelos, entre outros. Todavia, esta noção foi-se alargando incluído também edifícios de outro carácter, desde casas populares, ruas, quarteirões, etc. (Ramalho, 2016, p. 37)

O edificado que caracteriza os meios rurais, não é exceção. Apesar de a maior parte do edificado poder ser caracterizado como construções anónimas, muitas delas degradadas ou até mesmo devolutas, como o caso de antigos apoios agrícolas denominados por palheiros, abrigos de pastores e animais, moinhos e outros. Este tipo de construções, muitas delas associadas a atividades do setor primário, retratam a identidade dos locais. Deste modo, a reabilitação deste edificado torna-se sinónimo do manter de uma identidade, da memória, da cultura, da história e também da arquitetura relativa aos espaços rurais.

*“(...) estas construções são reflexo de um povo que dedicava a sua vida a lide do campo, possuem características únicas, singulares, do ponto de vista arquitetónico, funcional e temporal, fazendo parte da história rural.”* (Ramalho, 2016, p. 37)

*“Se por um lado se subverte a logica das construções rurais a uma conjuntura atual de repouso e lazer, introduzindo distintos valores e usos no antigo espaço edificado que servia ao mesmo tempo de habitação, abrigo dos animais e instrumento agrícola, por outro, a reabilitação de antigos edifícios é uma ação que os dota de um uso que potencia a preservação do património, que se encontra em estado de abandono. Para além dos monumentos, a valorização de alguns centros históricos e aglomerados rurais generalizou-se de forma a preservar uma herança cultural em vias de extinção.”* (Frederico, 2016, p. 64)

Ramalho ainda considera que as construções ligadas, como anteriormente referido, à lide do campo, *“ficaram perdidas no tempo e que hoje em dia, na maioria das vezes, dão lugar a ruínas.”* Existem também edifícios religiosos e educacionais como o caso da antiga escola primária de Corgas, a analisar posteriormente, que também necessitam de intervenção. Como referido:

*“(...) bem como arquitetura religiosa e educacional apesar de serem construções não tão desgastadas, necessitam também de ser alvo de intervenção. Assim sendo é necessário revitalizar os espaços e as construções dos meios rurais, podendo atribuir-lhe outras funções (como por exemplo habitação para turismo).”* (Ramalho, 2016, p. 38)

### **2.3.3 Critérios de Classificação e Valor do Edificado**

*“Cada edifício tem características singulares que o tornam único. Assim, não podemos generalizar o processo de reabilitação. A classificação dos edifícios tem bastante influencia no tipo de intervenção que posteriormente será realizada.”* (Teles, 2014, p. 42)

Ricardo Teles com base na publicação de Vasco Rato, *Conservação do Património Histórico Edificado Sistematização de Princípios Gerais*, apresenta três critérios de classificação de edifícios: histórico e cultural, técnico/científico e estético/social.

- > Critério histórico e cultural: associado a edifícios que se expressam como um símbolo histórico e contribui para a identidade cultural, tanto para o país como para as populações, isto é, *“aqueles que apresente um valor histórico significativo, todos os edifícios que representem um legado da fixação humana bem como das suas actividades num determinado espaço e ainda todos os que pertençam a um determinado movimento, corrente ou tendência arquitectónica.”*. Neste critério enquadra-se, por exemplo, palácios, igrejas, conventos. (Teles, 2014, p. 42)
- > Critério técnico/científico: edifícios que se destacam pela sua relevância em termos dos materiais e das técnicas construtivas adotadas, em outros termos pela sua conceção arquitetónica.
- > Critério estético/social: corresponde a *“edifícios que se destaquem pela sua integração no meio envolvente, bem como pela sua componente e qualidade estética, ilustrando a evolução da sociedade sem prejuízo do meio onde se inserem.”*. Desta forma, este critério relaciona-se à qualidade arquitetónica inerente aos edifícios. (Teles, 2014, p. 43)

Em relação ao valor do edificado, este, muitas das vezes, é associado diretamente à vertente económica. Contudo, de acordo com o *Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios*, o valor intrínseco ao edificado antigo pode ser cultural, emocional e de uso. (Tavares et al., 2011, p. 9)

- > Valor cultural: incorpora *“valores documentais, valores históricos, valores arqueológicos ou de antiguidade, valores estéticos, valores arquitetónicos, valores do lugar, valores paisagísticos ou ecológicos, valores tecnológicos ou científicos;”*.
- > Valor emocional: inclui *“valores associados à identidade, continuidade de leitura histórica, respeito ou veneração/reconhecimento, factores simbólicos ou espirituais;”*.
- > Valor de uso: abarca *“valores funcionais, valores económicos (incluindo os de natureza turística), valores sociais (interligados com os de identidade e continuidade.”*.

#### **2.3.4 Níveis de Reabilitação**

O processo de reabilitação encontra-se diretamente ligado ao estado de conservação em que se encontra o edifício a reabilitar.

*“(...) uma classificação que caracterize o estado geral de conservação dos edifícios, efectuada segundo alguns patamares (que têm obviamente raízes e fundamentação em estudos e análises a desenvolver previamente) (...) permite, (...) melhorar a gestão do processo de reabilitação já que se torna possível prever o grau de profundidade das intervenções de recuperação/beneficiação a*

*desenvolver e adquirir uma ideia geral quanto ao tipo, formas e meios de actuação reparadora a mobilizar.” (Aguiar, Cabrita, & Appleton, 2002, p. 122)*

Deste modo, e de acordo com o *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*, consideram-se quatro níveis de reabilitação: nível 1 – reabilitação ligeira, nível 2 – reabilitação média, nível 3 – reabilitação profunda e nível 4 – reabilitação excepcional.

- > Nível 1 – Reabilitação ligeira: corresponde a intervenções em edifícios que se encontram num estado de conservação classificado como “*satisfatório ou razoável*”, em que salvo algumas exceções não é necessário recorrer à reparação de “*elementos estruturais ou proceder a uma substituição/transformação de soluções construtivas e espaciais existentes.*”. Este nível de reabilitação associa-se, normalmente, à realização de pequenos reparos e beneficiação de equipamentos e instalações existentes, essencialmente nas instalações sanitárias e cozinhas. Neste domínio enquadram-se: “*a melhoria das condições interiores de iluminação, ventilação e exaustão, por exemplo introduzindo vãos nos compartimentos interiores, auxiliando por sistemas passivos ou mecânicos a exaustão de fumos e a ventilação das instalações sanitárias e cozinhas; a limpeza e reparação geral das coberturas, a reparação de elementos dos sistemas de condução de águas pluviais e dos esgotos, a substituição de telhas; a reparação de pontuais anomalias nos rebocos, assim como a pintura do interior e do exterior dos edifícios; a reparação das caixilharias existentes, a reparação e substituição dos elementos metálicos afectados pela corrosão, a limpeza generalizada dos esconsos e caixas de ar no piso térreo, quando existam; eventualmente a beneficiação geral das instalações eléctricas e de iluminação artificial existente.*”. Considerando o grau de intervenção, no caso de o edifício ser habitado, este permite a estadia dos seus habitantes sem grande interferência no seu quotidiano. (Aguiar et al., 2002, p. 122/123)
- > Nível 2 – Reabilitação média: adicionalmente aos pontos anteriormente referidos, neste nível de intervenção enquadra-se: “*a reparação ou a substituição parcial de elementos de carpintarias (das caixilharias, dos elementos das escadas, ou de soalhos e tectos); a reparação e eventual reforço de alguns elementos estruturais, geralmente das lajes dos pisos e das estruturas da cobertura; a reparação generalizada dos revestimentos nos paramentos interiores e exteriores e na cobertura; a introdução de uma nova instalação eléctrica; a beneficiação das partes comuns do edifício; a realização de ligeiras alterações nas formas existentes de organização do espaço, por exemplo, retirando alguns tabiques e ampliando os espaços de compartimentos ou criando espaços úteis a partir do aproveitamento de espaços actualmente desaproveitados; a melhoria das condições funcionais e ambientais dos espaços em geral e também dos equipamentos existentes, por exemplo, re-estruturando as cozinhas e as instalações*

sanitárias existentes ou, no limite, a criação de raiz destes dois últimos tipos de espaço.”. Neste caso, a maioria das intervenções permite a permanência dos seus habitantes, contudo, perante exceções que acarretem certos riscos é necessário o realojamento dos mesmos. (Aguiar et al., 2002, p. 124)

- > Nível 3 – Reabilitação profunda: além dos aspetos referidos nos níveis 1 e 2, a reabilitação profunda implica alterações significativas, como: *“a necessidade de desenvolver profundas alterações na distribuição e organização interior dos espaços e nos edifícios, podendo proceder-se ao aumento ou diminuição do número total de habitações através de alterações tipológicas; nos alojamentos poderá ser necessário a introdução ou adaptação de espaços para criar instalações e equipamentos em falta, como seja a introdução de instalações sanitárias, a reorganização funcional das cozinhas, etc.”*. Este tipo de intervenção envolve *“demolições e reconstruções significativas, que poderão obrigar a uma substituição parcial, ou mesmo total, de lajes de pisos e paredes divisórias, à resolução de problemas estruturais, à beneficiação e re-estruturação das partes comuns e do sistema de circulações verticais e horizontais, à substituição generalizada dos elementos de carpintaria e ainda à execução de novos revestimentos.”* (Aguiar et al., 2002, p. 125) De acordo com a complexidade da intervenção admitem-se, embora controladamente, a utilização de novos materiais e soluções construtivas, contudo mantendo o diálogo e consenso entre as linguagens que refletem o antigo e o novo. Helena Magalhães refere que *“O “novo” e o “antigo” devem coexistir numa mesma realidade.”* (Magalhães, 2009, p. 18)

*“A reabilitação é centrada numa solução final responsável: a coerência, o equilíbrio, a harmonia e a compatibilidade de novos materiais e soluções construtivas com o edificado existente.”* (Teles, 2014, p. 42)

- > Nível 4 – Reabilitação excepcional: este grau de intervenção engloba um desenvolvimento mais profundo, sendo por vezes necessário a reconstrução do edifício. Deste modo, parte de uma decisão ponderada tendo em conta alguns aspetos como: o uso a que se destina, o valor inerente ao edifício quer seja patrimonial, arquitetónico ou outro. Quando os aspetos a considerar não justificarem a reabilitação do edifício em questão, deve refletir-se sobre a possibilidade de uma nova construção *“feita sobre o saber atual e com uma arquitetura contemporânea, atenta e cuidadosa face aos valores culturais do lugar e do seu contexto.”* Este tipo de ação *“poderá obrigar: ao recurso pontual a técnicas de restauro para intervenções na envolvente do edifício, ou mesmo de partes do seu interior, quando o valor patrimonial do imóvel o justifique; à total reconstrução do edifício, fundamentada pelo valor do seu contributo para a imagem urbana do lugar, podendo incluir a modernização parcial de algumas partes*

*da construção, instalações e equipamentos; à reabilitação dos edifícios para standards elevados e muito superiores aos pré-existentes.”* (Aguiar et al., 2002, p. 127)

### **2.3.5 Aspetos Positivos e Limitações da Reabilitação**

Bruno Alves enumera alguns pontos positivos em relação ao ato de reabilitar. De acordo com o autor *“A reabilitação de imóveis não se destina apenas a recuperação do edifício na sua componente interna ou externa (...)”*, esta contribui também para melhorar as condições da região a intervir em termos culturais, económicos, ambientais e sociais. A análise e reabilitação dos espaços deve conferir a estes as condições mínimas relativamente ao conforto, vivência e habitabilidade do edificado. Alves menciona que:

*“A reabilitação deve tomar como objetivo dar vida ao existente, de forma a gerar novas formas de fixação das pessoas, principalmente em locais propícios a saída das pessoas mais jovens, dando desta forma novas oportunidades económicas. A preservação de espaços históricos é outro dos objetivos base que a reabilitação deve ter em mente, respeitando e preservando os valores patrimoniais da população bem como as suas formas de vida.”* (Alves, 2011, p. 17)

Deste modo, subentende-se que a reabilitação permite o devolver da vida ao edifício, repondo o seu uso ou atribuindo-lhe um novo, proporcionando o desencadear de novas atividades e, conseqüentemente, oportunidades de emprego contribuindo para a fixação de pessoas, em especial nos meios mais despovoados. Além deste ponto, permite a conservação dos espaços históricos, que como referido anteriormente, são testemunhos da memória, identidade, cultura e história dos lugares, devendo, portanto, respeitar os seus valores.

Por sua vez, Alexandra Bento menciona que a reabilitação pode assentar em três objetivos, alguns dos quais relacionados com os pontos referidos por Bruno Alves: *“(...) a proteção tanto do conteúdo material como o legado imaterial associado ao valor cultural; a reparação das infraestruturas deixadas, da sua materialidade; manter o uso do edifício, a sua utilidade e funcionamento, mantendo o anterior programa, ou (re)funcionalizar o edifício com novos programas apropriados às atuais necessidades.”* (Bento, 2017, p. 34). Em síntese, reforça a ideia da preservação dos lugares e do reestabelecer da função ao edificado, frisando a necessidade de reparo e melhoria das infraestruturas.

De acordo com a autora, a reabilitação e o restauro possibilita colmatar problemas e patologias das construções, entre as quais: *“humidade nas infraestruturas e materiais, advindas do tempo, de precipitação, de condensação, devida à higroscopicidade dos materiais, devida a causas fortuitas; insuficiente qualidade do ar; insuficiente conforto*

*acústico; insuficiente conforto térmico; baixa eficiência energética; falta de durabilidade dos materiais; consumo excessivo de água.” (Bento, 2017, p. 34)*

João Appleton considera que “(...) a reabilitação de edifícios antigos é hoje uma tarefa da maior importância em todo o mundo por diferentes razões: preservação de valores culturais, protecção ambiental e vantagens económicas”. Em termos da preservação de valores culturais associa que os edifícios antigos são possuidores da história dos locais e da própria comunidade, através dos quais poderá ser possível conhecer a evolução dos aglomerados, o modo como estes se foram moldando a diferentes formas de vida e representam “(...) o suporte físico de diversos movimentos estéticos, da arquitectura e da arte, ao longo do tempo; representam um testemunho vivo da relação entre o homem e a arte.” (Appleton, 2010, p. 5). No que diz respeito à protecção ambiental, Appleton relata que o ato de reabilitar “(...) significa preservar uma grande parte dos elementos construídos, reduzindo a quantidade de demolições necessárias e das correspondentes reconstruções.”, contribuindo para um menor consumo de energia no que diz respeito à produção e aplicação de produtos de construção, menores emissões de dióxido de carbono, menos produtos resultantes da demolição sendo que os produtos retirados podem ser reaproveitados, reintegrando-os no edifício. Neste ponto engloba ainda a questão dos materiais, referindo que:

*“Reabilitar significa, tanto quanto possível, o uso de materiais tradicionais, naturais (madeira, pedra, areia e cal), por oposição ao uso de materiais industriais artificiais como o cimento, o aço, o alumínio, o pvc e outros materiais poliméricos, etc.” (Appleton, 2010, p. 7)*

Em relação às vantagens económicas defende que a preservação de uma pré-existência em relação a uma demolição seguida de uma reconstrução apresenta os seguintes aspetos: redução dos custos de demolição, de licenças e taxas, dos custos de estaleiro; maior facilidade na aprovação dos projetos e colocação de produtos de construção, e redução da quantidade de novos materiais. (Appleton, 2010, p. 8)

*“Em síntese, a reabilitação, o restauro e a reutilização, permitem aumentar os padrões de qualidade e o ciclo de vida, possibilitando a redução do consumo energético e de matérias-primas, contribuindo para a redução da pegada ecológica. A reabilitação contribuiu ainda para a dimensão cultural e patrimonial de um determinado local.” (Barata, 2016, p. 25)*

Todavia, existem algumas limitações/dificuldades quando se aborda o tema reabilitação. Henrique Barata evidencia algumas: questões culturais, à indústria de construção, aos meios técnicos e científicos, à singularidade do objeto arquitetónico, partilha de informação,

insensibilidade ou desconhecimento e preparação técnica das empresas. Em termos culturais defende que perdura a incompreensão do que a preservação do património significa, *“enquanto fator de identidade e de afirmação da nossa especificidade cultural”*, bem como a falta de conhecimento das *“vantagens socioeconómicas proporcionadas por uma adequada política de salvaguarda e valorização do património (...)”*, referido no ponto da insensibilidade ou desconhecimento (Barata, 2016, p. 25). A indústria de construção traduz-se em sistemas de otimização e industrialização com o objetivo de responder a questões quantitativas de produção de novas obras.

No que diz respeito aos meios técnicos e científicos, Barata refere:

*“Verifica-se que uma boa parte das empresas revelam uma manifesta falta de capacidade de capacidade técnica e científica, associada à insuficiente formação de operários especializados, ao mesmo tempo que se verifica o abandono do saber, das técnicas e da utilização dos materiais de construção tradicionais, mais vocacionada para construção nova;”* (Barata, 2016, p. 26)

Acerca deste tópico, Françoise Choay no seu livro intitulado *“A Alegoria do Património”* descreve o património pré-industrial como a chave perdida, na medida em que a dificuldade e a verdadeira relevância de uma reabilitação se expressa nas práticas perdidas, como o caso da carpintaria. Estas técnicas tradicionais representam o saber e o conhecimento inerentes aos artesãos, pelo que, no decorrer da ação de reabilitação o mais importante são as pessoas, o que constroem. Em suma, a imagem de um edifício tradicional é o espelho dos saberes antigos e tradicionais, sem o conhecimento adequado a imagem é alterada, mesmo que inconscientemente. (Choay, 2021, p. 217)

Outros autores, como o caso de Helena Magalhães, abordam esta questão do *“abandono”* dos saberes tradicionais como uma consequência de uma tendência da construção. A autora relata que:

*“(...) há uma desadequação da nossa indústria, já que esta continua a orientar-se, de forma quase obsessiva, para as exigências quantitativas da “construção de betão” em contraponto com a minoria marginalizada das obras de reabilitação.*

*Como consequência disso, escasseia a mão-de-obra “tradicional” ou tecnicamente adequada à conservação dos edifícios, verificando-se um abandono generalizado dos saberes, das técnicas e dos materiais de construção tradicionais.”* (Magalhães, 2009, p. 17)

No que concerne à singularidade do projeto, cada edifício apresenta características peculiares que o tornam único, pelo que o processo de reabilitação não é igual em todos os

casos, devendo por isso ser baseado numa análise detalhada com a finalidade de estabelecer as intervenções mais adequadas, sendo a partilha de informação essencial entre todas as identidades envolvidas. Neste ponto, Barata fala sobre a falta de “*partilha, de reflexão e fragilidades do saber dos protagonistas de maior relevo neste processo: arquitetos, engenheiros, donos de obra, técnicos de entidades responsáveis e políticos;*”. Por fim, acerca da preparação técnica das empresas, aborda o risco de pequenas ou médias empresas especializadas na conservação do património serem substituídas por empresas com menos qualificações, mas que possuem maior poder económico. (Barata, 2016, p. 26)

# III. ALDEIA DE CORRAS



Ergue-se, na encosta de uma região rodeada por uma densa floresta composta essencialmente por eucalipto e pinheiro-bravo, o aglomerado de edificações que constitui a aldeia, que com o decorrer do tempo foi crescendo. Hélio Proença, pseudónimo de Victor Cardoso, no seu poema retrata as Corgas do seguinte modo:

*“No alto da serra alcandorada  
No meio de medronheiros e torgas  
De flor de esteva e magoriça  
Esta povoação encantada  
Que os antigos chamaram Corgas  
Pelos córregos em levadiça  
Tem dos pinheiros a fresca aragem  
Que se respira e se sente  
Tem o privilégio da barragem  
Que mata a sede a muita gente  
Por entre vapores de medronheira  
Olha além em frente com desvelo  
A meio da encosta sobranceira  
Vê cercado de verde o Fatelo”*  
(Cardoso, 2016, p. 57)

Figura 11 | Corgas



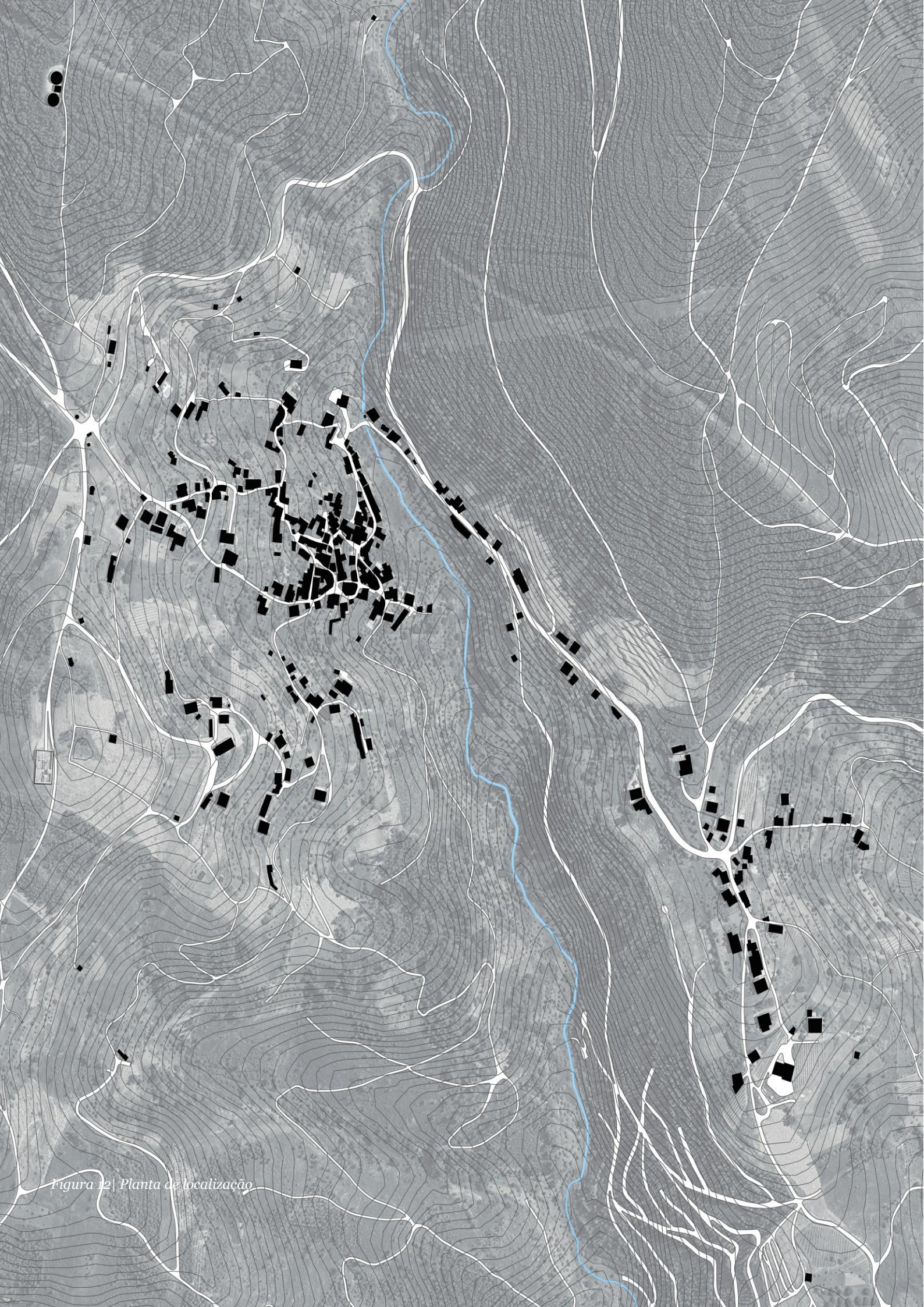


Figura 12 | Planta de localização

Em termos históricos consta-se que em tempos terá existido um povoado celta num local próximo à aldeia denominado “campo das cerejeiras”, sendo os primeiros indícios de habitantes na aldeia de Corgas. Todavia, e de acordo com relatos da população, acredita-se que alguns elementos construtivos como grandes lajes terão sido trazidas desse local e aplicadas em habitações e currais. A aldeia por si terá surgido muito tempo depois desta passagem, acreditando que esta data dos séculos XIV ou XV. O Padre Manuel Alves Catharino consta o:

*“(..) aparecimento de algumas sepulturas, talhadas na pedra e cobertas de lousas pretas, que se supõe serem do tempo dos celtas, que foram encontradas, haverá uns 40 anos, junto dum caminho no sítio chamado Cerejeiras, próximo da povoação das Corgas, e que o povo ignorando o seu valor histórico, revolveu na mira de encontrar tesouros, inutilizando, assim, as mudas testemunhas dos povos que ali habitaram.*

*A uns 100 metros deste sítio, na Selada dos Fetos, existem ainda restos duma antiga povoação.”* (Catharino, 2006, p. 196)

Existem, no entanto, ainda alguns vestígios da passagem de civilizações mais antigas. Numa visita mais recente ao local, no ano de 2017, Olímpio refere: *“(..) foram identificados restos de uma pequena mamoa (túmulo) da Pré-Recente. O túmulo é materializado por uma acumulação anormal de quartzo leitoso, placas de meta grauvaque e terra. A distribuição de materiais pétreos é de 6/7m e a altura não excede os 30cm. Este tipo de monumentos são datados da pré-história recente (Neocalcolítico até à idade do Bronze. – do 4º milénio a.C, a inícios do 3º milénio a.C.)”.* (Guedelha, 2020, p. 30)

Durante décadas, as Corgas apresentava uma economia de subsistência, os habitantes viviam, assim como a maior parte dos meios rurais, do cultivo das terras e dos animais que criavam. Estas atividades, contudo, proporcionavam a existência de excedentes, aumentando a venda e a troca dos mesmos, proporcionando o aparecimento de novas atividades como o caso de pequenas unidades artesanais ou semi-industriais (curtimento de peles, produção de carvão, vassouras de lençiscas ou fabrico de telhas) e comerciais (tabernas), bem como de profissões entre elas: latoeiro, costureiras, carpinteiros, sapateiros entre outros. Os produtos comercializados eram: *“queijos, cabras, bois, porcos/presuntos, azeite, madeira, resina, milho e outros cereais, batata e alguma fruta.”*. Deste modo, estes produtos apresentam um papel primordial no desenvolvimento da aldeia de Corgas. (Guedelha, 2020, p. 35)

Outrora, a serra era constituída por castanheiros. Desta árvore aproveitava-se o fruto - a castanha - a base da alimentação desta população bem como a sua madeira usada tanto em

móveis como na construção das casas. Contudo, devido a doenças que afetam a espécie, estes foram desaparecendo, dando lugar ao pinheiro que se proliferou facilmente. Por sua vez, o pinheiro torna-se também um meio de suporte económico através da venda da madeira, da recolha da resina para venda e no aproveitamento da caruma, que ainda nos dias de hoje é recolhida para uso agrícola e para os animais. A extração da resina representa uma das atividades tradicionais no concelho, em especial na aldeia de Corgas, na qual várias famílias dependiam do rendimento proveniente desta atividade. Dado a sua importância para o desenvolvimento da localidade, foi realizado no ano de 2001 um vídeo intitulado “*Vida de Resineiro*” no qual é recriado/demonstrado o trabalho de um resineiro e em 2022 foi inaugurado um espaço museu, no qual podem ser encontrados utensílios antigos utilizados outrora pela população.



*Figura 13| Aplicação de ácido para extração da resina*

*Figura 14| Colheita para o designado “púcaro da resina”*

Devido à sua localização, nem sempre foi fácil o acesso a este meio rural, sendo por isso, em tempos, uma aldeia isolada, mas, que mesmo assim, estabeleceu uma comunidade com vida, história, costumes e identidade singular, marcada pelo trabalho e entreatura entre os seus habitantes. Olímpio Guedelha declara: “As Pessoas foram e são, contudo, a sua maior riqueza.”. (Guedelha, 2020, p. 23)

Ultrapassada a questão do isolamento através da criação de infraestruturas que permitem uma maior facilidade de acesso à aldeia, outros problemas se manifestaram, entre os quais a questão da emigração. Com os movimentos emigratórios, impulsionados fundamentalmente por questões económicas, a aldeia foi perdendo a sua maior riqueza, que como referido anteriormente, são as pessoas. Estes movimentos iniciaram-se a partir dos anos de 1950, inicialmente sazonais para o Alentejo e, mais tarde, para o Ribatejo e Espanha. Posteriormente, verifica-se a emigração para o Brasil e para a Argentina durante um maior período e, por vezes, até definitiva, e para países da Europa, como o caso de França, Alemanha e Suíça, nos quais ainda hoje permanece bastante da população emigrante da aldeia.

Na realidade não existem muitas oportunidades. A nível escolar, os jovens têm de se deslocar para outras escolas, normalmente para a de Proença-a-Nova, a uma distância de 9km, até terminarem o ensino secundário e posteriormente para outros locais quando pretendem ingressar no ensino superior. Adiante, encontram fora da aldeia o seu local profissional, o qual, normalmente, se encontra bastante distante e não compensa voltar todos os dias à aldeia. Acabam sempre por voltar, nem que seja nas épocas festivas, contudo, não se traduz no local de habitação permanente. A fuga dos jovens acaba, assim, por deixar para trás uma aldeia que, como tantas outras, é habitada por uma população na sua maior parte envelhecida.

A seguir às pessoas, Olímpio considera que “outras das suas riquezas foi e é, a água” (Guedelha, 2020, p. 23). Sendo uma região rica em linhas de água e minas esta desempenha um papel importante desde os tempos mais antigos. A água era um meio de consolo dos resineiros, “(...) passavam para refrescar o calor e calar a sede do seu árduo trabalho, nos dias muito quentes de verão.”; utilizada na rega das hortas, ainda hoje, existem represas e, à vez, as pessoas conduzem a água através de canais até às suas áreas de cultivo, assim como antes se deslocavam até estas áreas para lavar a sua roupa; em relação à criação de gado era considerado o “pouso preferido”. Uma das várias minas nos anos 60 a 80 chegou a ser fonte de alimentação da água, que era distribuída na aldeia através da abertura de uma vala feita pelo povo. Posteriormente, em 1991, foi finalizada a construção da Barragem das Corgas, a qual desempenha, ainda nos dias de hoje, o fornecimento de água não só para a aldeia de Corgas, mas também para o restante concelho de Proença-a-Nova. (Guedelha, 2020, p. 190)

Além dos pontos referidos anteriormente, as Corgas é formada por um conjunto de histórias, memórias, costumes e tradições. Porém, algumas vão desvanecendo com o passar do tempo até serem esquecidas, outras ainda nos dias de hoje se mantêm e recriam o passado, tal como:

No natal e ano novo, os jovens juntam-se com o objetivo de acumular lenha de modo a formar uma fogueira no largo da igreja antiga. A fogueira é acesa na noite de Natal para “aquecer o menino Jesus” e torna-se local de convívio após a tradicional ceia. Antigamente a fogueira permanecia acesa até à noite da passagem de ano, no entanto nos últimos anos reacende-se.

No dia de S. João era hábito as crianças irem para a escola com uma coroa feita com flores silvestres, as capelas, feitas pelas mães para as filhas. A coroa era guardada até ao próximo ano, onde era depois queimada com o objetivo de afastar os bichos. A tradição não se perdeu completamente, contudo, nos dias de hoje apenas se recria o momento, as mulheres da aldeia juntam-se em convívio e aí elaboram as coroas.

Sendo um povo caracterizado por uma grande fé, todos os anos se realiza a festa em Honra da Nossa Senhora do Carmo, padroeira da aldeia. Consta que, no decorrer das invasões francesas a Portugal, quando os habitantes se aperceberam da sua proximidade, ter-se-ão dirigido à capela e rezado para que Nossa Senhora do Carmo os salvasse. Quando as tropas passavam nas serras próximas, diz-se que se levantou um denso nevoeiro que terá salvo as Corgas da invasão. Este episódio está retratado nos azulejos da igreja nova, tendo sido considerado um milagre realizado pela padroeira. Novamente em 2003, após o grande incêndio na zona, no qual foi poupado a aldeia, voltou a atribuir-se a sua salvação à santa.

Ainda nos dias de hoje, no decorrer da festa, na manhã de domingo o andor com a figura da Santa percorre as ruas da aldeia, acompanhando a recolha de andores de madeira, decorados e repletos de ofertas, posteriormente leiloadas no recinto de festas. Estes andores são recolhidos ao passar da Santa pela casa onde se encontram e transportados pelos homens da respetiva rua. Quando terminada a recolha, regressam à igreja, onde se realiza a missa e, posteriormente, é aclamada a imagem da Nossa Senhora do Carmo, numa procissão em torno da igreja.

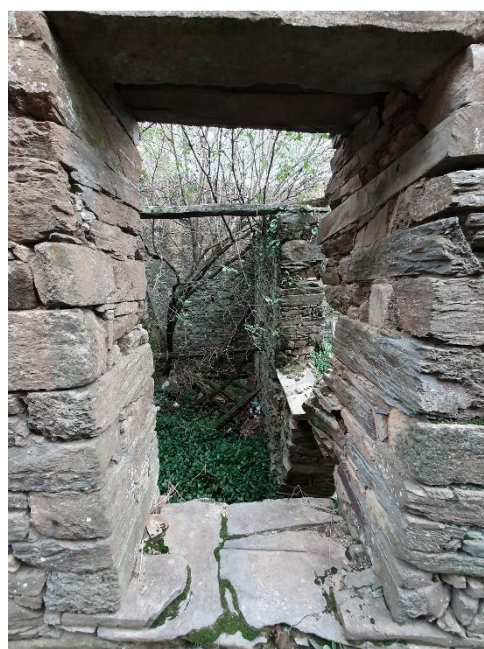
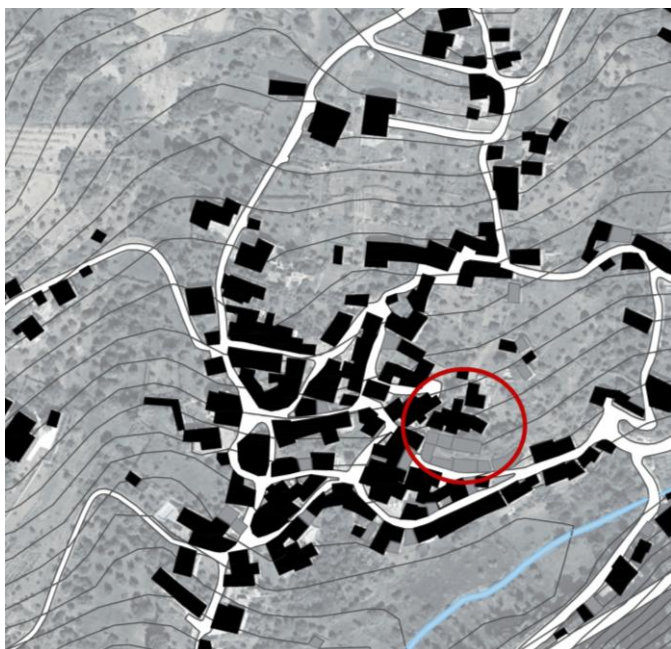


*Figura 15| Procissão pela aldeia de Corgas (Festa 2024)*

### 3.2 Caracterização/ Análise do Edificado

Como referido anteriormente, os primeiros edifícios datam do séc. XIV ou XV. A aldeia apresenta um tipo de aglomerado consolidado, que se foi sendo desenvolvido e expandido, com o passar dos tempos, em diversas direções.

Primordialmente consta-se que as primeiras habitações terão surgido no local a que hoje se chama de Eira, edificadas em paredes de pedra ainda parcialmente visíveis, dado o seu estado atual de degradação. Estabelecidas em ruas estreitas, denominados quelhos, de modo a defender os habitantes de animais selvagens como o caso dos lobos, que outrora se aproximavam frequentemente da aldeia. Para proteção, existe ainda quem fale que à entrada da aldeia existiam cancelas. (Guedelha, 2020, p. 155)



*Figura 16| Primeiras habitações de Corgas, em planta*

*Figura 17| Habitação primordial em ruína*

Posteriormente, terão sido construídas as habitações na atual Rua dos Resineiros que culminava na antiga igreja velha, atualmente transformada na sede da Associação Desportiva Cultural e Recreativa. Este edificado de carácter antigo ainda mantém a sua presença, apresentando, contudo, marcas do seu abandono e da passagem do tempo.

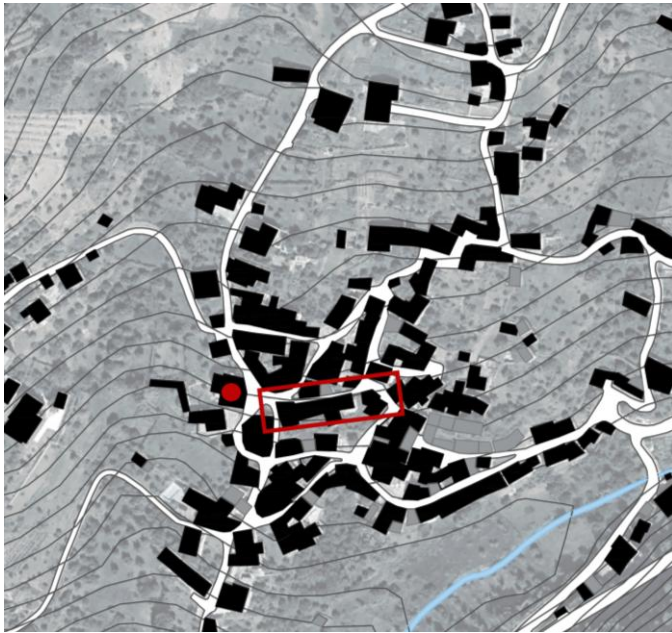


Figura 18| Localização, em planta, da Rua dos Resineiros

Figura 19| Rua dos Resineiros atualmente

É de referir que antigamente, a habitação simbolizava apenas um local de passagem, refúgio para a noite, uma vez que a vida era passada nas *lides* do campo. Olímpio Guedelha cita Aquilino Ribeiro do seguinte modo:

*“A aldeia, mal o sol pula detrás dos montes, esvazia-se para os campos. É lá que estão os tesouros. A casa pouco mais representa do que ponto de passagem, abrigo para a noite, compasso de espera para a cova.”* (Guedelha, 2020, p. 157)

Estas habitações antigas, algumas ainda visíveis, contribuem para uma apreensão da qualidade de vida da população, caracterizando a carência vivida antigamente. Devido à topografia acidentada do terreno, as habitações da aldeia de Corgas encontram-se edificadas em encosta; a tipologia e organização do espaço foi sofrendo atualizações ao longo dos anos, contudo, as habitações antigas são bastante distintas das mais recentes, embora o número de pisos seja idêntico, sendo a maior parte constituída por três pisos.

Outrora esta separação por três pisos era feita do seguinte modo: o piso mais abaixo, normalmente rés-do-chão, era destinado às chamadas lojas que representavam um género de dispensa, celeiro, adega e, noutros casos, de abrigo de animais, intitulados de currais. Através de um sobrado de madeira, dividia-se este piso do segundo que correspondia a uma sala por onde depois se acedia aos quartos, de reduzidas dimensões, sem janelas, onde apenas era possível colocar uma cama encostada à parede. Estes compartimentos, por sua vez, destinavam-se apenas aos pais e raparigas, os rapazes ficavam a pernoitar nos palheiros

ou eiras, em cima da palha, cobertos com os panos da apanha da azeitona ou então com mantas de trapos. Apenas quando ficavam doentes dormiam no quarto das irmãs.

*“Estes quartos eram destinados aos pais e às cachopas. Há muitas décadas, os rapazes solteiros dormiam nos palheiros ou nas eiras, no Verão, desde que se fazia a primeira palha, sobre a palha e enrolados nos panos da azeitona ou mantas de trapos tecidas no tear. Só se algum adoecia é que ia dormir no quarto das irmãs que nesse caso, tinham de ir para o sótão, os furtados, dormir em colchões estendidos no forro de madeira. Os colchões, ou enxergas, eram feitos de palha de centeio, ou da desfolha do milho, que se substituía uma vez por ano (...) e o travesseiro não era de espuma como as almofadas de hoje, mas de folhelho de milho esfarrapado ou também de palha de centeio.”* (Guedelha, 2020, p. 158)

O último piso como referido, correspondia ao sótão, também ele em sobrado, onde se aproveitava para armazenar objetos que não eram necessárias todos os dias, o acesso a este era feito através de uma escada, estreita e íngreme.

Relativamente à cozinha, compartimento até agora não abordado, estava situada num extremo da casa, uma vez que o piso era de laje, ao invés de sobrado devido à existência de lareira, elemento essencial na confeção de alimentos e proteção de frio. A sua cobertura era feita em “telha vã” de modo a permitir a saída de fumos, uma vez que não existiam chaminés. Nos barrotes do telhado era costume suspender um “caniço” onde se secavam as castanhas e que também servia de fumeiro dos enchidos tradicionais. Olímpio aborda um pormenor característico destas cozinhas.

*“Algumas cozinhas eram de cabouco, quer dizer que em frente da lareira e ficando ao nível dela se escavava um pequeno fosso quadrangular ou retangular com mais ou menos 60 ou 70 centímetros de profundidade. A parede limite servia de banco em que as pessoas se sentavam para se aquecerem.”* (Guedelha, 2020, p. 159)

As instalações sanitárias, divisão fundamental nos dias de hoje para higienização, não existiam. As necessidades eram feitas num bacio ou penico, ou até no campo. O banho não fazia parte da rotina quotidiana, sendo um hábito pouco frequente e realizado com ajuda de uma bacia.

Explorando esta questão da tipologia foi realizada uma análise de modo a entender qual a tipologia predominante, neste momento, em Corgas. Da análise constata-se que a tipologia do edificado varia entre um a quatro pisos, sendo a de três pisos, em termos habitacionais a que prevalece [Figura 21].

Muito do edificado existente analisado, corresponde a armazéns de apoio agrícola e permanência dos animais, garagens e anexos à habitação principal [Figura 22]. Além destes, encontram-se ainda edifícios de carácter comunitário, como o caso da escola, da igreja, da associação, o lagar e um museu, reabilitado recentemente.

É ainda possível verificar a existência de algumas ruínas, principalmente no local onde terão surgido as primeiras habitações Corguenses, na zona da Eira, onde outrora eram casas de milho e currais.

As casas de milho, que se pensa datarem do início do século passado, eram construídas em *“xisto, barro e cobertas com telha de canudo (ou mourisca)”*. Eram constituídas por uma única divisão na qual existia um sobrado onde se armazenava o pasto. Tinham ainda agregado um lajado onde se colocava o milho e outros produtos a secar. Além de armazenar o pasto, estes locais associados à desfolha do milho, tendo como tarefas a *“seca, a medição e o seu ensacamento”*. (Guedelha, 2020, p. 110)

Os currais eram *“feitos de pedra, cobertas com telha de canudo com ripado e trave de madeira”*. No piso inferior, eram abrigados os animais, existindo apenas a porta de entrada, na maioria dos casos, de modo a proteger o gado dos lobos. Na parte superior, eram armazenados os pastos para alimentar os animais, o acesso era normalmente feito por uma porta que se encontrava a um nível superior. (Guedelha, 2020, p. 107)



Figura 20| Casa de milho

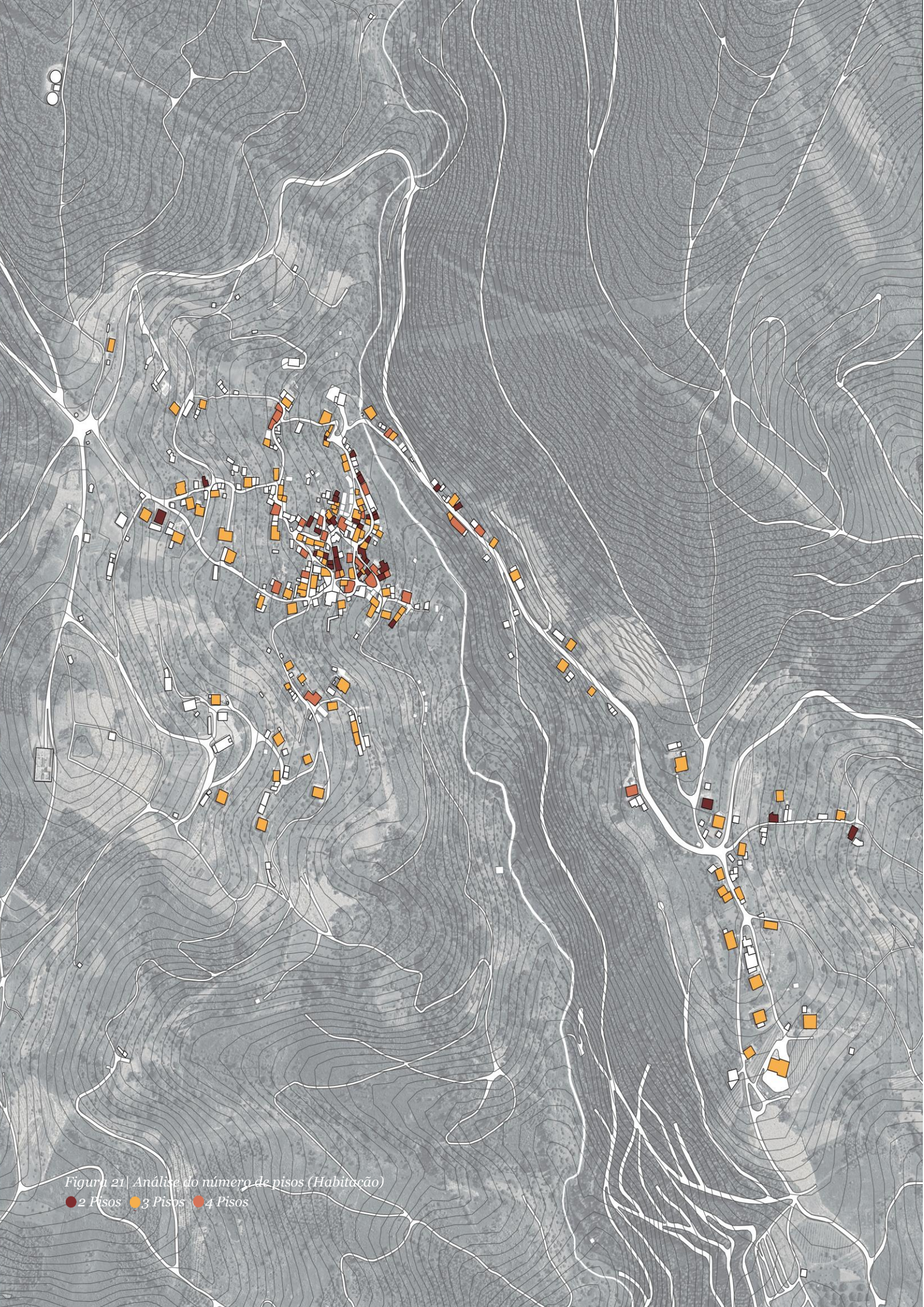


Figura 21 | Análise do número de pisos (Habitação)

● 2 Pisos ● 3 Pisos ● 4 Pisos

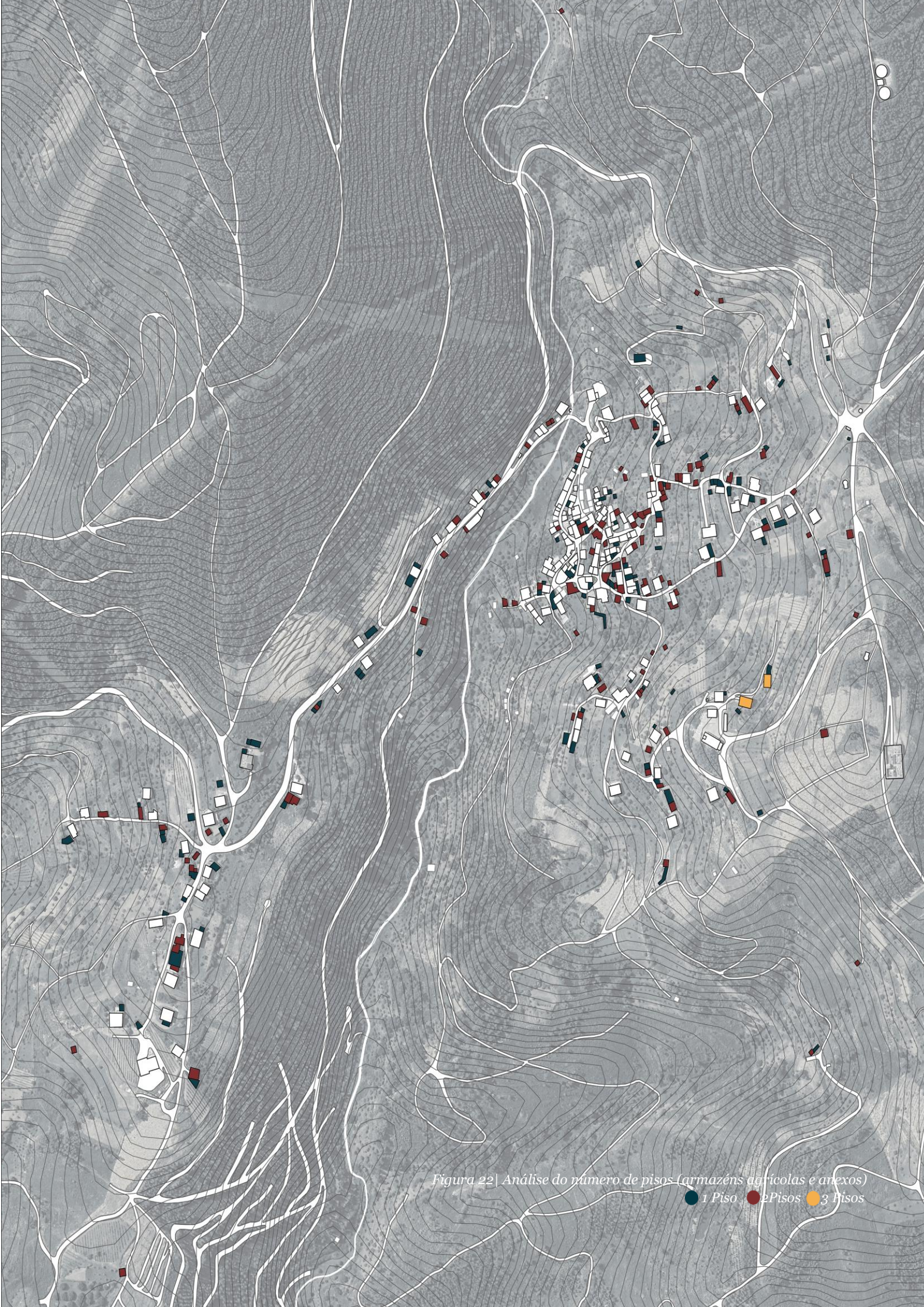


Figura 22 | Análise do número de pisos (armazéns agrícolas e anexos)

1 Piso 2 Pisos 3 Pisos

### 3.3 Antiga Escola Primária

*“Ó escola tu és grande  
Foste muito repleta,  
Aqui não há jovens  
Até ficaste deserta.”*

(Guedelha, 2020, p. 304)

#### 3.3.1 O Ensino em Corgas

Segundo o Padre Manuel Alves Catharino, no concelho de Proença-a-Nova, no ano de 1930, existiam seis escolas, três das quais para o sexo masculino, duas para o feminino e uma delas mista, localizada em Corgas. O mesmo refere que:

*“O analfabetismo é enorme na população adulta rural devido às grandes distâncias, à pobreza do povo e à falta de escolas.”* (Catharino, 2006, p. 129)

A primeira escola de Corgas terá surgido nas primeiras décadas do século XX, tendo sido frequentada ainda pela geração que atualmente terá os seus 60 a 70 anos. Todavia, a chamada escola velha, próxima da atual igreja não existe mais, nem sequer vestígios da sua existência no local onde realmente terá sido edificada. Apenas existem testemunhos que dizem ter sido situada naquele local, e que como muitos outros edifícios daquele tempo, foi contruída em pedra e possuía apenas uma porta e uma janela.



Figura 23| Local onde se consta ter sido construída a primeira escola

Posteriormente na década de 1950 foi construída a nova escola primária, integrando a “7ª fase das designadas escolas centenárias do antigo regime”. Nos anos 70 chegou a ser frequentada por 60 alunos, divididos em quatro classes. Aquela que teria sido também a minha escola acaba por fechar em 2004, o que era de esperar, uma vez que, existiam cada

vez menos crianças na aldeia, até porque o ano em que ingressei na escola primária eramos apenas duas crianças da aldeia das Corgas. A escola que instrui tantos corguenses e que permitiu o acesso dos mesmos ao ensino secundário e até superior, viu nesse ano as suas portas a fechar e assim permanecem até aos dias de hoje.



Figura 24| Local atual da escola primária

Consta-se ainda, que além das escolas terão existido na aldeia pelo menos três locais onde se ensinava e davam explicações.

É de referir ainda, que o método de ensino até ao 25 de abril de 1974, era completamente distinto do atual, recorrendo ao castigo corporal, um ensino caracterizado como “*exigente, autoritário e até vexatório*”. Olímpio menciona:

*“Não havia aluno que não tivesse sentido o peso e as dores das reguadas nas palmas das mãos. As réguas eram feitas de madeira aparada, ou uma simples ripa de madeira. Por vezes utilizavam-se outros objetos para castigar as crianças quer por desatenção, por não fazer os trabalhos de casa, mau comportamento geral, ou simplesmente porque tinham dificuldade em aprender (respondiam errado às perguntas que a professora lhes fazia). Outras vezes sem motivo aparente, só porque o professor (a) estava mal disposto, ou para dar o exemplo e amedrontar as restantes crianças.”* (Guedelha, 2020, p. 88)

### **3.3.2 Levantamento Arquitetónico do Existente**

O edifício a analisar, como referido anteriormente, foi construído na década de 50 com a finalidade de instruir os jovens corguenses. No ano de 2004, o edifício que outrora foi uma escola, encerrou definitivamente as suas portas. Após vinte anos do seu encerramento, permanece ao abandono, albergando apenas as mesas e cadeiras vazias que contam as memórias dos estudantes que por lá passaram.



Figura 25| Interior da sala de aula (janeiro de 2025)

O terreno onde se insere possui uma área total que ronda os 1406m<sup>2</sup>. Além do edifício escolar possui também na parte traseira um logradouro conhecido como “o campo da bola antigo”, onde as crianças brincavam diariamente. Este, contudo, agora está coberto e marcado por vegetação espontânea que atualmente marca o terreno.

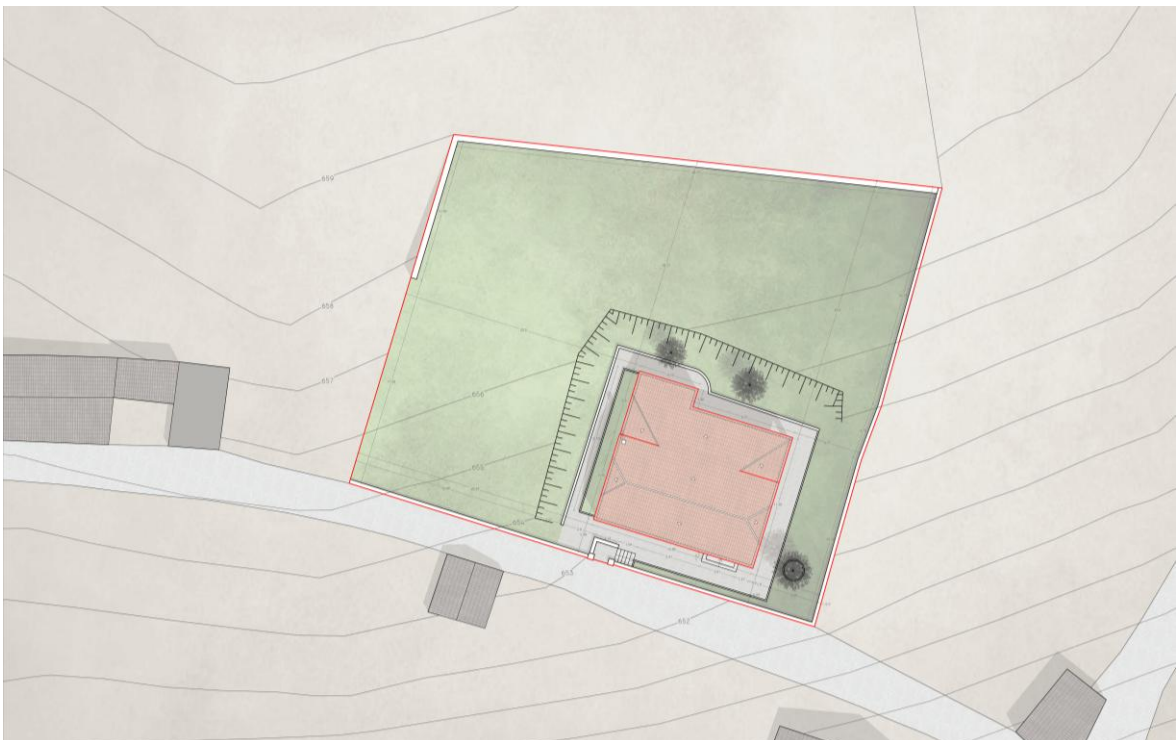


Figura 26| Planta de Implantação

□ Limite do lote   □ Pré-existência   ■ Edificado existente

O edifício é composto por um bloco principal e por um anexo que se denota ter sido resultado de uma ampliação posterior à sua origem. O bloco principal é constituído por um *hall* de entrada com 23,78m<sup>2</sup> e uma sala de aula com 48,78m<sup>2</sup>. Anexo a este bloco principal, situa-se uma zona de arrumos onde era guardada a lenha para aquecimento, com uma área aproximada de 3,05m<sup>2</sup> e as instalações sanitárias que foram adicionadas durante a ampliação, com uma área total de 6,51m<sup>2</sup>. É possível ainda verificar que existe um alpendre destinado ao que, anteriormente, era recreio com uma área de 44,90m<sup>2</sup>. A arquitetura é rodeada por espaço verde composta por vegetação local e algumas árvores características do terreno em que se insere. A planta de piso térreo seguinte ilustra os espaços descritos até ao momento.

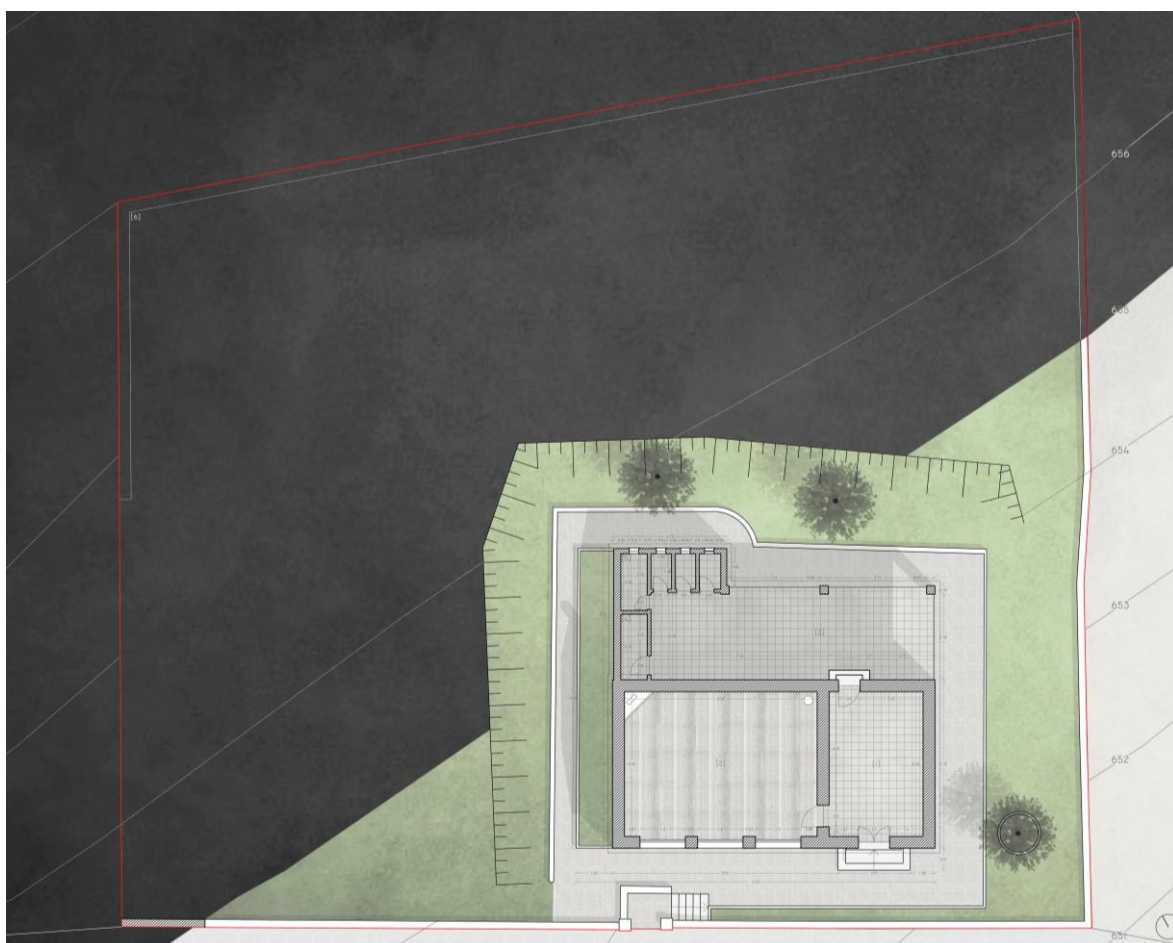


Figura 27| Planta de Piso Térreo

[1] Hall de Entrada; [2] Sala de Aula; [3] Alpendre; [4] Arrumos; [5] Instalações Sanitárias, [6] Campo Desportivo

O edifício em estudo, encontra-se elevado da cota da rua que acede ao mesmo, existindo uma escadaria que permite o acesso ao patamar onde este se insere. O acesso ao bloco principal é feito através de dois vãos. O vão principal composto por duas portas, com largura de 1,30m, acedido através de uma pequena escadaria de três degraus, encontra-se

posicionado na fachada principal do edifício e direcionado para a estrada de acesso ao mesmo. O vão secundário composto por uma porta de folha única com 0,90m, localizado no alçado posterior e de acesso ao alpendre (zona de recreio) com recurso a uma escada com dois degraus. O acesso à sala de aula é feito através de uma única porta de 0,90m, localizada no *hall* de entrada. Relativamente ao acesso aos restantes espaços, arrumo e instalações sanitárias, este é realizado diretamente através do alpendre. O edifício tem em seu redor ainda um pequeno corredor de passagem, delineado por pequenos muros, que permite a circulação sem ser necessário aceder ao bloco principal para aceder à parte posterior do mesmo. A planta que se segue traduz os possíveis fluxos de movimento de pessoas a acederem e circularem nos espaços.

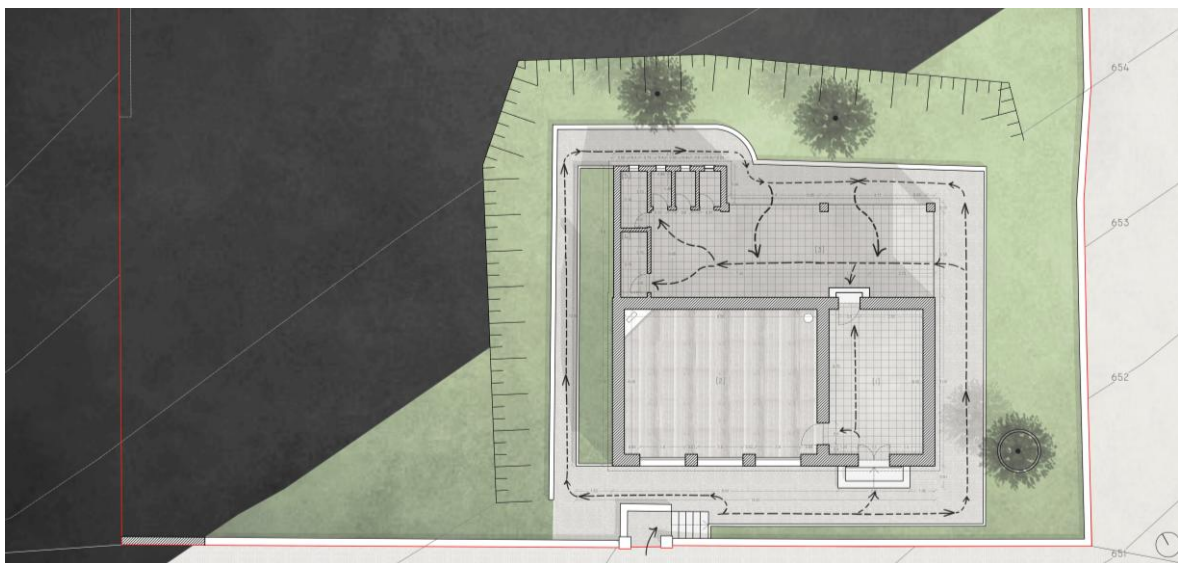


Figura 28 | Análise de percursos pré-existentes

Em termos construtivos, o edifício é composto estruturalmente por alvenaria de pedra e reboco pintado a cor branca. Na parede exterior do bloco principal é possível verificar a existência de um rodapé revestido a pedra com uma altura máxima de 0,60m no alçado frontal e 0,40m no alçado tardoz. Na parte tardoz, encontram-se três pilares à vista, também eles revestidos com a mesma pedra. A cobertura, em estrutura de madeira e telha cerâmica, possui quatro águas no bloco principal e três no bloco da ampliação.

O terreno é limitado por um muro em alvenaria de pedra rebocado *à posteriori*. Na entrada principal este muro é interrompido findando em duas colunas retangulares, que conduzem a uma escada também ela rebocada, possuindo o mesmo aspeto do muro. Estas escadas conduzem até ao patamar principal, formado por uma grelha em calçada portuguesa, onde está edificado o edifício.

Na fachada principal, as portas e janelas encontram-se emolduradas por uma cantaria em pedra granítica, também aplicada no rodapé. As janelas, de vidro simples, são compostas por divisórias de alumínio de cor castanha, o mesmo material utilizado na porta principal. Todas as janelas possuem um peitoril em pedra, e nas instalações sanitárias além do peitoril existem ainda portadas em madeira. No alçado tardo as portas são compostas por folha de madeira.

Relativamente ao interior, no bloco principal as paredes apresentam a mesma constituição que as exteriores, existindo, contudo, um detalhe em madeira. Nas paredes adjacentes, o detalhe em madeira começa à cota das janelas e termina no rodapé interior, também ele em madeira. O pavimento do *hall* de entrada é revestido a mosaico cerâmico, assim como o pavimento do alpendre e o restante do bloco anexado, enquanto o da sala de aula é revestido em soalho de madeira de pinho. O teto interior é composto por um teto falso numa grelha quadriculada em gesso cartonado e rodeado em perfis de madeira.

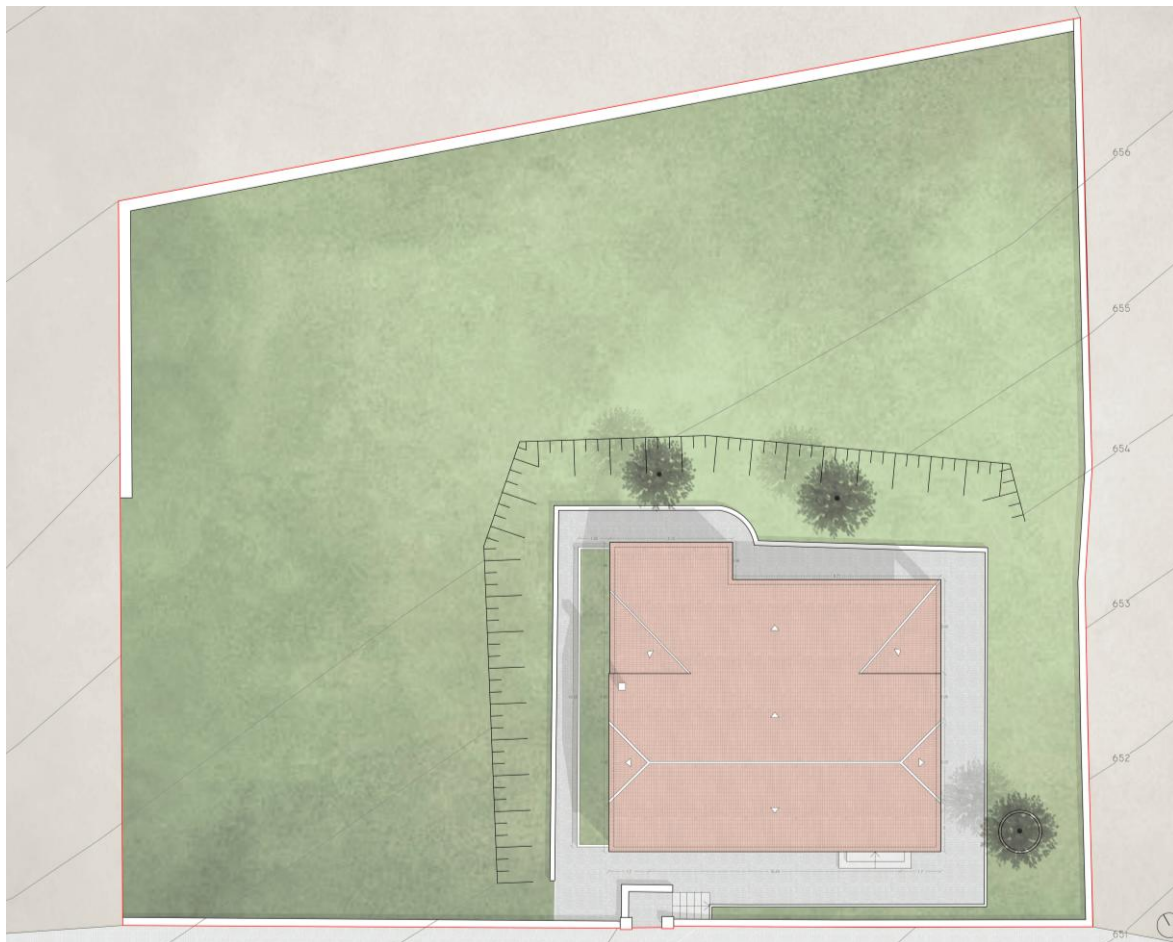


Figura 29| Planta de Cobertura

□ Limite do lote    ■ Telha cerâmica

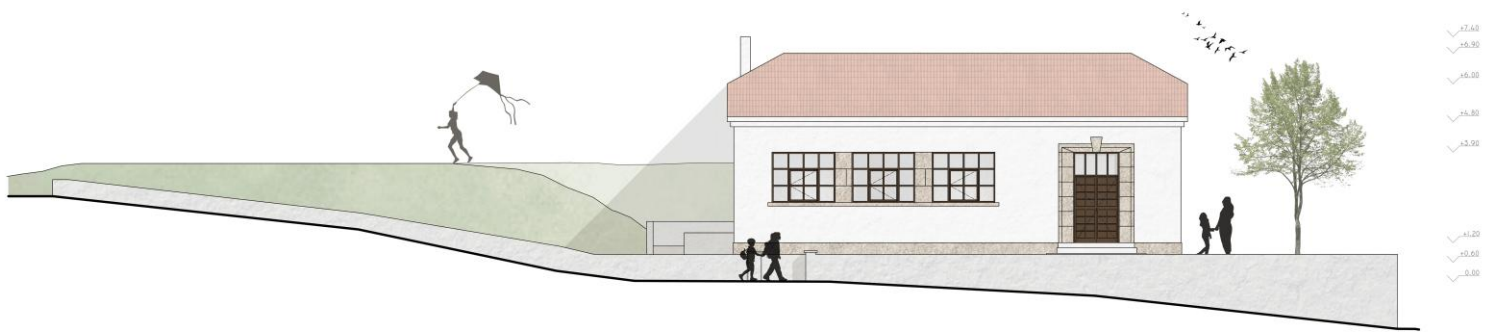


Figura 30 | Alçado Frontal

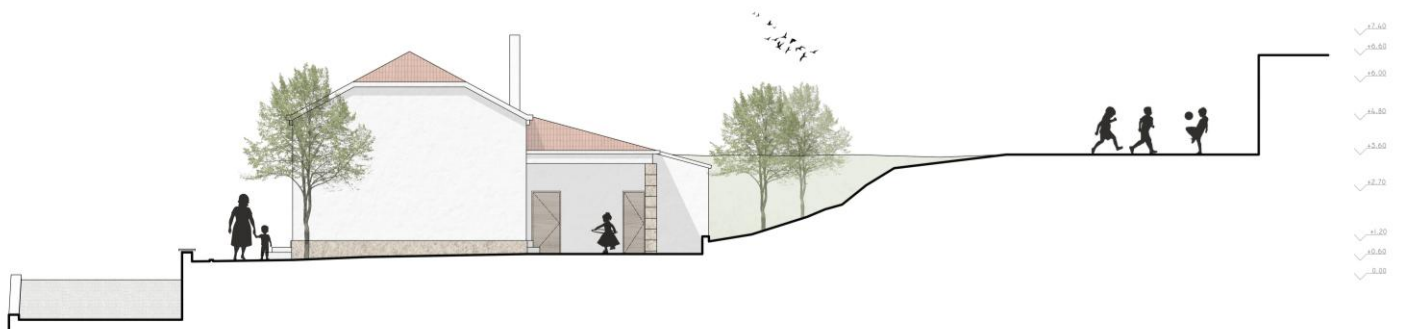


Figura 31 | Alçado Este

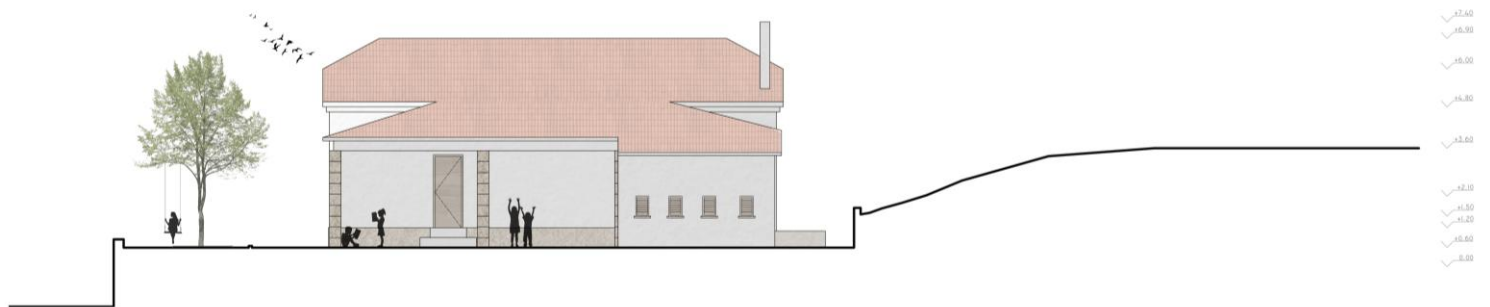


Figura 32 | Alçado Tardoz

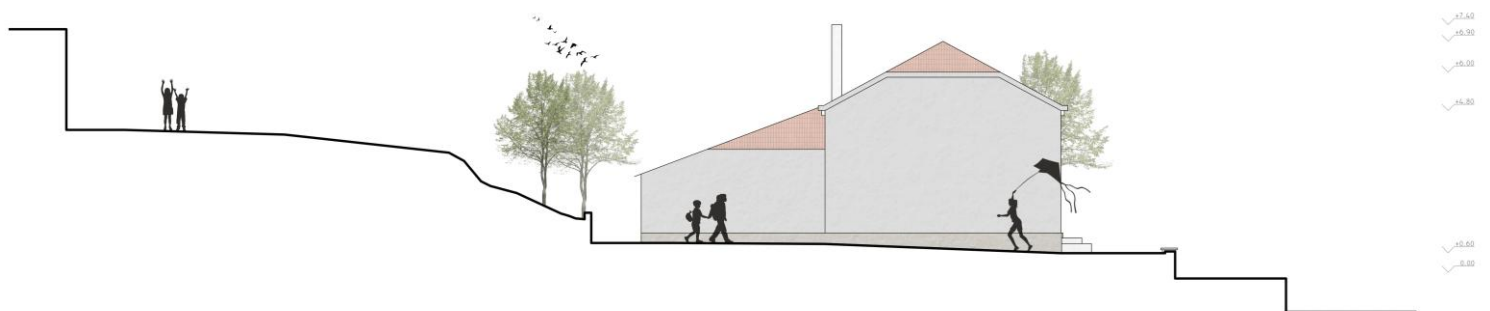


Figura 33 | Alçado Oeste

Legenda:  Granito  Reboco  Alumínio  Madeira  Telha Cerâmica

### 3.3.3 Caracterização do Estado Atual

Atualmente o edifício encontra-se devoluto, tendo diversas patologias, marcas da passagem do tempo, contribuindo para o envelhecimento e degradação dos materiais. Na chegada ao local, as marcas do abandono do edifício são bastante visíveis.

O muro que abraça o terreno onde se insere a antiga escola primária, encontra-se visivelmente degradado. Partes do muro apresentam degradação acentuada com destacamento do reboco, sendo a pedra antes escondida cada vez mais visível a olho nu. O reboco restante encontra-se fissurado, rachado e manchado, sinais de eflorescências, devido às intempéries climáticas com o passar do tempo. Na entrada principal do terreno, uma das colunas que abre acesso à escadaria desagregou-se do muro, estando neste momento caída no meio do acesso. A escadaria de acesso ao terreno apresenta sinais de fungos e musgos e ainda de vegetação espontânea, algumas delas nascidas de entre as fissuras. Estas patologias são também verificadas no pavimento circundante ao edifício.



*Figura 34| Estado atual do muro que envolve o lote (janeiro 2025)*



*Figura 35| Estado atual do acesso ao interior do lote (janeiro 2025)*

As paredes exteriores apresentam-se pontualmente fissuradas e com algumas fissuras. É possível ainda, verificar em algumas situações o destacamento do reboco, provavelmente posteriores ao empolamento. As paredes das instalações sanitárias apresentam manchas escuras e verdes, devido à humidade local proveniente do terreno. A pedra existente, tanto nas cantarias como no rodapé, sofreu uma alteração cromática com o aparecimento de pequenas manchas esbranquiçadas.



*Figura 36| Destacamento do Reboco (parede exterior)*

*Figura 37| Alteração cromática da pedra granítica*

Em relação aos vãos, as janelas da fachada principal, apesar de aparentarem estar em bom estado é possível verificar que as borrachas das mesmas começaram a sair. Além disso, o facto de serem compostas por vidro simples, e tendo em conta o clima severo do inverno, não são as mais adequadas ao local. As portadas em madeira, existentes nas instalações sanitárias, encontram-se em mau estado, partidas, com falhas no ripado.



*Figura 38| Estado atual de um vão do alçado frontal (janeiro 2025)*

*Figura 39| Portada de madeira existente nas instalações sanitárias, alçado tardoz (janeiro 2025)*

No que concerne ao interior do bloco principal, nas paredes da sala de aula, junto às janelas manifestam-se sinais de infiltrações, existência de fungos e empolamento do revestimento. Na parede onde anteriormente se encontrava o quadro, além do reboco ter sofrido uma alteração cromática para amarelado, com a remoção do quadro, a parede aparenta estar danificada e com perfurações onde estava fixado. Além disso, verifica-se ainda o empolamento e fissuração do reboco.



Figura 40| Estado Atual parede interior da sala de aula (janeiro 2025)

Figura 41| Estado atual da parede interior onde se encontrava fixado o quadro (janeiro 2015)

O pavimento da sala de aula, revestido em soalho de madeira de pinho, encontra-se visivelmente degradado com manifestações pontuais de apodrecimento, principalmente nos recantos das janelas. Nota-se que o mesmo começa a abater e a descolar do rodapé. O restante pavimento, revestido a mosaico cerâmico, apresenta sinais de desgaste principalmente nas juntas.



Figura 42| Patologias no pavimento interior da sala de aula (janeiro 2025)

Figura 43| Pavimento interior do hall de entrada, em mosaico cerâmico (janeiro 2025)

O teto falso em gesso cartonado, aplicado em sistema quadriculado de madeira, apresenta indícios de infiltrações com manchas. O sistema quadriculado em madeira manifesta pontualmente sinais de desencaixe. Esta patologia deve-se provavelmente a problemas na cobertura que, contudo, não é possível observar devido à impossibilidade de remoção de uma parte do teto falso.



*Figura 44| Estado atual do teto falso da sala de aula (janeiro 2025)*

A cobertura em telha cerâmica apresenta fraturas e deslocamentos das telhas, bem como descasque das mesmas. Verifica-se ainda a acumulação de lixos como musgos e detritos ao longo da cobertura. Os problemas descritos anteriormente, como o caso de infiltrações, devem-se principalmente às patologias da cobertura que permitem a entrada de água para o interior do edifício. Em relação à estrutura em madeira, no alpendre, é possível verificar que esta se apresenta pontualmente deteriorada, sendo necessário uma avaliação mais técnica para saber se é necessário a sua substituição, ou apenas o reforço estrutural. Os problemas na estrutura podem ser impulsionados por motivos atmosféricos, químicos ou biológicos. Neste caso, é perceptível o apodrecimento de vigas, deformação manifestada em curvaturas, existência de fendas e fungos.



*Figura 45| Estado atual da cobertura visível na zona do alpendre (janeiro 2015)*

# IV. CASOS DE ESTUDO

## 4.1 Escola Vale da Ursa

A antiga escola primária do Vale da Ursa, agora convertida em alojamento local, encontra-se na aldeia de Vale da Ursa, no concelho de Proença-a-Nova. A intervenção foi realizada pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova que tem como objetivo reabilitar e converter antigas escolas primárias em alojamentos locais com a finalidade de captar novos habitantes. Estes alojamentos destinam-se não apenas a turismo, mas também a nómadas digitais e pessoas em teletrabalho.

O projeto de alojamento local foi inaugurado em 2021, 23 anos após o fecho da antiga escola, no ano de 1998, consistindo numa reabilitação e, conseqüente alteração de um edifício escolar para habitação.

O lote de terreno onde está implantada a antiga escola, com 1135,09m<sup>2</sup>, encontra-se à cota da rua, contudo para aceder às instalações escolares, o acesso é feito através de duas escadarias. O edifício escolar foi contruído simetricamente com uma área de 180,12 m<sup>2</sup>. Existiam dois espaços em cada zona, uma vez que, um dos lados se destinava aos alunos do 1º e 2º ano e o outro aos do 3º e 4º. Esta divisão era feita através de um muro que funcionava como divisória entre eles, possuindo duas entradas autónomas. Cada parte do edifício era constituída por uma sala de aula com 48,00m<sup>2</sup>, um *hall* de entrada com 14,54m<sup>2</sup>, zonas de instalações sanitárias com 2,08m<sup>2</sup> e uma zona de arrumos, embora com dimensões diferentes, que juntas representam uma área total de 12,70m<sup>2</sup>. A planta que se segue elucida os espaços anteriormente descritos.



Figura 46| Planta Piso Térreo do edifício escolar

[1] Hall de Entrada; [2] Sala de Aula; [3] Alpendre; [4] Arrumos; [5] Instalações Sanitárias

O acesso ao terreno era feito através de duas entradas, uma de cada lado do muro que faz a distinção entre as duas partes do edifício. Estas duas entradas conduziam posteriormente às zonas de acesso ao edifício, situadas em lados opostos. Cada *hall* de entrada, dava acesso direto à sala de aula e à zona exterior na qual se encontravam as instalações sanitárias e uma escadaria de acesso à zona de arrumos.

Em termos construtivos o edifício era composto por uma cobertura de duas águas. As paredes com 0,40m são compostas por alvenaria em pedra, como a usada nas antigas construções, revestidas a reboco pintado na cor branca e, pontualmente, revestidas a pedra. As janelas de vidro simples são caracterizadas por uma estrutura em grelha de alumínio de cor castanha e com peitoril em pedra. Relativamente aos materiais utilizados no interior do edifício não é possível descrever o que existia antigamente, uma vez que o edifício já sofreu intervenção.

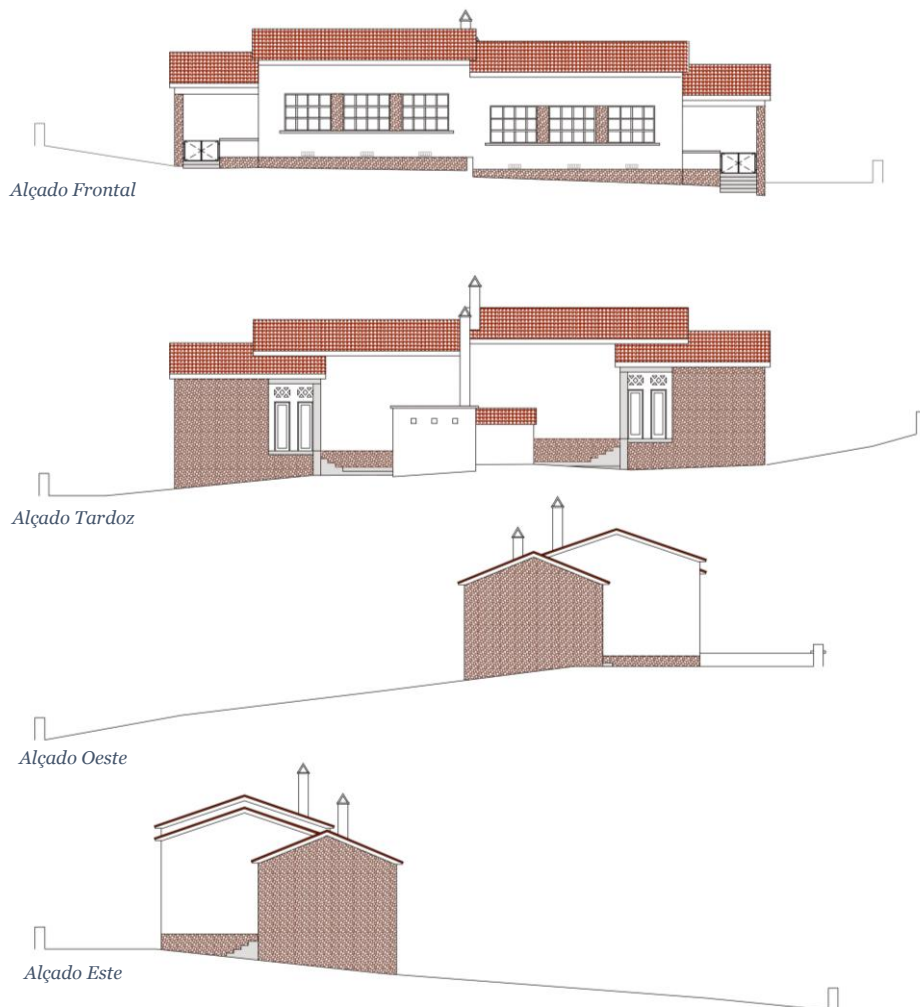
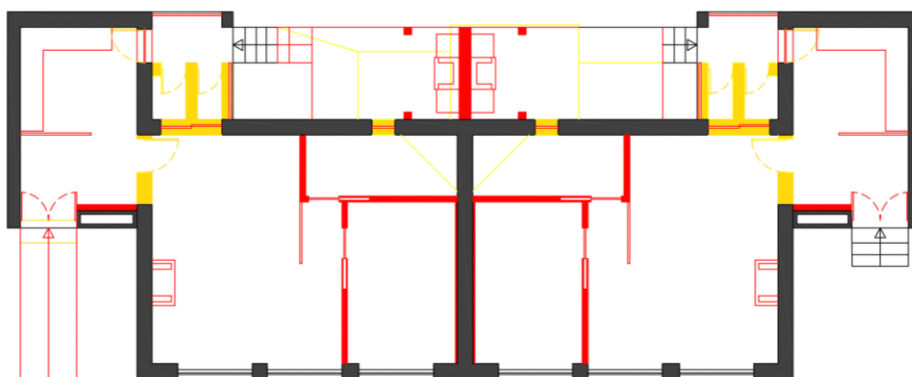


Figura 47| Alçados do edifício escolar

Na planta de sobreposição (vermelhos e amarelos), apresentada em seguida, é possível verificar as decisões tomadas em relação ao existente e à nova proposta. Deste modo, verifica-se a demolição das instalações sanitárias existentes e de algumas seções de parede para abertura de novos vãos. No interior, o antigo *hall* de entrada e as antigas salas de aula são subdivididas em novos espaços através da demolição parcial de paredes e construção de novas.



*Figura 48| Planta de sobreposição (Vermelhos e Amarelos), Vale da Ursa, Alojamento local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021*

Em relação às fachadas, na principal todas as janelas foram substituídas apresentando, contudo, o mesmo registo gráfico que as anteriores. O vão de entrada deu lugar a portas de acesso aos novos apartamentos, transformando parte do pequeno muro existente numa parede e a restante destinada a uma pequena zona de canteiro. Na fachada traseira verifica-se a demolição dos arrumos para a criação de uma zona de lazer com churrasqueira e a criação de duas portas onde anteriormente se situavam as instalações sanitárias. Dada a diferença de cotas entre o edifício e o terreno são criadas guardas no alpendre. São ainda introduzidos dois vãos, de pequenas dimensões, que correspondem às janelas das novas instalações sanitárias inseridas no interior do edifício, ao invés das anteriores, situadas no exterior. É possível ainda verificar que as chaminés existentes foram demolidas e construídas novas de acordo com o projeto proposto, procedendo também à demolição das respetivas lareiras no interior.

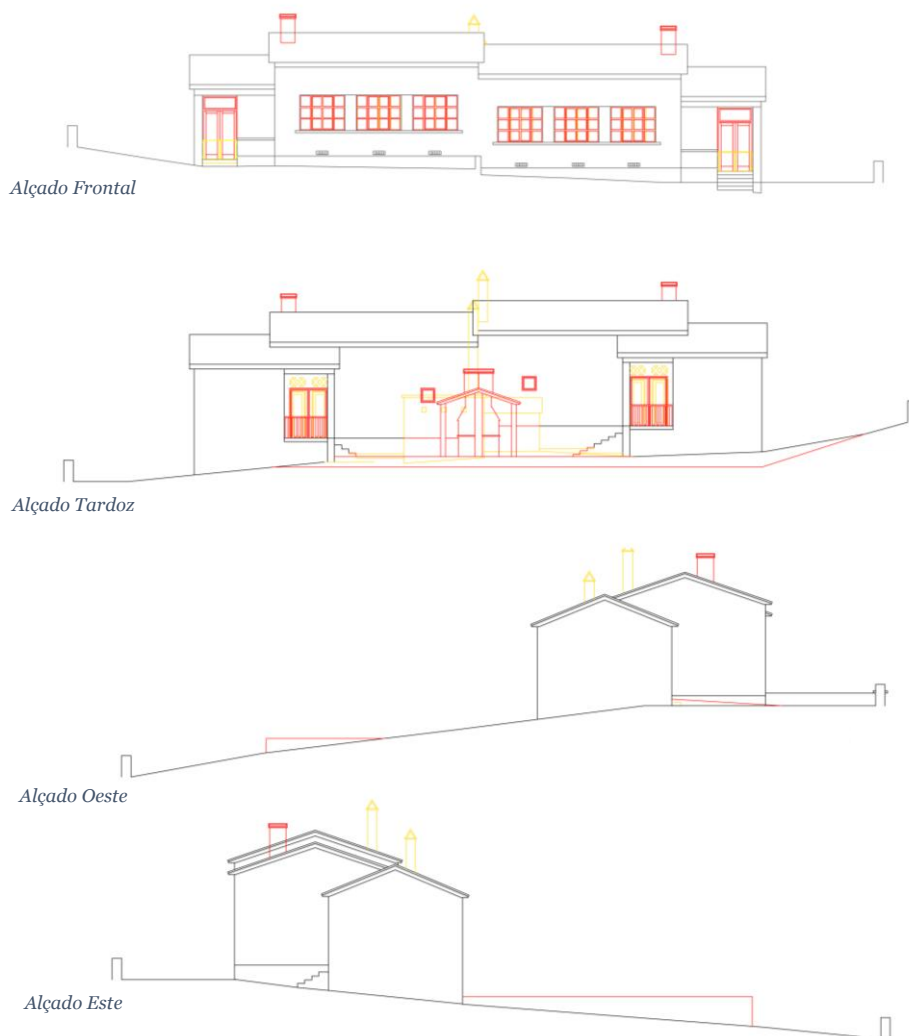


Figura 49| Alçados (Vermelhos e Amarelos), Vale da Ursa, Alojamento local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021

A antiga escola primária passa assim a contemplar dois T1. Um deles acessível através de uma rampa, construída no lugar onde antes existiam umas escadas e o outro acedido pela escada existente. Assim sendo, o apartamento acedido por rampa tem em consideração o acesso a pessoas com mobilidade reduzida.

Cada T1 é composto por *hall* de entrada com 5,90m<sup>2</sup>, cozinha com 8,60m<sup>2</sup>, zona de estar com 28,20m<sup>2</sup>, instalação sanitária com 6,40m<sup>2</sup>, quarto com 12,20m<sup>2</sup>, alpendre com 5,70m<sup>2</sup> e terraço/ zona de lazer com 14,30m<sup>2</sup>.

Relativamente à disposição dos espaços, tendo em conta o que existia anteriormente, no antigo *hall* de entrada encontra-se agora um novo *hall*, embora com uma dimensão mais reduzida, e também a cozinha. O espaço que outrora era destinado à sala de aula corresponde neste momento à zona de estar, a um quarto e à instalação sanitária. O

alpendre situa-se nas antigas instalações sanitárias, e a zona de lazer nos antigos arrumos, mantendo ainda o acesso através de escadaria.

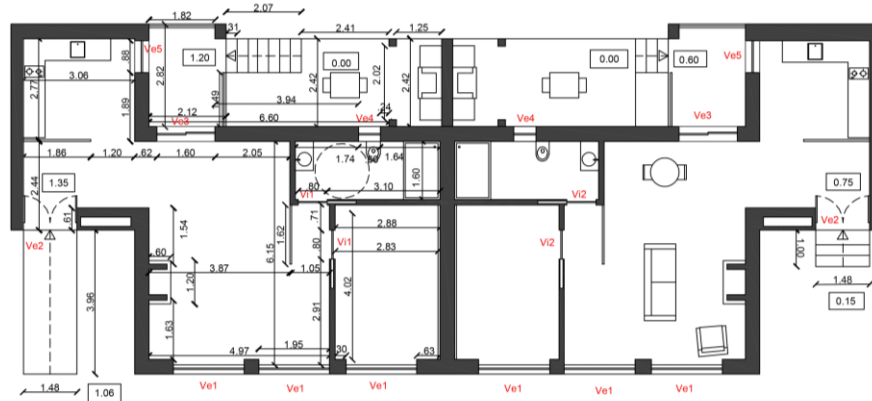
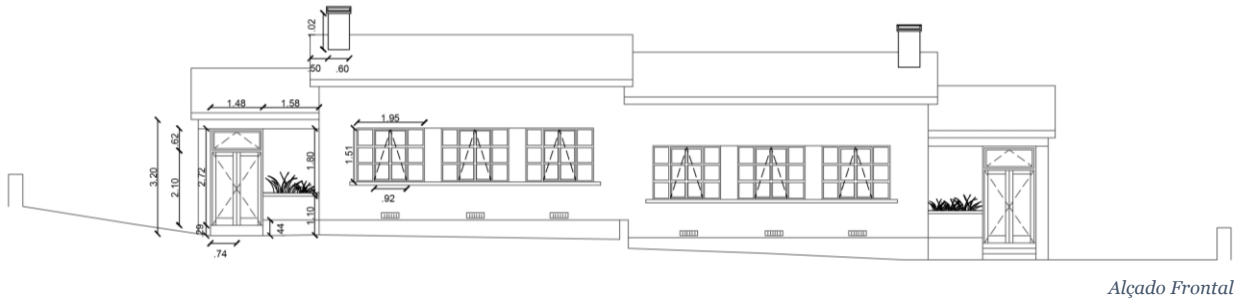
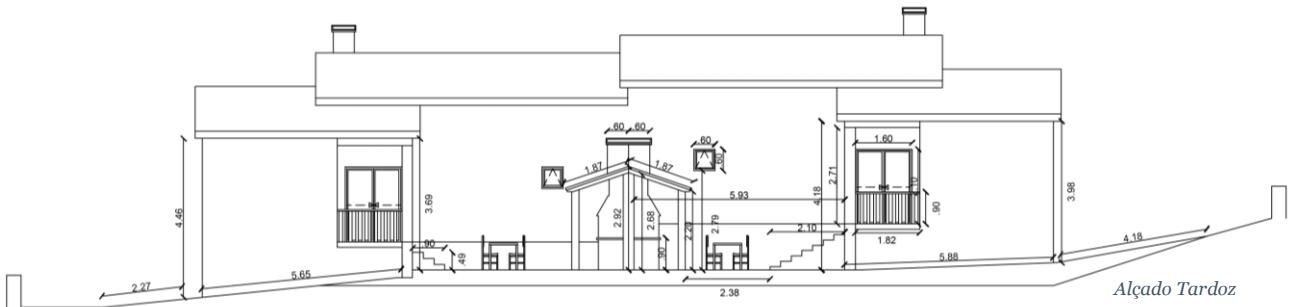


Figura 50| Planta Piso Térreo, Vale da Ursa, Alojamento Local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021



Alçado Frontal



Alçado Tardoz

Figura 51| Alçados, Vale da Ursa, Alojamento Local, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 2021

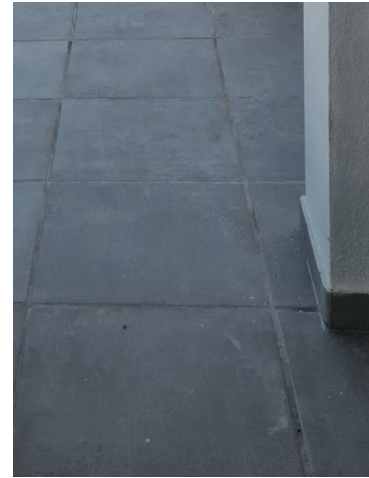
Através de fotografias tiradas durante o decorrer da obra é possível verificar que as paredes da antiga escola, em pedra existente, foram mantidas, procedendo à picagem do reboco e posterior aplicação de uma nova camada pintada em seguida. Consta-se que as novas paredes construídas são em alvenaria de tijolo cerâmico, também elas posteriormente rebocadas e pintadas na cor branca. Verifica-se ainda a instalação de novas redes de águas, esgotos e elétricas, tendo em conta o projeto proposto.



*Figura 52| Parede existente anterior à aplicação de reboco*

*Figura 53| Parede existente rebocada*

No que concerne ao pavimento, nos espaços húmidos (instalação sanitária e cozinha) foi aplicado revestimento em mosaicos, de 15x15cm na cor RAL 1015, e nos restantes espaços interiores soalho em madeira, com réguas de pinho com 200x11cm. No pavimento exterior (alpendre e zona de lazer), no projeto é descrito que o mesmo é em betão.



*Figura 54| Pavimento da instalação sanitária*

*Figura 55| Pavimento da sala de estar*

*Figura 56| Pavimento do alpendre e zona de lazer*

Em relação à cobertura foram retiradas todas as telhas originais e substituídas por telha lusa similar à existente no edifício escolar. A estrutura aparenta ter sido também substituída recorrendo à aplicação de vigotas em betão.



*Figura 57| Substituição da telha original por telha lusa similar à existente*

Através de registo fotográfico, verificam-se algumas alterações em obra, que nos desenhos técnicos fornecidos são inexistentes. Nas imagens seguintes é possível depreender que o patamar da zona de lazer, onde se encontra a churrasqueira, antes acedido através de uma escadaria, agora é acedido diretamente através do alpendre. Este patamar foi elevado através da aplicação de alvenaria de blocos em betão. Contudo, dado a diferença de cotas entre o espaço referido e o terreno na parte posterior do edifício foi colocada uma escada que permite o acesso ao terreno.

O projeto contemplava ainda uma piscina na zona tardoz do edifício que, todavia, não foi construída.



*Figura 58| Alçado tardoz, em fase de obra*

O muro que limita o lote de terreno, na parte frontal, foi demolido nas suas extremidades de modo a permitir o acesso a automóveis. No entanto, na abertura destes dois vãos foram replicadas colunas semelhantes às encontradas nas antigas entradas dos alunos que atualmente servem de entrada pedonal.



*Figura 59| Resultado após a intervenção do Município de Proença-a-Nova*

Em suma, a nova proposta de alojamento respeita o aspeto original do edifício escolar. Mantem a autenticidade visual da construção, preservando a coerência visual do edifício no que diz respeito à sua escala e forma, mantendo o desenho dos vãos e acabamentos, como é o caso do peitoril em pedra. Exteriormente, mantem os materiais originais, como é o caso da pedra que reveste as paredes, substituindo apenas os elementos degradados. Preserva ainda as colunas na zona de entrada e alguns elementos vegetativos como é o caso do castanheiro e sobreiro.

## 4.2 Casa da Antiga Escola

A antiga escola primária de Garafim, alterada e ampliada para servir de casa de campo, situa-se na freguesia de Estorãos no município de Ponte de Lima e foi um projeto de intervenção realizado pelo Arquiteto André Rocha.

O projeto de casa de campo data de 2020, sendo o edifício original do ano de 1964, o qual foi alterado e ampliado com a finalidade de responder a questões turísticas. Deste modo, o edifício, anteriormente de caráter escolar, foi convertido para uso habitacional, recorrendo à alteração parcial das divisões interiores.



Figura 60| Edifício original do ano de 1964, Garafim

Relativamente ao seu enquadramento, o arquiteto refere que o lote se encontra delimitado por muros de pedra, situado numa área isolada essencialmente florestal. Depreende-se que o antigo edifício escolar era composto apenas por uma zona de entrada (*hall*) com 19,63m<sup>2</sup>, uma sala de aula com 48,00m<sup>2</sup>, a zona de instalações sanitárias que totaliza 5,10m<sup>2</sup> e um alpendre com 16,09m<sup>2</sup>. A planta seguinte, baseia-se numa recriação do que existiria anteriormente, partindo da planta de sobreposição.

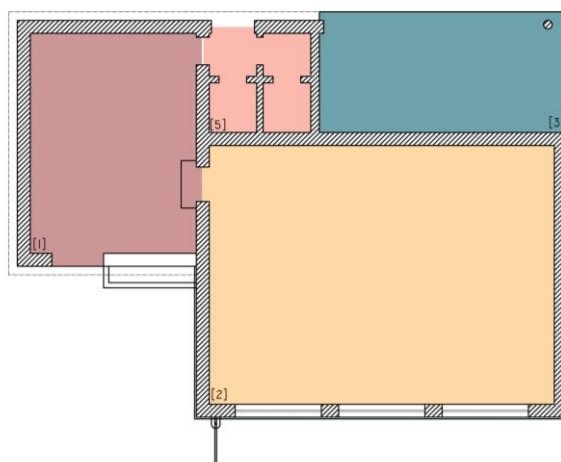


Figura 61| Planta do existente realizada com base na planta de sobreposição  
[1] Hall de Entrada; [2] Sala de Aula; [3] Alpendre; [5] Instalações Sanitárias

Em termos construtivos o edifício era composto por uma cobertura de duas águas e as paredes, de 0,30m, são descritas como sendo paredes de construção sólida e resistentes em pedra. Assim, como outras escolas típicas construídas pelo Estado Novo, o bloco principal apresenta a existência de 3 vãos, definidos por uma grelha quadriculada e rematada com um peitoril em pedra. Na imagem apresentada anteriormente, da antiga escola, verifica-se a existência de um soco exterior que se subentende ser também de pedra.

Na seguinte planta de sobreposição é possível compreender as medidas tomadas em relação ao existente e à nova proposta. Assim sendo, verifica-se a demolição total das antigas instalações sanitárias com construção de novas paredes na zona do alpendre e, conseqüente ampliação deste espaço. A antiga sala de aula é subdividida num novo conjunto de espaços através da construção de novas paredes. Neste espaço, constata-se ainda a construção de uma escadaria de acesso ao piso superior aproveitando a questão de o edifício possuir um pé direito elevado para a criação de mais compartimentos.

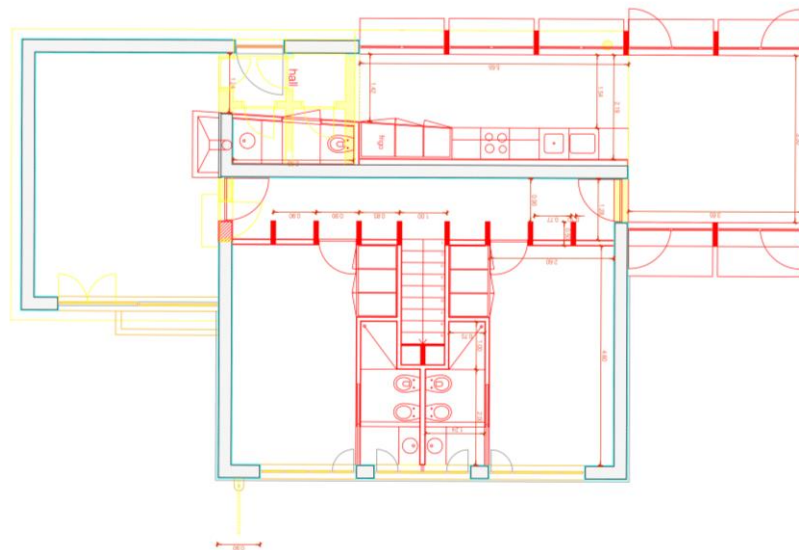


Figura 62| Planta de Sobreposição (Vermelhos e Amarelos), Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

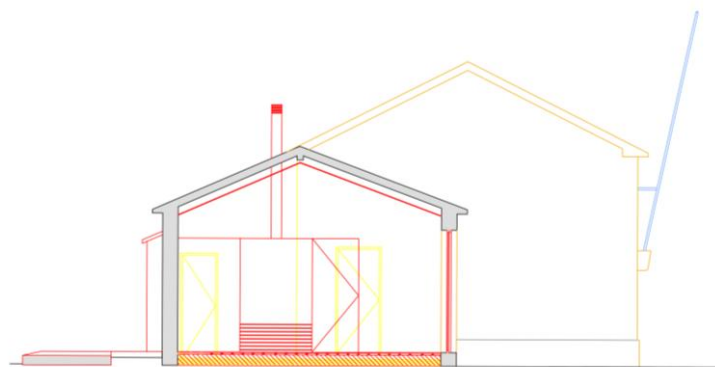


Figura 63| Corte (Vermelhos e Amarelos), Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Relativamente às fachadas, o arquiteto refere que foi evitada a alteração das mesmas. Na fachada principal o desenho das janelas foi mantido recorrendo apenas à substituição dos caixilhos originais usando, contudo, o mesmo material. Na antiga sala de aula observa-se a demolição parcial da parede a fim de criar um novo vão. A antiga entrada na sala de aula foi alterada de modo a alinhar os dois vãos. Em termos de áreas, o antigo *hall* de entrada permanece intacto, contudo, é alterada a configuração da parede de entrada para uma grelha retangular em conjunto com um grande vão envidraçado. Na fachada posterior procedeu-se ao redesenho dos vãos do alpendre existente e da restante ampliação, de modo a articular o espaço da cozinha com o espaço exterior. Através de registo fotográfico é possível verificar que foi feito um novo alpendre, no lado direito da antiga sala de aula, adjacente à nova sala de jantar que não se encontra representado nos desenhos técnicos fornecidos do projeto.



*Figura 64| Novo alpendre adjacente à sala de jantar projetada*

A antiga escola primária de Garafim passa assim a contemplar um T3. A entrada no terreno é feita através de um rasgo no muro que delimita o lote. A habitação apresenta várias possibilidades de acessos ao interior, todavia, o *hall* é marcado no antigo vão que dava acesso do exterior às instalações sanitárias.

O T3 é composto por dois pisos. No piso térreo encontram-se a sala de estar com 20,00m<sup>2</sup>, *hall*/cozinha com 13,80m<sup>2</sup>, copa/sala de jantar com 14,30m<sup>2</sup>, instalação sanitária de apoio com 2,20m<sup>2</sup>, dois quartos com 12,00m<sup>2</sup> cada, possuindo instalação sanitária privativa com 3,20m<sup>2</sup> cada, acedidos estes por um corredor com cerca de 9,00m<sup>2</sup>. Neste corredor existe ainda a escadaria que leva ao piso superior onde se situa um quarto com 13,00m<sup>2</sup>, uma instalação sanitária com 5,30m<sup>2</sup> e ainda uma zona de arrumos com 9,00m<sup>2</sup>. A entrada de luz e ventilação do quarto, do piso superior, é feita através de uma claraboia.

Como referido anteriormente, no piso térreo existe ainda uma zona de alpendre que, contudo, não se encontra representada nos desenhos técnicos. O projeto contempla ainda um tanque de água adjacente ao edifício que não se encontra representado nos desenhos devido à falta de envolvente dos mesmos, mas é possível verificar em registo fotográfico. O arquiteto refere ainda que, a água deste tanque, na eventualidade de ocorrer um incêndio florestal, pode ser utilizada no combate ao mesmo.

Relativamente à disposição dos espaços, tendo em conta o que existia, no antigo *hall* de entrada encontra-se atualmente a receção/sala de estar. No antigo alpendre, foi contruída a cozinha e ainda realizada uma ampliação onde se situa a copa/sala de jantar. Entre a cozinha e a sala de estar encontra-se a zona de *hall* com uma instalação sanitária de apoio. A antiga sala de aula deu lugar a dois quartos com casa de banho privativa acedidos através de um corredor que dá também acesso a uma escadaria que eleva para o piso superior, onde se situam mais um quarto, zona de arrumos e instalação sanitária.

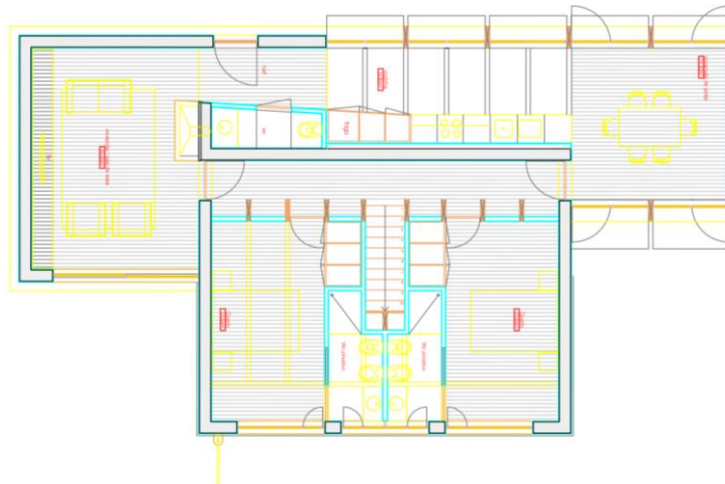


Figura 65| Planta Piso Térreo, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

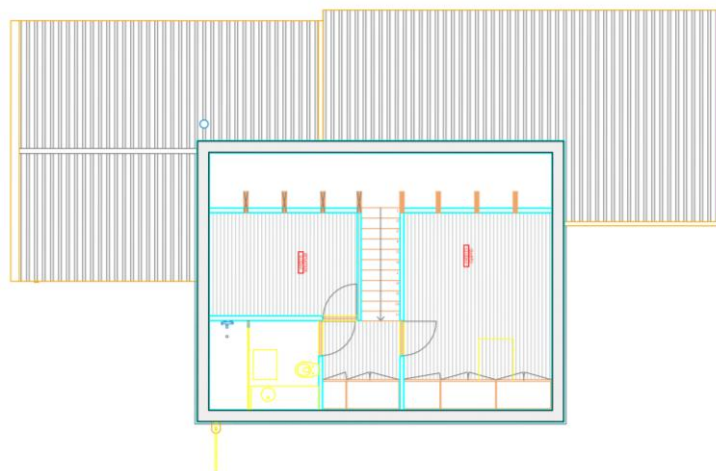


Figura 66| Planta Piso 1, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020



Figura 67| Alçados, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Em termos construtivos, as paredes existentes em pedra foram recuperadas e isoladas pelo seu interior. As novas paredes interiores, com uma espessura de 0,12m, foram construídas em estrutura de *pladur*. Nas instalações sanitárias as paredes são ainda revestidas a pastilha de cor cinza-claro.

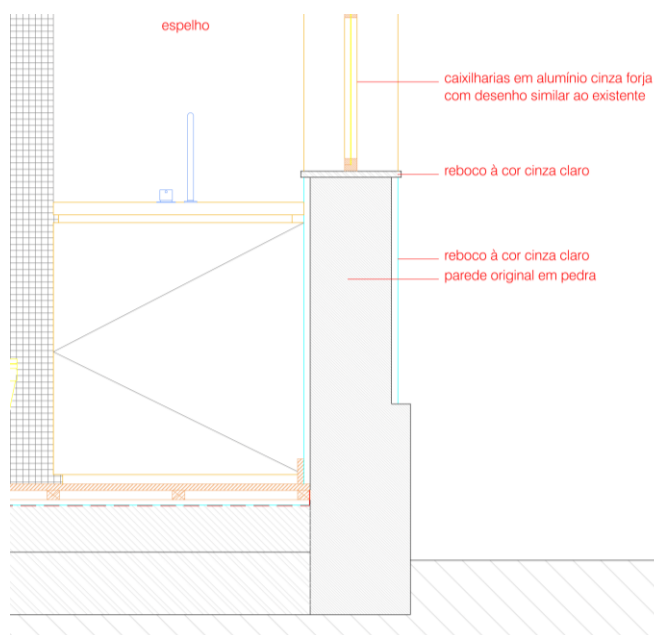


Figura 68| Pormenor Construtivo Parede Existente, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Nas paredes dos novos espaços criados no alçado norte, cozinha e sala de jantar, edificados no antigo alpendre, o arquiteto refere o uso de materiais leves como o caso da madeira e pladur. Os pilares que sustentam a cobertura destas novas divisões são em pedra e “fixados ao embasamento já existente do recreio original através do aparafusamento assim como o vigamento em madeira na cobertura (que foi substituído dado o seu estado de ruína)”. A cobertura é revestida em telha tradicional de canudo, com isolamento térmico de 40mm. Na entrada do *hall* foi ainda aplicado um teto falso em gesso cartonado. Interiormente os novos pilares inseridos no corredor, que dá acesso aos quartos, são em pinho lamelado 10x50cm.

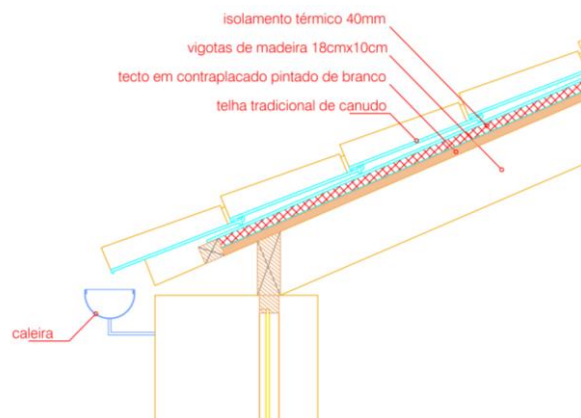


Figura 69| Pormenor Construtivo Cobertura, Garafim, Casa da Antiga Escola, Arq. André Rocha, 2020

Relativamente ao pavimento, o projeto prevê que quase todo será revestido em soalho de madeira do tipo 22mm, exceto a área da cozinha que estava previsto a aplicação de lajetas de granito de 2cm. No entanto, através de registo fotográfico verifica-se que o pavimento da cozinha foi revestido na mesma madeira que os restantes espaços. Exteriormente, no alpendre e na zona onde se localiza o tanque de água foi aplicado um *deck* em madeira.

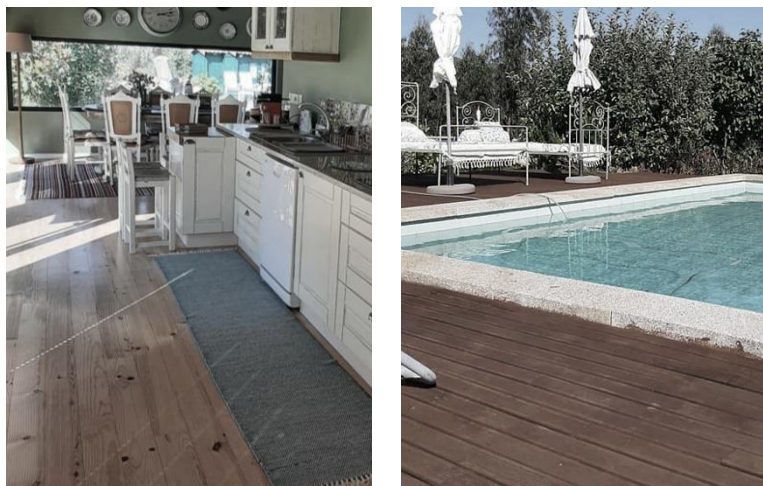


Figura 70| Pavimento da cozinha revestido em soalho de madeira

Figura 71| Pavimento da piscina em deck de madeira

Em suma, a proposta de alteração da antiga escola primária para casa do campo tem em consideração a pré-existência, preservando o seu aspeto original da típica escola do estado novo. O arquiteto refere que “A inserção na paisagem não é alterada de forma significativa exceptuando a ampliação de 14m<sup>2</sup>.”. A intervenção mantém a autenticidade visual da pré-existência, alterando ponderadamente a sua forma, mas preservando a sua escala. O projeto respeita ainda a materialidade antes existente, recorrendo à recuperação de elementos pontualmente degradados e quando danificados ao redesenho dos mesmos como o caso dos vãos da antiga sala de aula. Foram ainda preservadas as paredes antigas de pedra e o soco no mesmo material.



*Figura 72| Resultado após concretização do projeto idealizado pelo Arq. André Rocha*

### 4.3 Quinta da Malarranha

A antiga escola primária em estudo, situa-se na Malarranha Grande, freguesia de Pavia, no concelho de Mora. A nova proposta de intervenção foi realizada pelo *Atelier Átrio*.

O projeto tinha como premissa a intervenção de reconversão do edifício escolar para uma casa de campo destinada a turismo em espaço rural, uma vez que anteriormente não era aceite caracterizá-lo como uso habitacional. A seguinte intervenção consiste na reconstrução e alteração de utilização de uma moradia unifamiliar encontrando-se a pré-existência em ruína.

O edifício em questão, projetado pelo arquiteto Raúl Lino, foi construído na década de 50 e está inserido no plano de construção de 7000 escolas que tinham como princípio o combate ao analfabetismo em Portugal.

O antigo edifício escolar encontra-se numa área isolada, implantado num terreno classificado como solo rústico, em zona agropastoril. O lote tem cerca de 1920,00m<sup>2</sup>, sendo a área de implantação e bruta de construção existente correspondente a 160,07m<sup>2</sup>. A pré-existência apresentava uma divisão de espaços simples, sendo formada por um *hall* de entrada com 27,83m<sup>2</sup>, uma sala de aula com 48,55m<sup>2</sup>, uma zona de recreio/alpendre com 46,05m<sup>2</sup> e a zona de instalações sanitárias com uma área total de 7,97m<sup>2</sup>. A planta que se segue ilustra os espaços referidos.

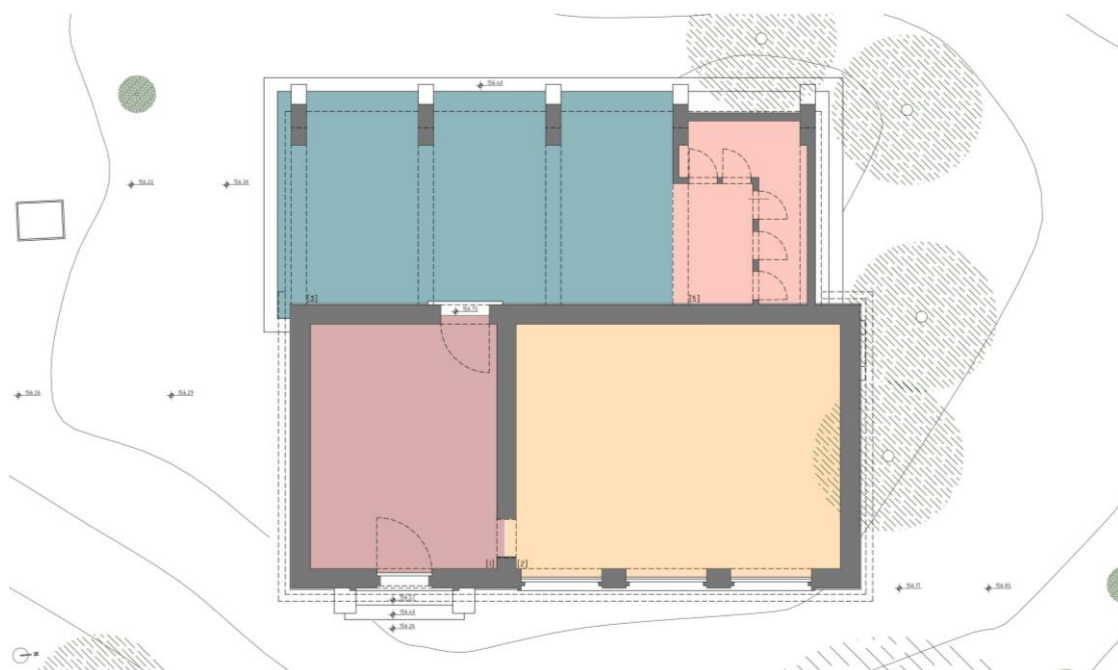


Figura 73| Planta Piso Térreo Existente

[1] Hall de Entrada; [2] Sala de Aula; [3] Alpendre; [5] Instalações Sanitárias

Relativamente aos acessos, o principal encontra-se na fachada principal, com auxílio de uma pequena escadaria, sendo o vão de entrada caracterizado por um pórtico em pedra que direciona para o *hall* de entrada. Este *hall* era composto por dois vãos, um de acesso à antiga sala de aula e outro à zona exterior do alpendre/recreio. Esta zona exterior era caracterizada por vários arcos irregulares que suportavam a cobertura. As instalações sanitárias tinham acesso direto através do alpendre. Na parte tardoz existe ainda uma escadaria que rodeia a zona do alpendre e das instalações sanitárias.

No que diz respeito às fachadas, o edifício apresenta uma fachada principal a nascente voltada para a estrada municipal de acesso ao terreno. Na fachada lateral esquerda, a sul, depreende-se a forma dos arcos anteriormente referidos. O alçado tardoz, voltado para poente, antiga zona de recreio/lazer encontra-se virado para a paisagem típica alentejana. A norte a fachada é cega, contudo, verifica-se a existência de uma chaminé proveniente da lareira interior que aquecia o espaço.

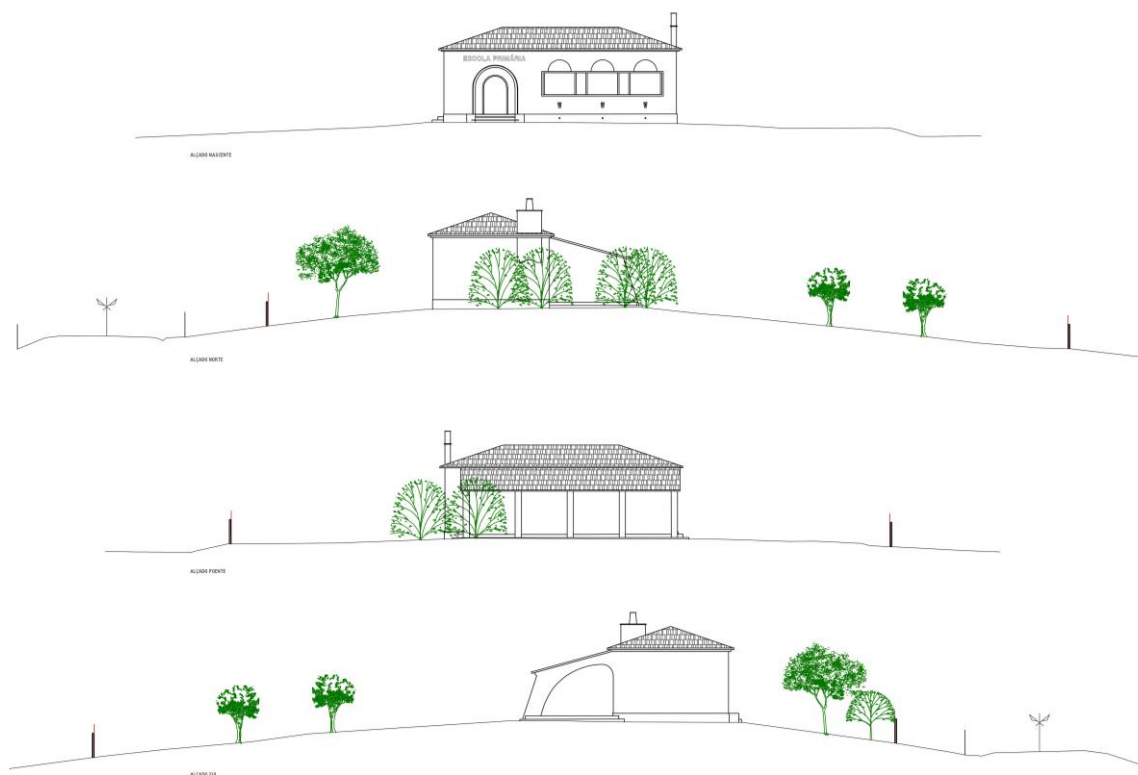


Figura 74| Alçados do Existente, Malarranha Grande, Escola primária, Arq. João Gomes

Em termos de materialidade, o edifício é caracterizado pelas suas paredes pintadas a branco, com soco em pedra. Os vãos são em madeira, emoldurados em pedra. As soleiras e pavimentos exteriores são em granito cinza bujardado e os interiores em tijoleira. A cobertura é revestida a telha lusa.

Antes da intervenção realizada pelo *Atelier Átrio*, como referido anteriormente, a antiga escola encontrava-se num estado de ruína, bastante avançado. Através de registo fotográfico fornecido pelo atelier é possível verificar que a cobertura na parte tardoz do edifício, onde se encontravam a zona de alpendre/recreio e as instalações sanitárias, tinha desabado. Nesta mesma zona começou a surgir vegetação espontânea. Também no interior se verifica um elevado grau de degradação com desabamento pontual do teto, paredes fissuradas, grandes manifestações de humidades/infiltrações, entre outras patologias. As seguintes fotografias elucidam o estado da antiga escola antes da intervenção.



Figura 75| Levantamento Fotográfico do Existente, Malarranha Grande, Escola primária, Arq. João Gomes

A planta de sobreposição que se segue sugere as intenções de intervenção em relação ao existente e à nova proposta. Os espaços são reconfigurados de modo a responder ao novo programa habitacional. Por conseguinte, verifica-se a demolição total da parede que separava o antigo *hall* da sala de aula, e uma parte da parede que dividia o alpendre da sala, construindo novas paredes de divisão de espaços nessa área. O bloco das antigas instalações sanitárias é completamente demolido, e o espaço do alpendre passa a ser delimitado pela criação de novas paredes e vãos que incorporam os arcos existentes. No exterior, no alçado norte e sul, são ainda desenhados novos espaços verdes.

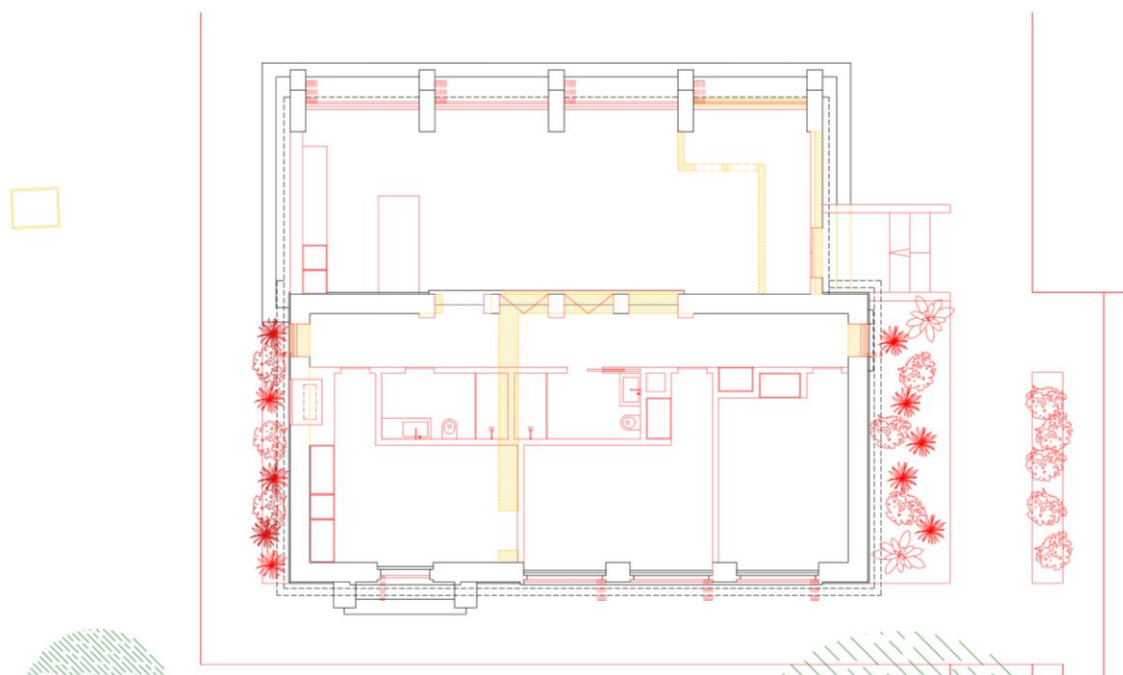


Figura 76| Planta de Piso Térreo (Vermelhos e Amarelos), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Relativamente ao desenho das fachadas, estas sofrem alterações de acordo com a nova organização espacial. Denota-se que nas fachadas anteriormente cegas são criados novos vãos, o que faz com que o edifício não possua mais fachadas cegas. A fachada principal, voltada a nascente é preservada, não se verificando qualquer alteração na mesma. Na fachada lateral direita, a norte, constata-se a preservação da antiga chaminé e a abertura de novos vãos. Na fachada poente são introduzidos grandes vãos envidraçados, dois deles fixos e os outros dois são divididos tendo um deles abertura dando acesso à parte tardoz do edifício, onde é projetada uma nova zona de lazer com piscina. No alçado sul observa-se a abertura de um novo vão, alinhado com o vão criado a norte, e a criação de um armário técnico destinado ao ar-condicionado. São ainda perceptíveis a relação entre o edifício e a nova zona de lazer.

No que diz respeito à altura do edifício, é referido que o máximo corresponde a 4,45m e que a mesma não tem relação direta à obrigação de altura máxima de 3,50m dado que se trata de uma pré-existência com valor e interesse histórico.

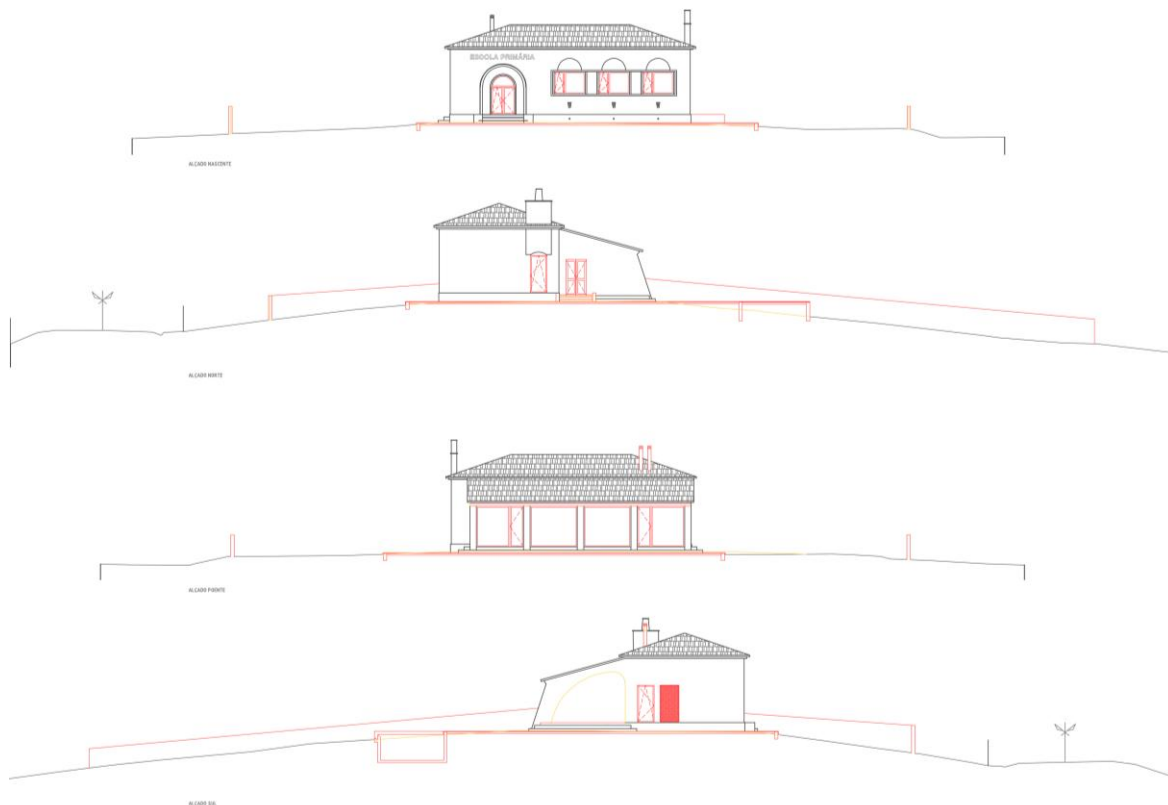


Figura 77 | Alçados (Vermelhos e Amarelos), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

A antiga escola primária passa assim a contemplar um T3. Além das alterações abordadas anteriormente, o acesso ao edifício passa a ser feito pela fachada norte, através da construção de uma nova escadaria adjacente ao espaço de jardim criado.

Relativamente aos espaços interiores, a nova proposta contempla a criação de três zonas diferentes, a social, a privativa e a de circulação. A zona social é constituída por *hall* de entrada com 7,57m<sup>2</sup>, sala de estar com 20,50m<sup>2</sup>, sala de jantar com 12,38 m<sup>2</sup> e cozinha com 14,19m<sup>2</sup>. A zona de circulação interior, com 16,92m<sup>2</sup>, faz a separação entre a zona social e a privada. A zona privada é composta por um quarto uma instalação sanitária privada de 4,32m<sup>2</sup>, uma instalação sanitária com 4,87m<sup>2</sup> e dois quartos com áreas distintas, um de 15,98m<sup>2</sup> e outro de 13,62m<sup>2</sup>.

Comparando a distribuição espacial existente com a proposta, o antigo *hall* de entrada e a sala de aula correspondem à zona de circulação interior e à zona privada onde se encontram

os quartos e as novas instalações sanitárias. No lugar da antiga zona de recreio e instalações sanitárias foram projetados os espaços que correspondem à zona social.

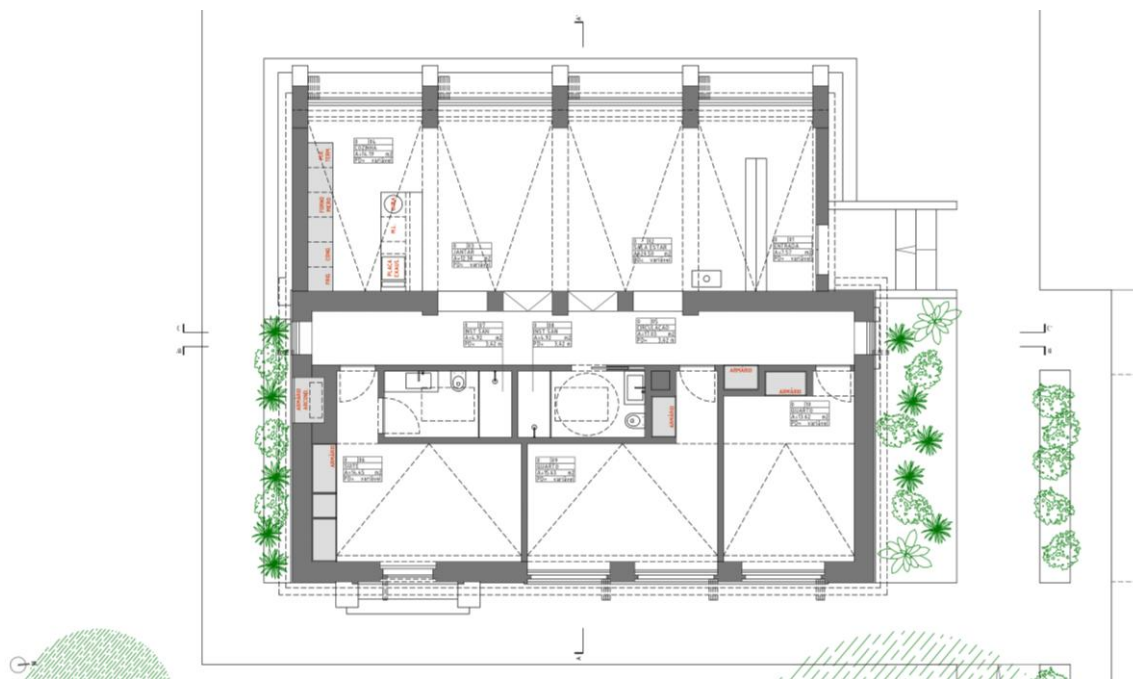


Figura 78| Planta Piso Térreo (Proposto), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Quanto às decisões tomadas no exterior, foi criado um muro, na parte frontal do edifício, posteriormente rebocado e pintado na cor branca RAL 9010. Neste muro encontram-se duas entradas, uma pedonal e a outra automóvel, de acesso ao estacionamento descoberto em grelha de enrelvamento, com 117m<sup>2</sup>, com espaço para quatro lugares. Na restante delimitação do terreno foi aplicada uma vedação em rede com fixação de toros de madeira tratada.

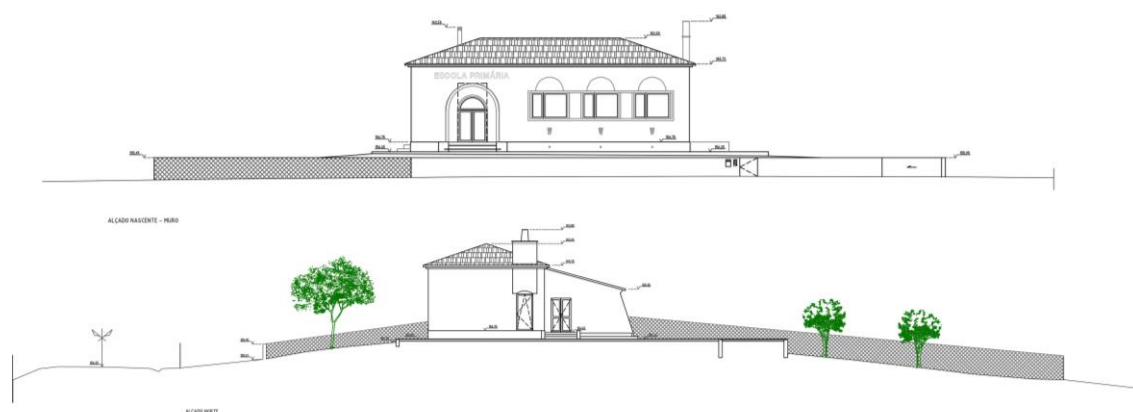


Figura 79| Alçados (Proposto), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Na envolvente do edifício e restante área de lazer, com 1217m<sup>2</sup>, não existe qualquer revestimento, preservando o terreno existente. Em torno do edifício foi projetado um patamar em pedra granito cinza bujardada e na zona da piscina, de 38m<sup>2</sup>, aplicado um *deck* de madeira. Foram ainda desenvolvidas pequenas áreas de jardim com vegetação autóctone, que representam uma área de 27m<sup>2</sup>.

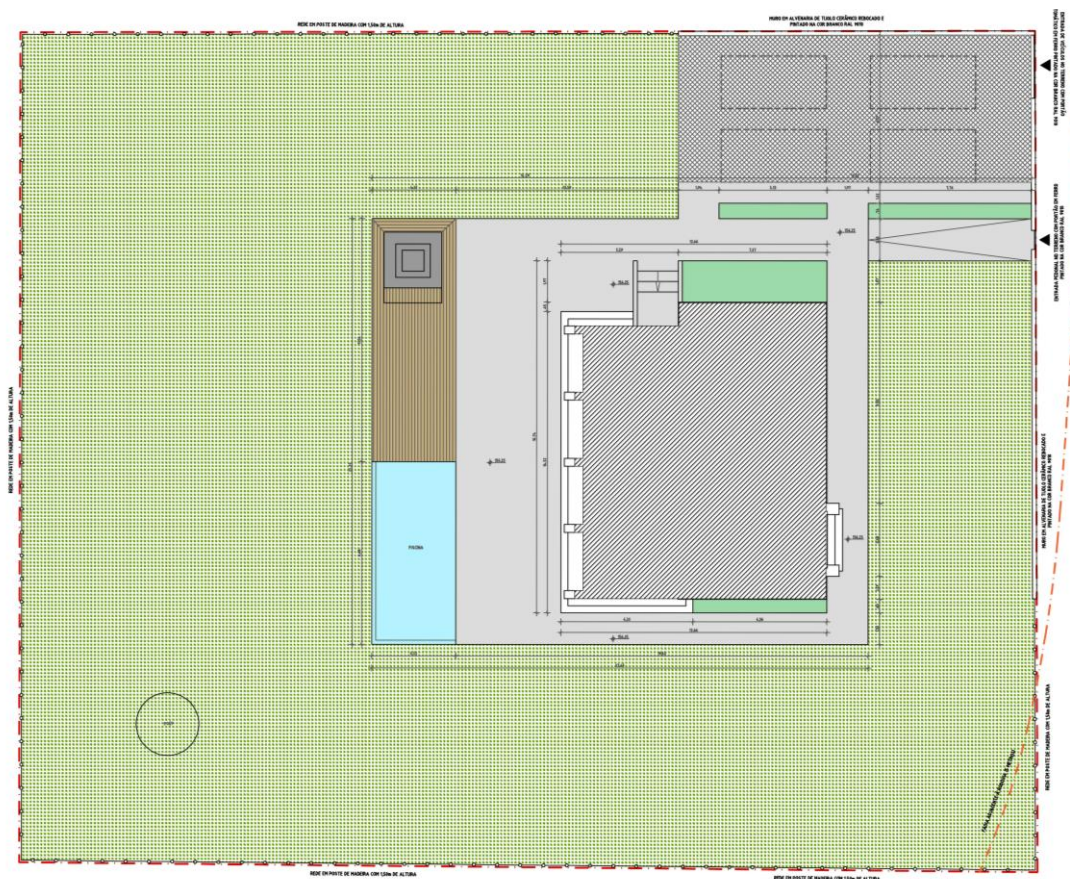


Figura 80| Planta de Arranjos Exteriores (Proposto), Malarranha Grande, Quinta da Malarranha, Arq. João Gomes, 2021

Em termos construtivos, as paredes existentes em alvenaria de tijolo maciço, da antiga sala de aula e *hall* de entrada, foram preservadas e, posteriormente, rebocadas e pintadas na cor branca RAL 9010 pelo exterior e reforçadas termicamente. O lambrim em pedra granito cinza bujardada foi também mantido, assim como a cantaria em pedra granítica cinza bujardada existente nos vãos da pré-existência. O arquiteto refere ainda que os materiais utilizados no interior seguem os existentes e que recorre aos materiais tradicionais para compor os espaços. Refere ainda que “O granito, a madeira, a tijoleira e a pintura na cor branca são uma presença essencial.”

Em relação à cobertura procedeu-se à construção de uma nova, em telha lusa assente em ripado de madeira, suportada através de vigas lameladas, posteriormente isoladas e impermeabilizadas.

De modo sucinto, a nova proposta de reconstrução tem como premissa “*requalificar, conservar e manter o interesse histórico*” do edifício. A intervenção mantém a imagem original do edifício, preservando não só os materiais existentes como também a sua escala e forma. Reaproveitando os espaços e alterando-os de acordo com o novo programa proposto sem fazer qualquer ampliação ao edifício existente.



Figura 81| Edifício após intervenção

# V. ESTRATÉGIA DE PROJETO

## 5.1 Introdução

A presente memória descritiva serve de complemento à análise do projeto de arquitetura e reflexão sobre o mesmo, com base nos conhecimentos adquiridos e da investigação realizada. A intervenção desenvolvida visa a reabilitação e adaptação de uma antiga escola primária localizada em Corgas, concelho de Proença-a-Nova, com a finalidade de a transformar num alojamento para turismo rural.



*Figura 82 | Localização do Edifício em estudo*

Pretende-se que a antiga escola primária, construída na década de 1950 e encerrada desde 2004, volte a abrir portas embora com uma função díspar daquela para a qual foi projetada outrora. Assim sendo, o antigo edifício escolar servirá de base para a proposta de um alojamento de turismo rural. O objetivo é reabilitar e a adaptar a pré-existência e criar novos volumes, que, em conjunto, respondam às necessidades inerentes à nova função, reconstruindo e recuperando alguns elementos e procedendo à demolição de outros, de modo a conceber uma solução arquitetónica adequada e funcional às necessidades do novo programa e do nosso tempo.

## 5.2 Legislação e Questões Legais

Com base nas plantas de ordenamento e condicionantes inerentes ao Plano Diretor Municipal de Proença-a-Nova (PDM), a área de intervenção está inserida em aglomerado rural de nível A, em zona de perigosidade de incêndio (alta e muito alta) correspondente ao nível 4. O local não se encontra abrangido por qualquer outra condicionante como: Reserva Ecológica Nacional (REN) ou Reserva Agrícola Nacional (RAN).

A proposta de intervenção tem em consideração o acesso a todos os espaços projetados de acordo com o Decreto-Lei 163/2006, de 8 de agosto, recorrendo ao uso de plataformas elevatórias uma vez que não é possível a construção de rampa devido às dimensões do lote. Acerca das acessibilidades foi ainda tido em conta o artigo 23.º do PDM que refere “*Todas as intervenções no território (...) visam a melhoria formal e funcional do espaço onde se inserem e têm obrigatoriamente de garantir a promoção da acessibilidade, elemento fundamental do bem-estar e qualidade de vida de toda a população.*”. (Diário da República, 2015, p. 22187)

### **5.3 Descrição do Existente**

Como abordado no capítulo III, a antiga escola primária, objeto de estudo, foi construída na década de 1950, contribuindo para a formação de vários corguenses, representando um elemento importante nas suas vidas e educação. A escola permaneceu ativa até ao ano de 2004, altura em que encerrou definitivamente as suas portas. Atualmente, o edifício encontra-se devoluto, sem qualquer uso associado ao mesmo, sem qualquer manutenção, apresentando cada vez mais patologias com o decorrer do tempo.

Recorda-se que se encontra implantada num terreno com cerca de 1406m<sup>2</sup>, composto pela edificação escolar e por uma zona de logradouro, que inclui o antigo campo de jogos e que servia de espaço lúdico para as crianças. Na parte frontal, o terreno, é delimitado por um muro com cerca de 1m de altura, em pedra, rebocado e pintado. O antigo campo de futebol, elevado 3m de altura em relação ao patamar onde se encontra a escola, é delimitado por um muro de pedra antigo, em xisto, com uma altura de 3m. A envolvente é marcada essencialmente pela presença de terrenos agrícolas, vinhas, pastos e algum edificado que serve para armazéns de apoio aos mesmos.

A pré-existência, com uma área de implantação de aproximadamente 156m<sup>2</sup>, apresenta uma divisão de espaços simplificada. É composta por dois volumes, de alturas diferentes, o principal, composto pelo *hall* de entrada e sala de aula e, o outro volume composto por uma zona de arrumos, instalações sanitárias e alpendre. Após análise dos casos de estudo, depreende-se que a constituição desta escola é muito semelhante às construídas na mesma época, que tinham como objetivo combater o analfabetismo em Portugal.

Relativamente ao estado de conservação, considera-se razoável, apresentando, contudo, diversas patologias, sendo a maior parte das mesmas, associadas a infiltrações e degradação dos revestimentos, tanto interiores como exteriores, como dissecado no ponto 3.3.3.

## 5.4 Conceito/Ideia/Processo

O processo projetual é resultado da pesquisa, análise e conseqüente reflexão teórica implícita da presente dissertação.

A intenção da proposta baseia-se na preservação da memória, e no modo, como uma antiga escola poder ser transformada e inovada, atraindo visitantes que mais tarde se poderão transformar em habitantes locais. O objetivo é contrariar o despovoamento da aldeia, permitindo que a história, cultura, costumes e tradições permaneçam vivas.

A intervenção a realizar tem como premissa a reabilitação da antiga escola primária existente, recorrendo à transformação da mesma, através da criação de novos espaços que respondam às necessidades associadas ao novo programa de alojamento para fins turísticos. Tendo em conta, que se trata de um edifício de pequenas dimensões, existe a necessidade de criar novos volumes, que em complemento com o existente permitam a criação de mais espaços de alojamento, lazer e equipamentos necessários. Pretende-se, contudo, que a escola seja o elemento com mais ênfase, enquadrando e ocultando os restantes volumes no terreno com materiais que permitam que estes se agreguem disfarçadamente na envolvente.

A intervenção respeita e engloba, não apenas a forma, mas também os restantes elementos existentes, como por exemplo, as cores, as texturas, a natureza e o modo como o aproveitamento destes podem contribuir para as diferentes atmosferas criadas. Os espaços verdes são elementos marcante no local, sendo a escola rodeada por eles. Tendo em conta a pré-existência e o modo como esta se insere no terreno, a primeira ação prende-se no pensamento de manter o aspeto original da escola, alterando apenas a disposição interior dos espaços, incluindo o aproveitamento das paredes e dos vãos existentes, de modo a tentar evitar ao máximo demolições.

Surge assim, a necessidade de repensar um novo programa que dá resposta às novas necessidades, o modo como o mesmo se organiza, e ainda como o existente se relaciona com a criação de novos volumes, bem como a forma dos mesmos.

Considerando a predominância de elementos retos na área de estudo, desde as paredes da escola aos muros que rodeiam a mesma; optou-se por criar espaços que seguem o mesmo princípio. A diferença de cotas entre o patamar da escola e o patamar do antigo campo desportivo permite a criação de volumes parcialmente enterrados. Os mesmos são estabelecidos através de alinhamentos com a pré-existência e muros circundantes.

Além da reflexão acerca da distribuição de espaços, o modo como é feita a circulação foi um elemento fundamental a repensar, bem como a constituição dos espaços exteriores. Sendo

estes anteriormente marcados pela envolvente verde, esta é reinterpretada e adequada à nova intervenção.

Os esboços que se seguem traduzem as ideias iniciais e a evolução das mesmas.

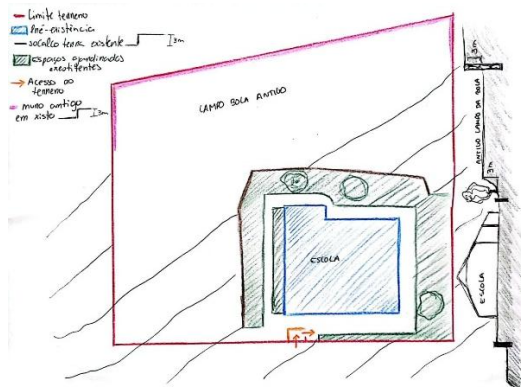


Figura 83| Breve análise do existente

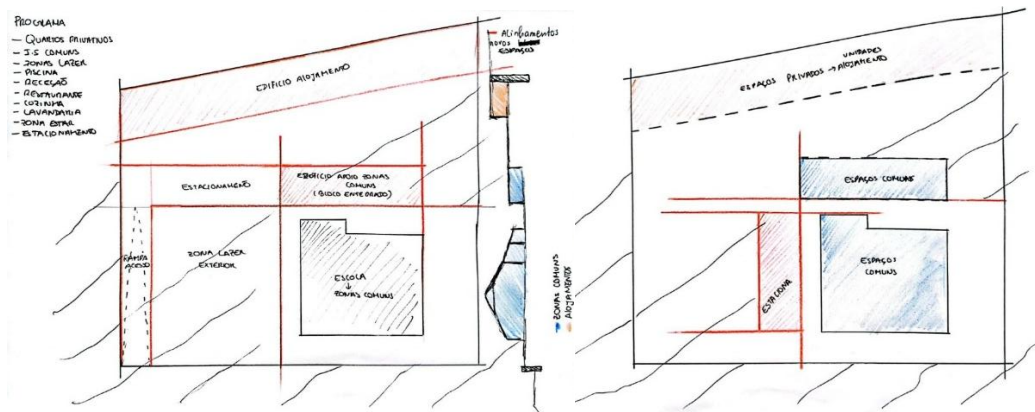


Figura 84| Esboços de alinhamento dos novos volumes em relação à pré-existência

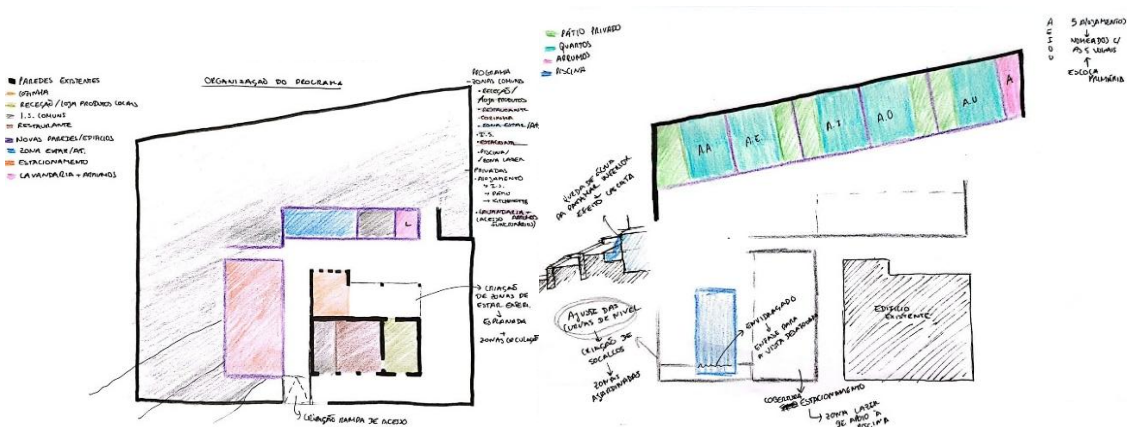


Figura 85| Esboços simplificados da distribuição do programa proposto



Figura 86| Esquisso de pensamento acerca dos espaços verdes e acessos

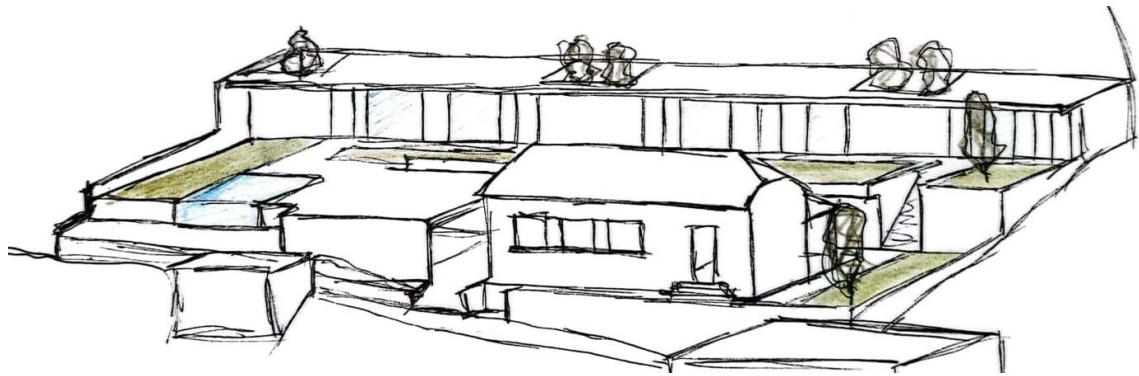


Figura 87| Perspetiva, em fase intermédia, do conjunto projetado

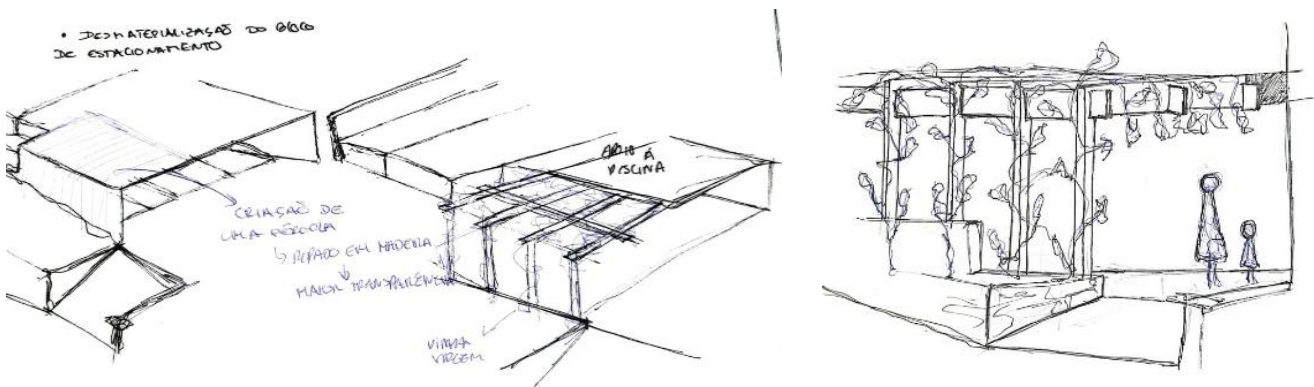


Figura 88| Desmaterialização do volume do estacionamento através da introdução do elemento pérgula

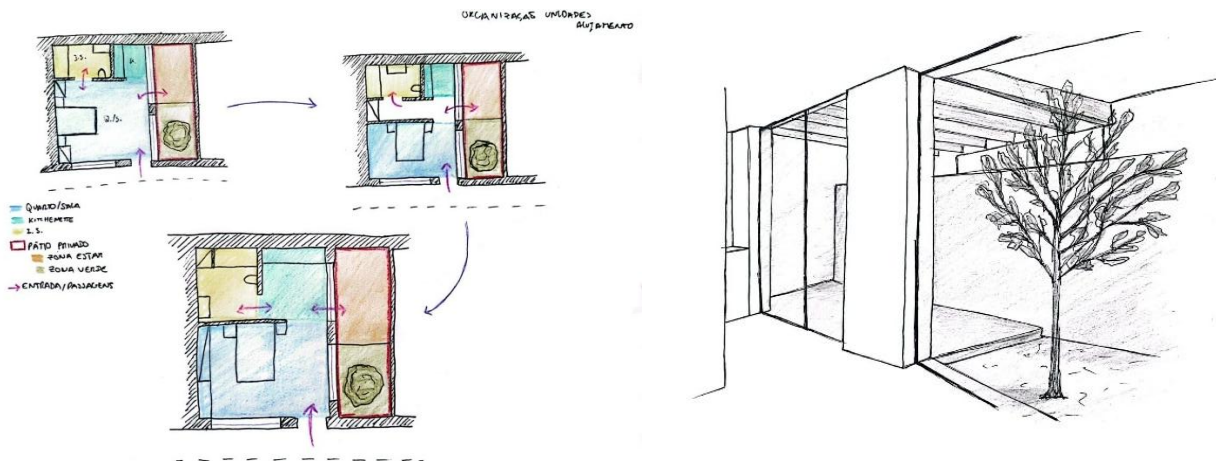


Figura 89| Esquema de Organização interior das unidades de alojamento

Figura 90| Perspetiva da vista interior do quarto para o pátio privado

## 5.5 Programa/Função

Considerando a alteração de uso escolar para alojamento turístico, o programa proposto tem como objetivo a criação de espaços que se adequem à nova função. Deste modo, pretende-se a criação de uma área de receção, uma pequena loja de produtos locais, uma zona de restauração, uma zona de estar/atividades, uma zona de lazer com piscina, estacionamento que responde ao número de unidades de alojamento, áreas de apoio, como por exemplo a lavandaria e arrumos. As cinco unidades de alojamento são compostas por uma instalação sanitária privada, *kitchenette* quarto/sala e um pátio interior. O projeto contempla ainda a adaptação de espaços verdes existentes e a criação de novos espaços ajardinados.

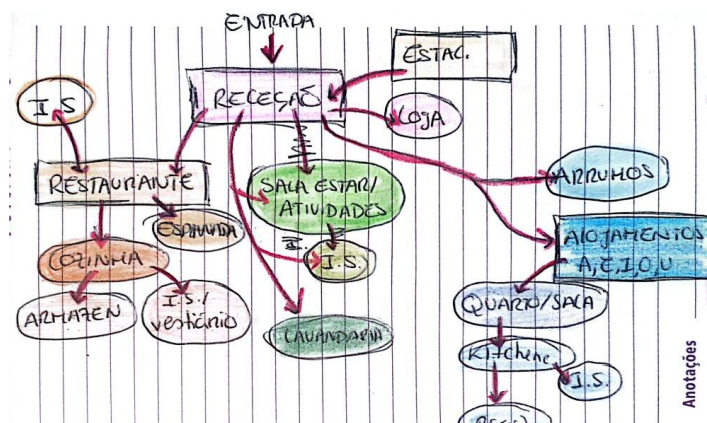


Figura 91| Diagrama de distribuição do programa proposto

A proposta para alojamento de turismo local, na antiga escola primária de Corgas, organiza-se em dois pisos, piso térreo e piso 1. Considera-se o piso térreo, o piso principal, onde se

localizam as entradas, tanto pedonal como automóvel, através de rampas, uma vez que este se encontra a uma cota mais elevada, cerca de 1m de altura em relação à via de acesso.

No que concerne à distribuição do programa, de acordo com a pré-existência e os novos volumes parcialmente enterrados, o piso térreo destina-se a espaços de uso comum, enquanto o novo volume do piso 1 destina-se às unidades de alojamento. Deste modo, o piso térreo é composto por uma receção com 15,70m<sup>2</sup>, uma pequena loja de produtos locais com 8,10m<sup>2</sup>, uma zona de restauração com instalação sanitária que totalizam 77,30m<sup>2</sup>, zona de esplanada de 21,00m<sup>2</sup>, um espaço de estar/atividades com 28,00m<sup>2</sup>, instalações sanitárias comuns com 13,50m<sup>2</sup>, lavandaria com 8m<sup>2</sup> e estacionamento com aproximadamente 94m<sup>2</sup>. No piso 1 do novo volume são distribuídas as cinco unidades de alojamento, quatro com uma área equivalente a 45,82m<sup>2</sup> e uma com cerca de 50m<sup>2</sup>, sendo a diferença devido à dimensão do pátio da extremidade esquerda, e uma zona de arrumos com 12m<sup>2</sup>, sendo a parte exterior destinada a espaços verdes e de lazer, como por exemplo a piscina.



Figura 92|Perspetiva da intervenção no lote da Escola Primária de Corgas

## Percurso

Considerando a intervenção consolidada em diferentes pisos, e tendo em conta a disposição do programa em volumes dispersos, o percurso define-se como elemento de ligação entre os espaços projetados.

Deste modo, a proposta reinterpreta o percurso existente e recorre à criação de novos que permitem a ligação entre todos os elementos da proposta, uma vez que o existente se baseava apenas em torno do edifício da escola. A entrada de acesso pedonal principal é mantida, recorrendo, contudo, à implementação de uma rampa de acesso à mobilidade reduzida. Após a subida da rampa, os utilizadores do espaço podem optar por entrar diretamente no edifício principal ou rodeá-lo pela extremidade direita, acedendo à zona tardoz, onde se desenvolve a esplanada e o acesso aos novos volumes. Nesta zona existe a possibilidade de voltar a entrar no edifício principal, no novo volume de espaços comuns, ou ainda aceder a uma das duas escadas exteriores que levam o utilizador para o volume de alojamento, ou para a área lúdica com piscina.

O percurso em torno do edifício mantém-se, no entanto, ao invés de aceder e voltar a sair pelo mesmo acesso, foi concebida uma via de acesso automóvel, em rampa, que pode ser percorrida a pé. Deste modo foram reinterpretados os acessos e concebido um novo circuito.

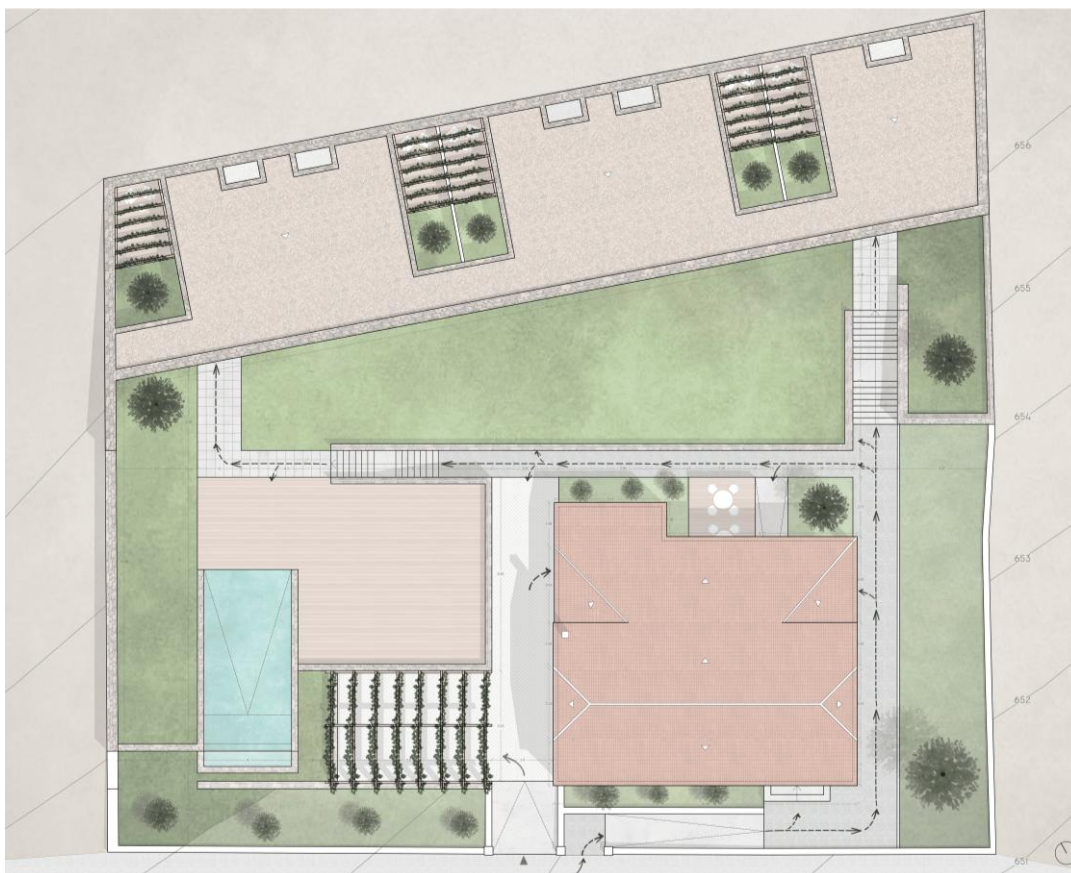


Figura 93| Planta de Percursos

► Entrada Automóvel    ↪ Entrada Pedonal    - - - -> Percurso Pedonal

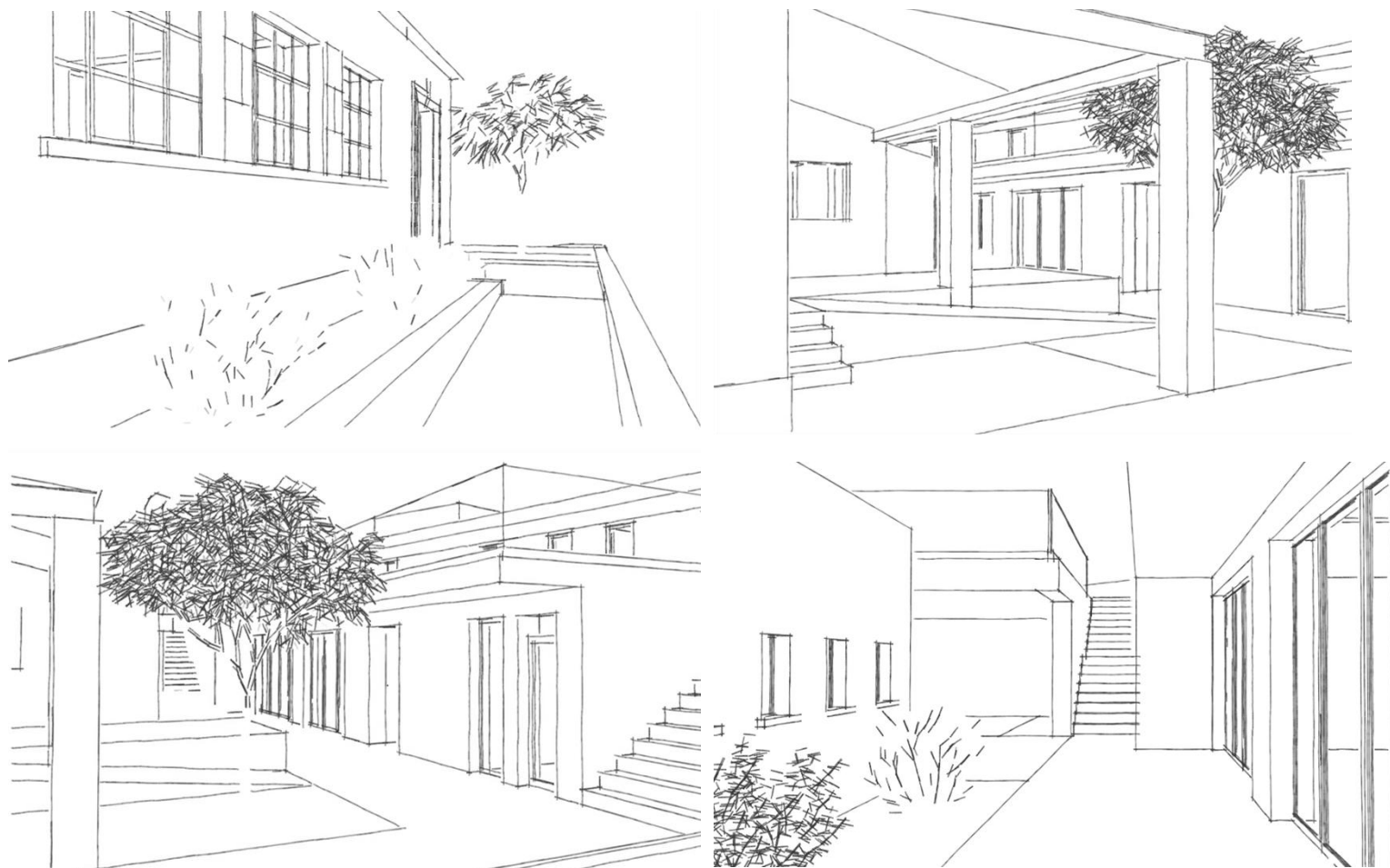


Figura 94| Esquissos Exteriores da proposta

### **Edifício de Acolhimento - Pré-existência**

A proposta visa preservar a identidade do edifício, respeitando a sua volumetria e aspeto original, recorrendo apenas à abertura pontual de novos vãos adaptados aos espaços a conceber. Deste modo, no bloco principal da antiga escola primária foram realizadas demolições pontuais, na parte tardoz do edifício, com o objetivo de criar dois vãos, um de acesso ao espaço de esplanada e outro que funciona como elemento divisório entre a cozinha e a sala do restaurante. No bloco secundário procedeu-se à demolição das paredes interiores correspondentes à antiga área de arrumos e instalações sanitárias, com a finalidade de conceber uma cozinha, com área de armazém para os alimentos e instalação sanitária/vestiário para os funcionários.

A antiga escola primária, como analisado, apresenta uma divisão de espaços simplificada, sendo constituída por *hall* de entrada, sala de aula, instalações sanitárias, zona de arrumos e alpendre. Sendo este edifício a base da intervenção a realizar, a proposta pretende que o mesmo, seja o ponto principal de acolhimento, transformado e adaptando-o para espaços de uso comum, representando o ponto de chegada dos visitantes. Assim, a intervenção

propõe que o edifício existente passe a ser constituído por uma receção, uma loja de produtos locais, instalações sanitárias e zona de restauração com esplanada.

Comparando com os espaços existentes, o *hall* de entrada passará a ser a receção e uma pequena loja de produtos locais, representando um ponto obrigatório de passagem a quem pretende vivenciar o espaço turístico. A divisão destes espaços é feita através de uma peça de mobiliário, que de um lado funciona como apoio à zona de receção e do outro como armário de exposição de produtos. O acesso é realizado através dos vãos existentes, mantendo a escadaria no alçado frontal e reformulando apenas a escadaria tardoz de modo a inserir uma rampa para acesso a mobilidade reduzida. Pretendia-se que o acesso à receção, por pessoas de mobilidade reduzida, fosse executado através da parte frontal do edifício, contudo, devido às dimensões do terreno e às exigências para a construção e inclinação da própria rampa o mesmo não foi possível concretizar.

Na sala de aula a proposta visa a implementação de uma zona de restaurante e de instalações sanitárias comuns de apoio à mesma. Relativamente aos acessos, além do vão existente, que ligava a sala ao *hall* de entrada, foram ainda criados dois vãos, um de acesso à zona exterior (esplanada) e outro destinado à cozinha.

Relativamente à cozinha de apoio à restauração, esta insere-se no bloco secundário, na parte tardoz da escola, no lugar onde ficavam as antigas instalações sanitárias e zona de arrumos, ampliando cerca de 1m para a zona do alpendre. Além da porta criada com ligação direta ao espaço de restauração, existem ainda dois vãos, um destinado à saída dos produtos confeccionados, roda, e outro para a entrada de louça, copa. A roda é acedida por um pequeno espaço, inserido entre a cozinha e as instalações sanitárias, mobilado com um armário com utensílios de apoio. O espaço tardoz é ainda composto por um armazém para os produtos a serem confeccionados e uma instalação sanitária/vestuário para os funcionários. No alçado oeste, anteriormente cego, foi ainda criado um vão de entrada voltado para o estacionamento para cargas e descargas de mercadorias. Este vão dá acesso direto ao armazém de produtos e posteriormente através de uma pequena escada que acede ao patamar da instalação sanitária/vestuário da cozinha. A criação da escada deve-se ao facto do bloco principal da escola se encontrar a uma cota mais elevada, cerca de 0,60m, do bloco secundário, sendo necessário elevar a zona da cozinha para permitir o acesso direto ao restaurante.

No alpendre existente foi criada uma zona de esplanada parcialmente coberta até ao limite da cobertura existente. Ao lado direito deste espaço foram criados acessos através de escada e rampa para este patamar. De modo a complementar/melhorar formalmente estes espaços foram ainda projetados dois espaços de arranjos exteriores.

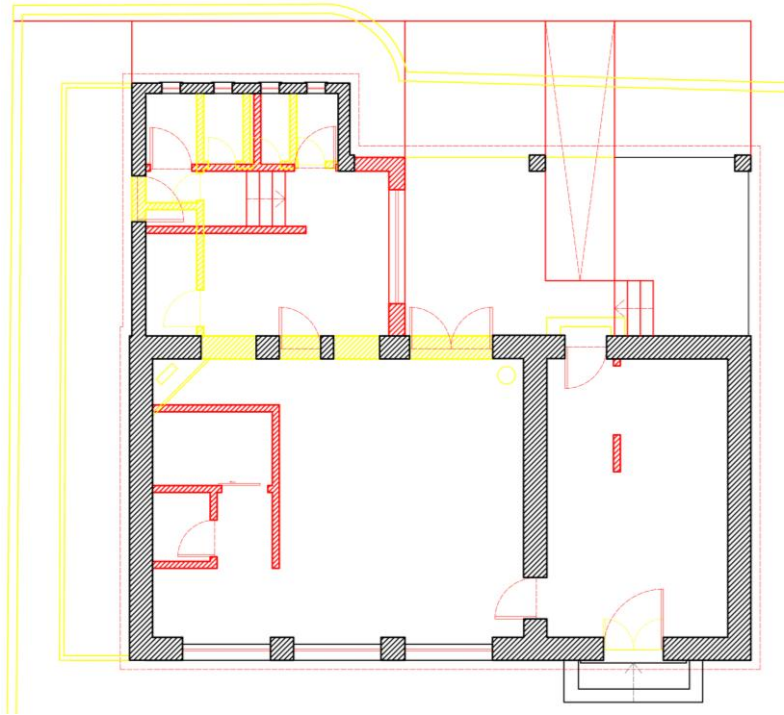


Figura 95| Planta Piso Térreo Pré-existência (Vermelhos e Amarelos)  
 Vermelho – Construções; Amarelo – demolições

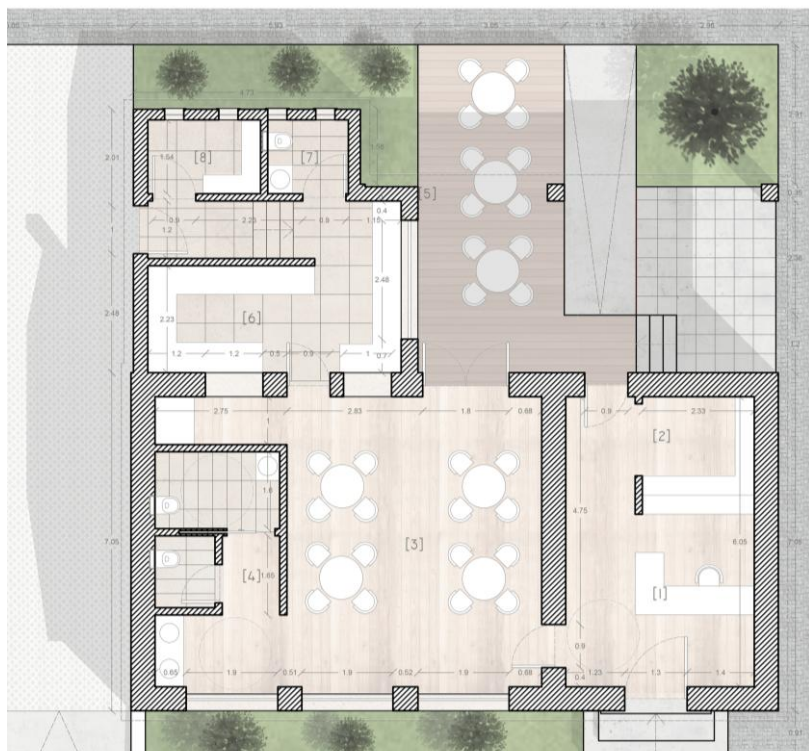


Figura 96| Planta Piso Térreo Pré-existência (Proposto)  
 [1] Recepção; [2] Loja de Produtos Locais; [3] Restaurante; [4] Instalações sanitárias; [5] Esplanada;  
 [6] Cozinha; [7] Instalação Sanitária/ Vestiário, [8] Armazém (alimentos)



Figura 97| Alçado Fontal (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento

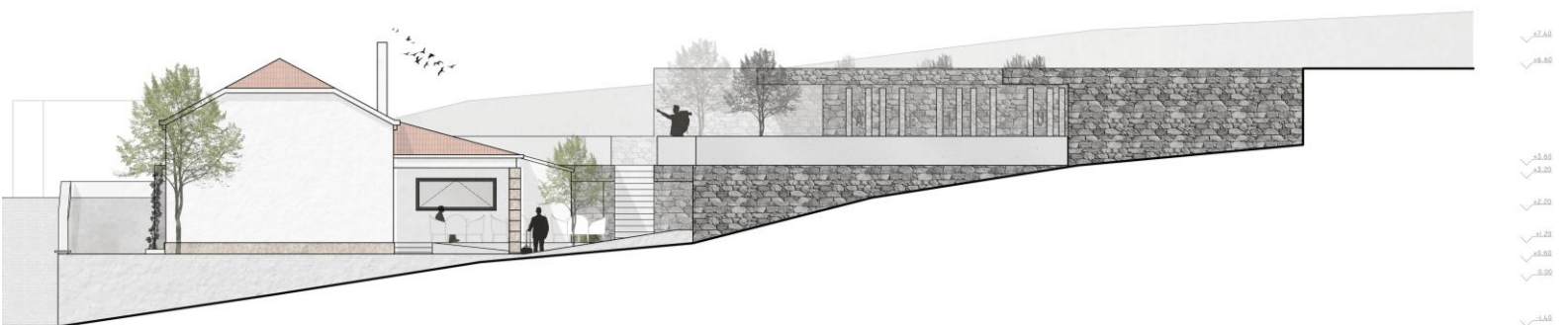


Figura 98| Alçado Este (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento

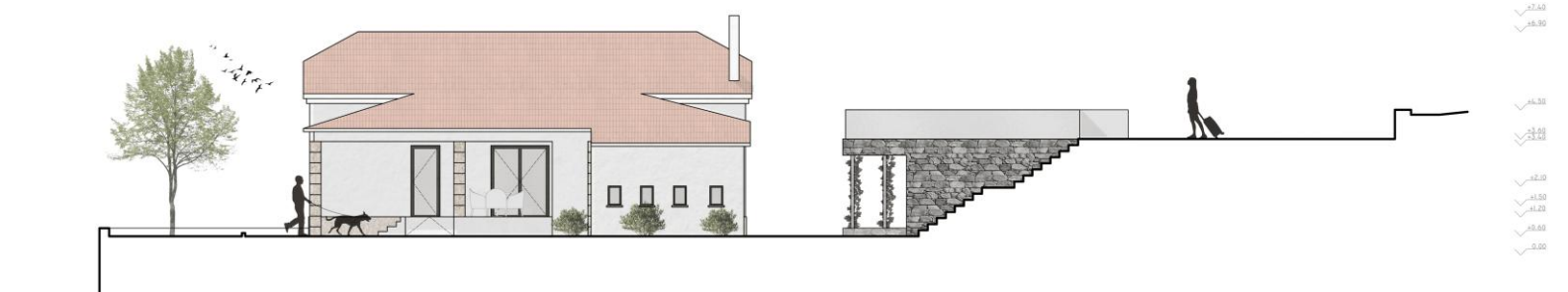


Figura 99| Alçado Tardoz (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento

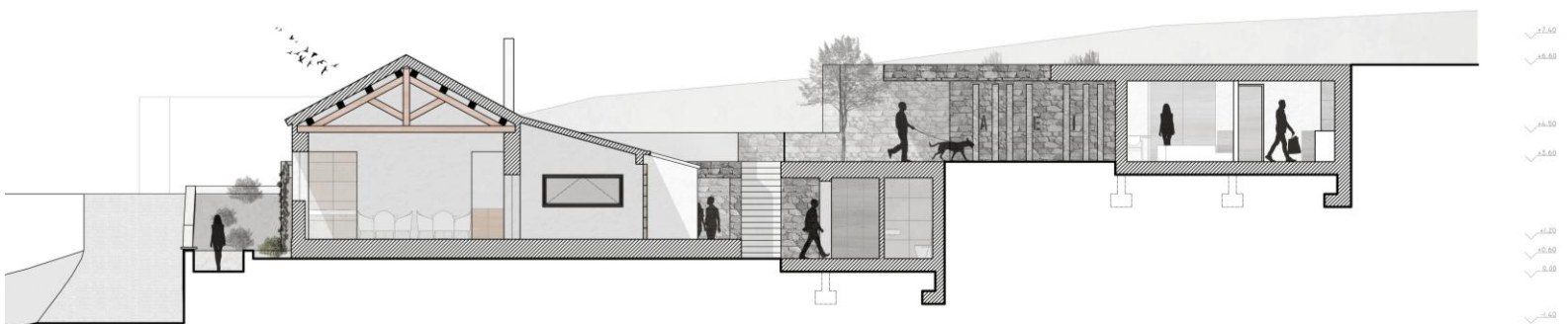


Figura 100| Corte Transversal (Proposto), destaque do Edifício de Acolhimento  
 Legenda: ■ Granito □ Reboco ■ Alumínio ■ Madeira ■ Telha Cerâmica

## Volume de Estacionamento

O volume do estacionamento encontra-se no lado lateral, correspondendo à zona oeste da escola, alinhado a norte com o novo espaço ajardinado e, a sul com a parede frontal da escola.

Este novo volume encontra-se parcialmente enterrado, devido à diferença de cotas entre o patamar onde se insere e o patamar superior, sendo a sua diferença de, aproximadamente, 3m de altura. Esta variação permite a criação de uma cobertura transitável funcionando como uma zona de apoio à piscina.

A dimensão do mesmo permite a criação de cinco lugares correspondente ao número de unidades de alojamento projetadas, sendo um deles destinado a mobilidade reduzida. O acesso é realizado através de uma rampa com 3m de largura que dá ligação direta à via de acesso.

O volume inicial projetado era completamente maciço, no entanto, com o desenvolvimento da proposta optou-se pela colocação de uma pérgula, em madeira, que permitirá a passagem de luz e ventilação natural para o interior do mesmo [Figura 88].

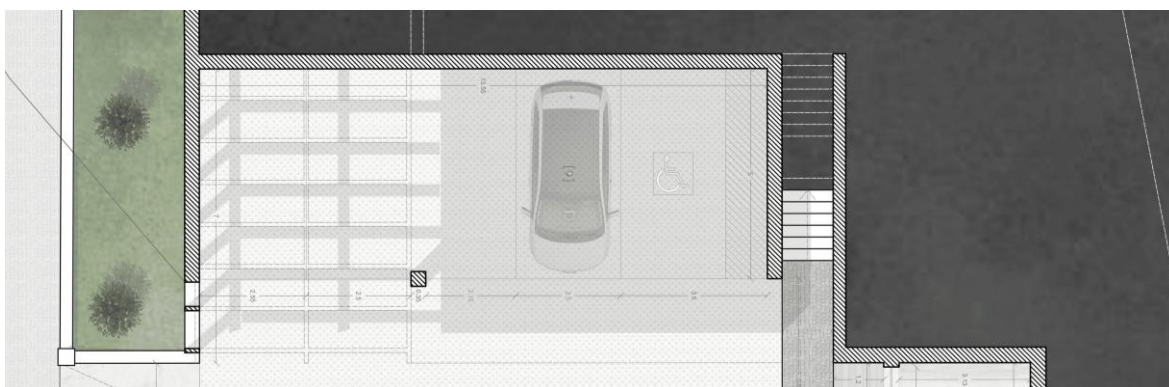


Figura 101 | Planta Piso Térreo (Volume de Estacionamento)



Figura 102 | Alçado Frontal (Proposto), destaque do Volume de Estacionamento



## **Volume de Alojamento**

Relativamente ao volume que contém as unidades de alojamento, este encontra-se a uma cota superior aos restantes edificados, localizado no limite tardoz do terreno. A ideia é que este se enquadre com o muro existente, seguindo o alinhamento do mesmo e recorrendo à pedra de xisto, material existente, como elemento de integração.

Este volume é composto por cinco unidades de alojamento (AEIOU) e um espaço de arrumos projetado na extremidade direita. Os alojamentos de caráter privado são compostos por quarto/sala, *kitchenette*, instalação sanitária e um pátio exterior, também ele privado. Estes alojamentos foram desenvolvidos em espelho, de modo a facilitar as questões de redes de águas pluviais e esgotos, ventilação, assim como as redes elétrica e de telecomunicações. Em termos de gás o mesmo não foi desenvolvido, uma vez que todos os alojamentos serão projetados de modo elétrico.

O acesso a este volume é realizado através de escadas, tendo sido pensada a aplicação de uma plataforma elevatória para pessoas com mobilidade reduzida, devido à impossibilidade de construção de uma rampa, tendo em conta a dimensão e inclinação necessária para a execução da mesma.

Cada unidade de alojamento possui uma entrada independente, que tal como no volume comum foi recuada, concebendo uma zona de transição coberta. Ao entrar no alojamento, depara-se em primeiro plano com o quarto/sala no qual foi inserido uma zona de trabalho e no lado posterior com uma *kitchenette*. A instalação sanitária encontra-se na parte tardoz do quarto, ao lado da *kitchenette*. Relativamente ao pátio, este é acedido através da *kitchenette*, sendo composto por uma zona de estar e um espaço ajardinado relativamente mais baixo. O mesmo é completamente fechado na parte frontal não sendo perceptível a sua existência do exterior.

A presença de luz e ventilação natural são elementos fundamentais no desenho destes espaços, recorrendo à aplicação de vários envidraçados nos mesmos. A criação de pátios privados permite a possibilidade da abertura de um maior número de vãos. No caso das instalações sanitárias, que não possuem paredes para o exterior, optou-se por projetar uma claraboia.



Figura 106| Planta de Piso 1 (Proposta), Volume de Alojamento



Figura 107| Planta Tipo - Unidade de Alojamento

[14] Quarto/Sala; [15] Kitchenette; [16] Instalação Sanitária, [17] Pátio

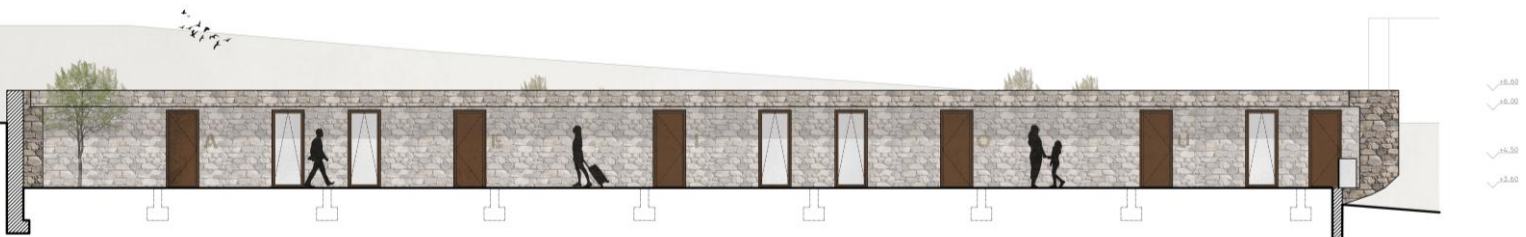


Figura 108| Alçado Frontal (Proposta), Volume de Alojamento

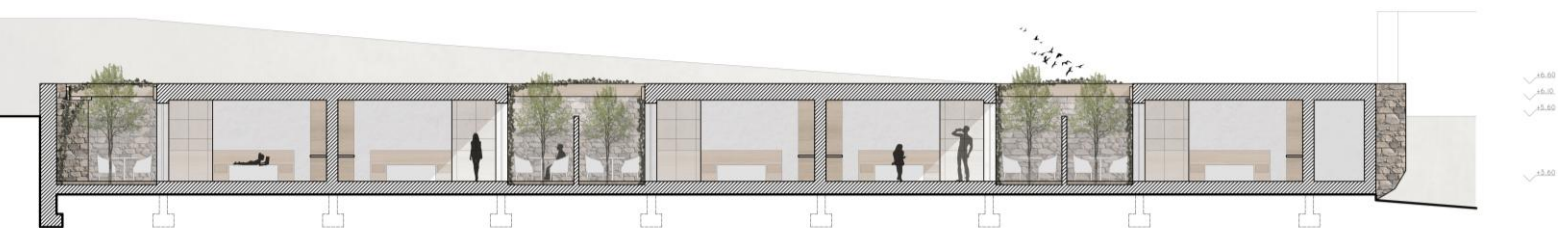


Figura 109 | Corte Longitudinal, Volume de Alojamento

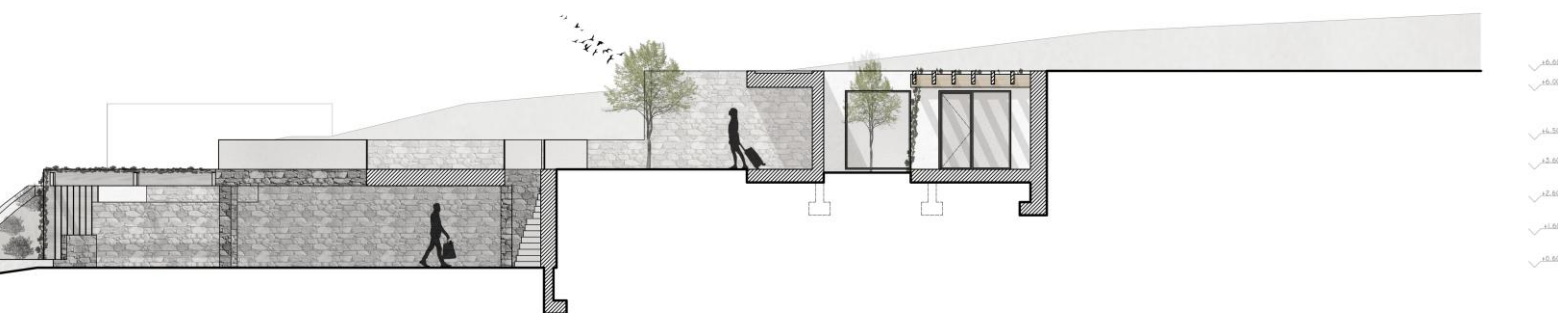


Figura 110 | Corte Transversal pelo pátio, Volume de Alojamento



Figura 111 | Corte Transversal pelo interior da unidade de alojamento, Volume de Alojamento

Legenda:  Granito  Reboco  Alumínio  Madeira  Telha Cerâmica  Pedra de Xisto

## Espaços Exteriores

No espaço exterior, no piso de cota superior, foi ainda projetado um espaço de piscina, que conta com uma zona de apoio à mesma na cobertura do estacionamento. A localização da piscina foi pensada devido à vista que a mesma permite contemplar, sendo a sua parte frontal em vidro transformando-a numa piscina infinita. Esta, possui ainda um socalco, num patamar inferior, com o objetivo de criar um espelho de água que transmite o efeito de cascata. O patamar na cota mais baixa não será acedido, sendo apenas contemplado através da via de acesso. O volume do espelho de água numa cota inferior permite ainda a colocação de equipamentos de apoio à limpeza da água, como os filtros e outras máquinas.

Exteriormente, foram ainda reinterpretados e projetados novos espaços ajardinados em todo o terreno, que permitem ser adaptados de acordo com as pretensões dos seus visitantes. Estes espaços podem ser interpretados como espaços de estar, de contemplar a paisagem ou até mesmo para atividades ao ar livre.

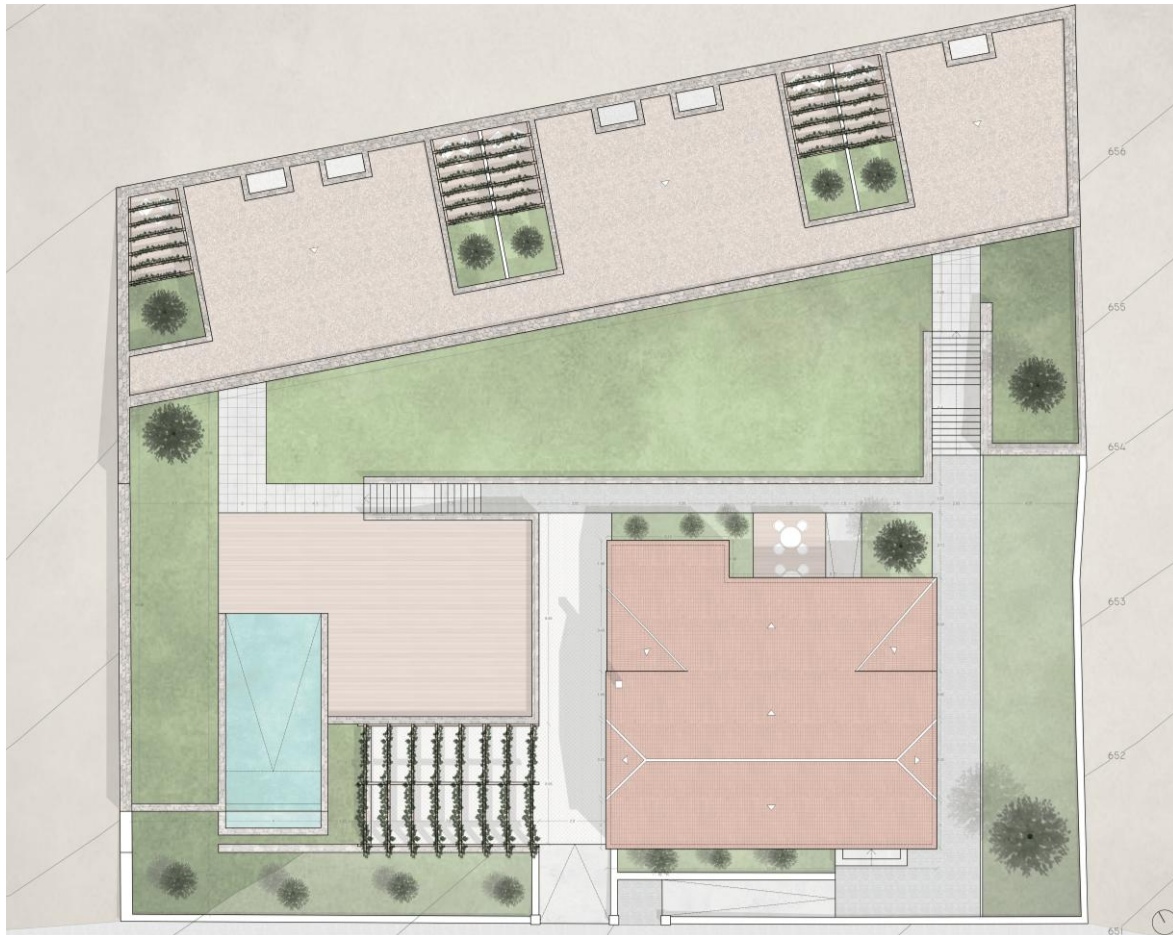


Figura 112|Planta de Cobertura (Proposto)

Legenda:  Telha Cerâmica  Gravelha  Deck de Madeira  Lajeta de Betão  
 Calçada Portuguesa Telha Cerâmica  Grelha de Enrelvamento



Figura 113| Alçado Frontal (Proposto)



Figura 114| Alçado Este (Proposto)

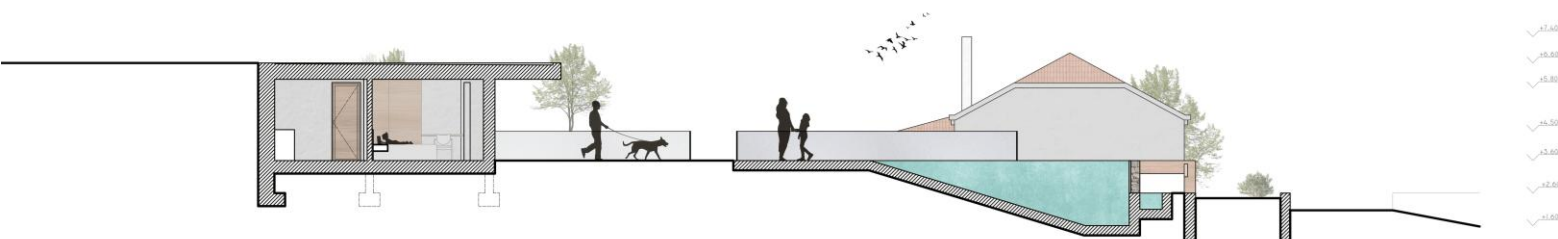


Figura 115| Corte Transversal pela Piscina (Proposto)

Legenda:  Granito  Reboco  Alumínio  Madeira  Telha Cerâmica  Pedra de Xisto

## 5.6 Questões Formais

A proposta de reabilitação da antiga escola primária e criação de novos volumes para alojamento turístico é pautada pelo equilíbrio entre preservação e inovação. O objetivo primordial é respeitar e realçar o carácter do edifício, símbolo de uma memória importante nas vidas dos corguenses, no que concerne à sua educação. Neste sentido, pretende-se preservar a sua identidade arquitetónica, ao mesmo tempo, que se introduzem soluções contemporâneas que respondam às exigências funcionais e estéticas do novo programa implantado, criando um diálogo entre passado e presente.

O facto de existir uma pré-existência, que serve de base para esta proposta, contribui para o desenvolvimento da restante organização dos espaços e criação dos novos volumes implantados. Deste modo, a proposta visa o respeito pela volumetria e linguagem arquitetónica original, mantendo o edifício pré-existente tal como se apresenta. As fachadas serão preservadas recorrendo à abertura pontual de novos vãos adaptados ao programa em questão e à manutenção das mesmas de modo a reparar patologias, como o caso de fissuras. O edifício apresenta ainda, exteriormente alguns elementos decorativos como o caso do soco, o peitoril e uma divisão entre as janelas em pedra, assim como a moldura em pedra

existente na entrada principal do edifício. Pretende-se que sejam devidamente reparados, de modo que, seja possível a sua preservação. A presença destes elementos, bem como a forma dos mesmos, e as janelas da fachada principal de caixilharia em grelha, são características comuns dos edifícios escolares antigos.

A introdução de novos volumes e elementos contemporâneos tem como premissa a criação de um diálogo entre o passado e presente, recorrendo aos materiais existentes, como o caso da pedra de xisto, dialogando harmoniosamente não só com o edifício existente, mas também com a restante envolvente rural onde se inserem.

Neste contexto, destaca-se a pré-existência como foco principal da proposta, uma vez que, além do seu caráter histórico e cultural, se distingue, em termos de volumetria e altura, no conjunto arquitetónico projetado, sendo o ponto de referência visual. Os novos volumes, com um pé direito que não excede os 2,60m, são pensados como elementos complementares discretos ao edifício principal, submetendo-se à sua presença. Este contraste entre o edifício principal e os novos volumes contemporâneos concede uma hierarquia entre edifícios, na medida em que se valoriza o antigo, enquanto, o novo se adapta de modo a reforçar a ideia de respeito pela história do local.

Além do contraste volumétrico, o edifício existente destacar-se-á também pela cor e materiais utilizados, uma vez que as fachadas do mesmo são rebocadas e pintadas na cor branca e as dos novos volumes revestidas em pedra de xisto, de modo a reproduzir os muros dos socacos existentes anteriormente.

A relação entre cheios e vazios reside na valorização da pré-existência e integração dos novos volumes de forma equilibrada, enriquecendo, não apenas a vertente estética, como também a funcional. Nas fachadas a alternância entre cheios e vazios cria um ritmo visual, através da projeção da luz/sombra no interior dos espaços, transmitindo a ideia de transparência. Exteriormente, os vazios definem-se em zonas de circulação e/ou de lazer, mas também de transição, como é o caso da esplanada.

Os novos volumes são caracterizados pela presença de grandes vãos envidraçados, que permitem a entrada de luz no espaço e de ventilação natural. Tendo em conta que a fachada principal dos mesmos está exposta a uma grande incidência solar, optou-se pela criação de palas, que além de criar um corredor de acesso, coberto, funciona como um elemento de sombreamento e proteção. Na fachada principal do edifício existente, a entrada de luz solar é mais controlada, sendo efetuada pelas janelas da antiga sala de aula. As pérgulas projetadas, além do seu aspeto estético, proporcionam proteção solar e permitem a criação de espaços de transição entre o interior e exterior.

Nos espaços exteriores, a arborização proporciona não só a criação de ambientes naturais, mas também, a existência de zonas com sombreamento, existindo espaços totalmente expostos ao sol e outros mais protegidos.

## **5.7 Sistemas Construtivos e Materialidade**

Os sistemas construtivos a adotar relacionam-se com a reabilitação do existente e do enquadramento dos novos volumes na envolvente. Neste sentido, no edifício pré-existente, recorre-se à manutenção dos materiais existentes e substituição, quando necessário, por materiais com características iguais ou semelhantes. Exteriormente, os novos volumes, serão revestidos em pedra reproduzindo os muros dos socalcos existentes. O facto de recorrer à aplicação de materiais diferentes nas fachadas existentes e a construir, promove o contraste visual, realçando a diferença entre o passado e presente.

Em termos de materialidade, a intervenção recorre ao uso de materiais compatíveis com os existentes, procurando relacionar-se com os mesmos, como por exemplo a madeira e a pedra em xisto.

### **5.7.1 Edifício de Acolhimento**

#### **Fachadas**

A intervenção nas fachadas visa a preservação do aspeto original do edifício existente, respeitando a sua forma e volumetria.

Neste sentido, recorre-se à reparação e manutenção das paredes em pedra de xisto de modo a eliminar as patologias que surgiram com o decorrer do tempo, tal como fissuras e destacamento do reboco. O reboco existente será picado, aplicando posteriormente um novo reboco que será pintado na cor branca, cor original do edifício.

Na fachada principal proceder-se-á à limpeza dos elementos decorativos como a moldura da porta de entrada principal, o peitoril em pedra e o soco existentes também no alçado lateral direito do edifício. As escadas de acesso à entrada principal serão mantidas, recorrendo à limpeza das mesmas. Nas fachadas laterais será aplicado o mesmo processo de reparação e manutenção das paredes existentes e dos elementos decorativos.

Na zona tardoz do edifício foi projetada uma esplanada com a cota do mesmo patamar da zona interior do edifício. Os pilares à vista, serão revestidos no mesmo tipo de pedra do rodapé serão limpos de modo a preservar o seu aspeto. As novas paredes construídas com a

finalidade de criar a zona da cozinha, serão em alvenaria de tijolo, isoladas, rebocadas e pintadas também na cor branca, de modo a seguir a linguagem do restante edifício. A restante fachada tardoz será reparada, com a finalidade de eliminar as patologias presentes, procedendo à picagem do reboco de modo a aplicar um novo, que será pintado a branco. As portadas em madeira, das antigas instalações sanitárias, serão removidas e substituídas por envidraçados, permitindo a entrada de luz para o armazém de alimentos e para a zona de instalação sanitária/vestiário.

## **Cobertura**

A cobertura existente, em estrutura de madeira e telha cerâmica, apresenta algumas patologias. No que diz respeito às telhas, estas apresentam fraturas, deslocamento e descasque, procedendo-se à substituição total das mesmas por uma telha similar à existente (telha lusa).

Na estrutura verifica-se o apodrecimento de vigas, deformação e existência de fendas e fungos. Neste sentido, optou-se pela demolição total da cobertura existente. O desenho da nova estrutura de cobertura visa respeitar a forma e o aspeto original da anterior, sendo composta por quatro águas no bloco principal e por três na parte tardoz.

No bloco principal, com quatro águas, a cobertura será em madeira de pinho, constituída por vigas de madeira (0,30m x 0,20m) com tesoura, encastradas nas paredes de alvenaria em pedra de xisto através de um perfil em “L” metálico. Sobre as vigas, assenta um sistema de terças, espaçadas de 0,90m x 0,90m, as quais servem de apoio aos caibros de 0,10m x 0,70m. Sobre o conjunto de caibros são fixados painéis *Sandwich Termochip*, com 0,069m de espessura, que possuem incorporado isolamento (poliestireno extrudido). Por cima dos mesmos, é aplicado um sistema de ripas de madeira onde encaixa a telha lusa.

Na parte tardoz do edifício, a cobertura, de três águas, será também em madeira de pinho, constituída por vigas de madeira da mesma dimensão das usadas no bloco principal, contudo sem tesoura. Estas apoiam-se através da aplicação de um perfil metálico nas paredes existentes, e no caso do alpendre nas vigas existentes, as quais serão reforçadas. Sobre as vigas, assentam os caibros, e a restante composição da cobertura segue a mesma que a aplicada no bloco principal.

Na medida em que se recria a cobertura, no bloco principal, opta-se por retirar a laje de cobertura existente, possibilitando a criação de espaços com um pé direito mais elevado, onde será possível a contemplação desta. Assim sendo, os painéis a fixar serão da mesma cor que a restante madeira usada transmitindo a ideia de um teto mais rústico e mantendo

a coerência entre tonalidades e texturas no espaço. Na zona do alpendre a estrutura mantém-se à vista tal como acontecia enquanto o edifício se destinava a uso escolar.

### **Esplanada**

No alpendre existente foi desenhada uma zona de esplanada, que complementa o espaço de restaurante. Esta zona encontra-se ao mesmo nível que o espaço interior, encontrando-se elevada 0,60m da cota 0,00m. Esta zona é acedida através de uma escadaria com quatro degraus ou de uma rampa, construídas em betão armado. A esplanada é elevada através de um muro em betão armado pintado na cor branca nos planos laterais. De modo a preencher o interior desta plataforma, será aplicado, de baixo para cima, tela de filme de polietileno, enrocamento, manta geotêxtil, laje de betão armado, betonilha de enchimento e regularização e por fim o *deck* em madeira.

### **Laje**

A laje de teto existente, no bloco principal, como referido anteriormente será retirada, bem como o teto falso que a escondia, funcionando as vigas da nova cobertura em madeira como elemento de travamento.

No que concerne à laje de piso existente não foi possível verificar o seu estado, no entanto através de patologias manifestadas nos pavimentos optou-se por fazer um reforço da mesma em betão armado.

### **Pavimentos**

Os pavimentos existentes apresentavam sinais de desgaste e algumas patologias devido à entrada de água nos espaços. Neste sentido optou-se pela reformulação de todos os pavimentos, tendo por base o que existia anteriormente, adaptando-os de acordo com os espaços criados.

Com base no soalho de madeira existente, no antigo compartimento destinado à sala de aula, pretende-se que a zona de refeições apresente o mesmo aspeto, recorrendo, contudo, à sua substituição. Deste modo, será aplicado pavimento de pinho nacional com régua de 3,10m x 0,13m x 0,02m. O mesmo tipo de pavimento será aplicado na zona de receção e na loja de produtos locais, traduzindo uma continuidade entre ambos os espaços.

Nas zonas húmidas, instalações sanitárias e cozinha, o pavimento será revestido a pedra natural do tipo *Flow Cement Sand da Aleluia Ceramics*, de cor clara, com dimensões de 0,30m x 0,60m e 0,60m x 0,60m, respetivamente.

Na zona de esplanada, como referido será aplicado um *deck* de madeira liso da *Carmo Wood* e o restante alpendre será revestido a lajetas de betão com dimensões de 0,40m x 0,40m x 0,03m.

## **Paredes Interiores**

A organização dos espaços interiores sofreu algumas alterações, de modo a adaptar o edifício existente ao novo programa. As paredes existentes a preservar, em contacto com o exterior, serão picadas na sua totalidade de modo a eliminar patologias nas mesmas e a proceder à aplicação de isolamento térmico, em seguida serão rebocadas e pintadas na cor branca. As restantes paredes existentes interiores serão apenas pintadas.

As restantes paredes interiores projetadas, que funcionam como divisão de espaços entre a zona de restaurante, as instalações sanitárias e as divisórias na zona da cozinha, serão em alvenaria de tijolo de 0,11m revestidas e pintadas também na cor branca.

Nas paredes que correspondem a compartimentos com o pavimento em madeira, será aplicado um rodapé, também ele em madeira, com 0,06m de altura.

Nos compartimentos das instalações sanitárias, de apoio à zona de restaurante, e na cozinha, as paredes existentes, até 3,0m de altura, serão ainda revestidas com o mesmo tipo de pedra natural que reveste o pavimento, criando uma continuidade entre parede e pavimento.

## **Tetos**

Com o desenho da nova estrutura de cobertura em madeira, pretende-se que na maioria dos espaços esta assuma a sua presença. Neste sentido, na zona de entrada em que se encontra a receção opta-se por a colocação de um teto falso, que torna o espaço mais reduzido e acolhedor. O mesmo tipo de teto falso será aplicado na zona das instalações sanitárias.

Na passagem para a zona de refeição a estrutura em madeira é assumida, criando um momento de surpresa e tornando o espaço mais amplo. A cobertura manifesta-se aos 3,0m de altura e, interiormente, finda com o painel, na mesma tonalidade da madeira usada, de modo a não tornar o espaço desconfortável para quem o habita.

Na zona do alpendre a intervenção contempla a estrutura de madeira à vista, tal como acontecia anteriormente.

## **Vãos**

A porta de acesso principal à zona de receção é alterada com base no mesmo material, recorrendo ao uso de caixilharias em alumínio com corte térmico. A porta existente completamente opaca, será substituída por uma porta em vidro de modo a permitir a entrada de luz direta para a zona de receção, uma vez que a mesma não possui nenhuma janela. Na fachada tardoz, tanto a porta de acesso à zona de receção como a do restaurante serão em vidro. Por outro lado, no alçado oeste, sendo um vão de acesso a uma zona de serviço, optou-se pela colocação de uma porta de acesso completamente opaca.

No que concerne às portas interiores existentes nas instalações sanitárias e na passagem do restaurante para a cozinha, pretende-se que as mesmas sejam em madeira lisa de pinho.

Relativamente às janelas da fachada principal, estas serão redesenhadas com base no aspeto original, uma vez que apresentam sinais de degradação. O redesenho segue a base da caixilharia em grelha quadriculada, dividida em 12 quadrados, dos quais o conjunto de quatro quadrados, no centro, é possível abrir em sistema oscilo batente, de modo a ventilar os espaços. Os restantes quadrados do vão serão fixos.

Nas janelas da fachada tardoz, optamos por retirar as portadas de madeira, uma vez que estas apresentam um estado de degradação elevado, e inserir pequenos envidraçados completamente fixos.

Os vãos da copa e roda apresentam-se apenas como vazios na parede, de modo a facilitar a saída de alimentos e entradas de louça.



Figura 116| Pormenor Construtivo I  
 Pré-existência: Edifício de Acolhimento

## 5.7.2 Volume de Estacionamento

### Fachadas

O volume do estacionamento é um volume aberto, constituído por uma terça parte em pérgula. Assim, sendo a fachada este voltada para o edifício de acolhimento, é completamente aberta, de modo a permitir o estacionamento privado dos veículos. Apenas é visível um pilar estrutural em betão armado. A parede tardoz serve de muro de suporte para terras e de apoio à nova escada, que permite o acesso ao patamar da zona lúdica com piscina.

A parede a norte do estacionamento é composta pelo muro de suporte com espessura de 0,35m. Em todos os muros circundantes foi colocada pedra de xisto como elemento de enquadramento com a envolvente, que ao mesmo tempo contrasta com a pérgula em madeira.

A fachada principal, voltada para a via de acesso, é marcada pela presença da pérgula em estrutura de madeira, na qual vai ser aplicada uma vinha virgem, conjugando deste modo o elemento da madeira com a vegetação. A pérgula assenta num muro em betão armado, com 0,35m de espessura, que serve de muro de suporte de terras.

### Cobertura

A cobertura deste volume é composta por dois elementos distintos, a pérgula e a laje, que contemplam funções diferentes.

Inicialmente a ideia deste volume é que fosse todo ele em betão armado revestido a pedra, contudo, devido ao forte impacto que teria, foi desmaterializado através da aplicação de uma pérgula, em vigas de madeira espaçadas de 0,90m em 0,90m, direcionadas para a laje. No restante volume, a laje em betão armado, é revestida em *deck* de madeira liso da *Carmo Wood* com a finalidade de servir de apoio à zona de estar da piscina.

### Laje

Em relação à laje da cobertura, como referido anteriormente, será composta em betão armado com 0,30m de espessura, posteriormente revestida de modo a servir de apoio à zona da piscina.

Tratando-se de um espaço exterior não existe necessidade de criar uma laje de piso, uma vez que se pretende a existência de relvado no estacionamento.

## **Pavimento**

No que concerne ao pavimento, tratando-se de um espaço ao ar livre, optamos pela colocação de uma grelha de enrelvamento do tipo *PAVIgreen*, com dimensões de 0,57m x 0,59m x 0,04m, que não interferem na permeabilidade do solo. Na sua base, é aplicada uma camada de gravilha com 0,20m, posteriormente uma tela geotêxtil e uma camada de terra conjugada com areia, de 0,05m no total.

## **Paredes**

As paredes que delimitam o espaço serão compostas em betão armado, com uma espessura de 0,35m, uma vez que as mesmas servem de muros de suporte, de modo a evitar movimento de terras. As mesmas serão revestidas em pedra em xisto, com a finalidade de se integrarem com a envolvente, uma vez que a presença de muros de suporte em xisto é um elemento que caracteriza o terreno existente. Visto que se trata de paredes exteriores, e sendo um volume aberto, não será aplicado qualquer tipo de isolamento.

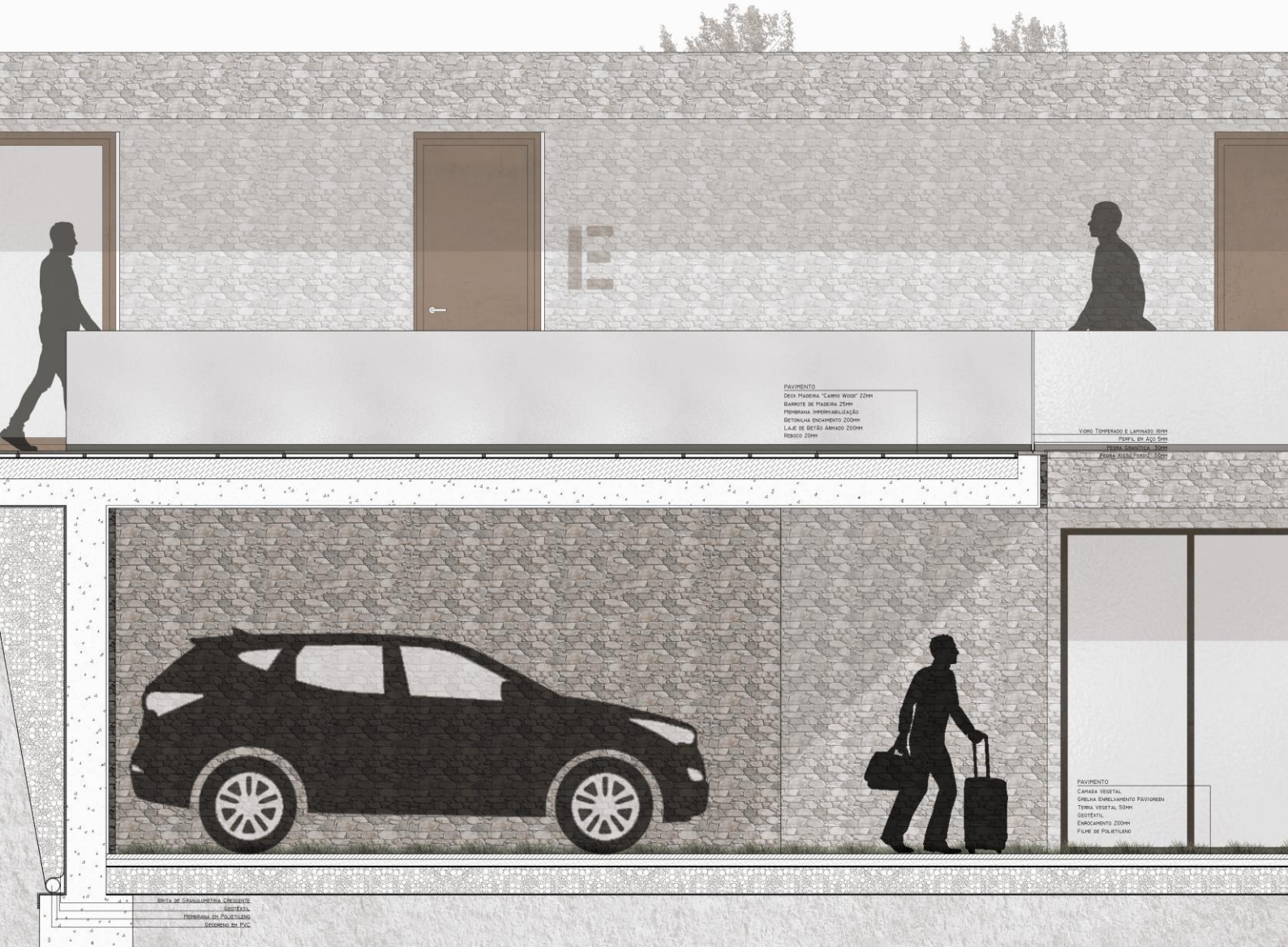


Figura 117 | Pormenor Construtivo II  
 Volume de Estacionamento

### **5.7.3 Volume de Lazer**

#### **Fachadas**

Considerando que o volume de lazer se encontra quase na sua totalidade enterrado, a fachada frontal é marcada por um conjunto de vãos que permitem a entrada de luz natural para os espaços interiores. A fachada este é completamente cega, ao qual surge agregada a escadaria que leva para o patamar superior.

As fachadas à vista, de modo a se integrarem na envolvente, pretende-se que sejam revestidas em pedra de xisto com a finalidade de recriar os muros de suporte pré-existentes.

#### **Cobertura**

Sendo o foco principal da criação dos novos volumes que estes se integrem no terreno, pretende-se que a cobertura seja integrada na restante envolvente, optando por uma cobertura plana ajardinada.

Deste modo, do interior para o exterior, é constituída pelas seguintes camadas: reboco pintado na cor branca, isolamento térmico, laje de betão armado, betonilha de enchimento com 2% de inclinação, isolamento térmico, membrana de impermeabilização anti raízes, manta de proteção, gravilha (camada drenante), manta geotêxtil e por último a terra vegetal.

#### **Laje**

Tanto a laje da cobertura como a de pavimento serão compostas em betão armado, sendo posteriormente aplicadas as respetivas camadas em cada uma delas.

#### **Pavimentos**

Os pavimentos deste volume são definidos de acordo com a função atribuída a cada espaço e com base nos aplicados no edifício de acolhimento. Neste sentido, nos espaços de convívio e lavandaria será aplicado pavimento em réguas de pinho com 3,10m x 0,13m x 0,02m e nas instalações sanitárias recorrer-se-á à aplicação de pedra natural do tipo *Flow Cement Sand da Aleluia Ceramics*, de cor clara, com dimensões de 0,30m x 0,60m.

No que concerne ao espaço exterior, na zona de entrada coberta, será aplicado um *deck* de madeira liso da *Carmo Wood* e no restante espaço procede-se à reconstrução do piso

existente em calçada portuguesa. O uso de materiais diferentes no exterior deve-se à distinção entre zonas de circulação e de entrada.

## **Paredes**

As paredes em contacto com o terreno, uma vez que funcionam como muros de suporte, serão compostas por betão armado com 0,35m de espessura. As restantes paredes exteriores serão em alvenaria de tijolo de 0,25m de espessura, as quais incorporam os pilares de betão armado, com isolamento térmico, revestidas a pedra de xisto pelo exterior e rebocadas e pintadas na cor branca pelo interior.

As paredes interiores serão em alvenaria de tijolo de 0,11m rebocadas e pintadas na cor branca. Uma vez que entre o espaço de convívio e a lavandaria se encontram instalações sanitárias, será ainda aplicado isolamento do tipo poliestireno extrudido nas paredes divisórias. No caso dos compartimentos das instalações sanitárias, será aplicada pedra natural do tipo *Flow Cement Sand da Aleluia Ceramics*, a mesma que a aplicada no pavimento.

Nos espaços de convívio e lavandaria, com pavimento em régua de pinho, além de rebocadas e pintadas será aplicado um rodapé de madeira, com 0,06m de altura.

## **Teto**

Devido ao pé direito do volume não será aplicado qualquer tipo de teto falso nos espaços, sendo o teto apenas rebocado e pintado na cor branca.

## **Vãos**

O acesso aos diferentes espaços contidos neste volume é realizado diretamente pelo exterior, em que cada espaço tem um vão de acesso independente. A porta de acesso à sala de convívio é em vidro duplo, com caixilharia de alumínio com corte térmico. Este espaço é ainda marcado por um conjunto de envidraçados em caixilharia de alumínio. O acesso às instalações sanitárias, é realizado por um vão, sendo as portas interiores em madeira, que contrastam com a pedra natural, de cor clara, do pavimento e das paredes.

Relativamente à lavandaria, esta possui uma porta de alumínio, lisa e opaca. Foi ainda desenhado um vão envidraçado que será composto por caixilharia de alumínio com sistema

basculante, com 1,00m de largura, de modo a permitir a entrada de luz e ventilação natural para o interior.

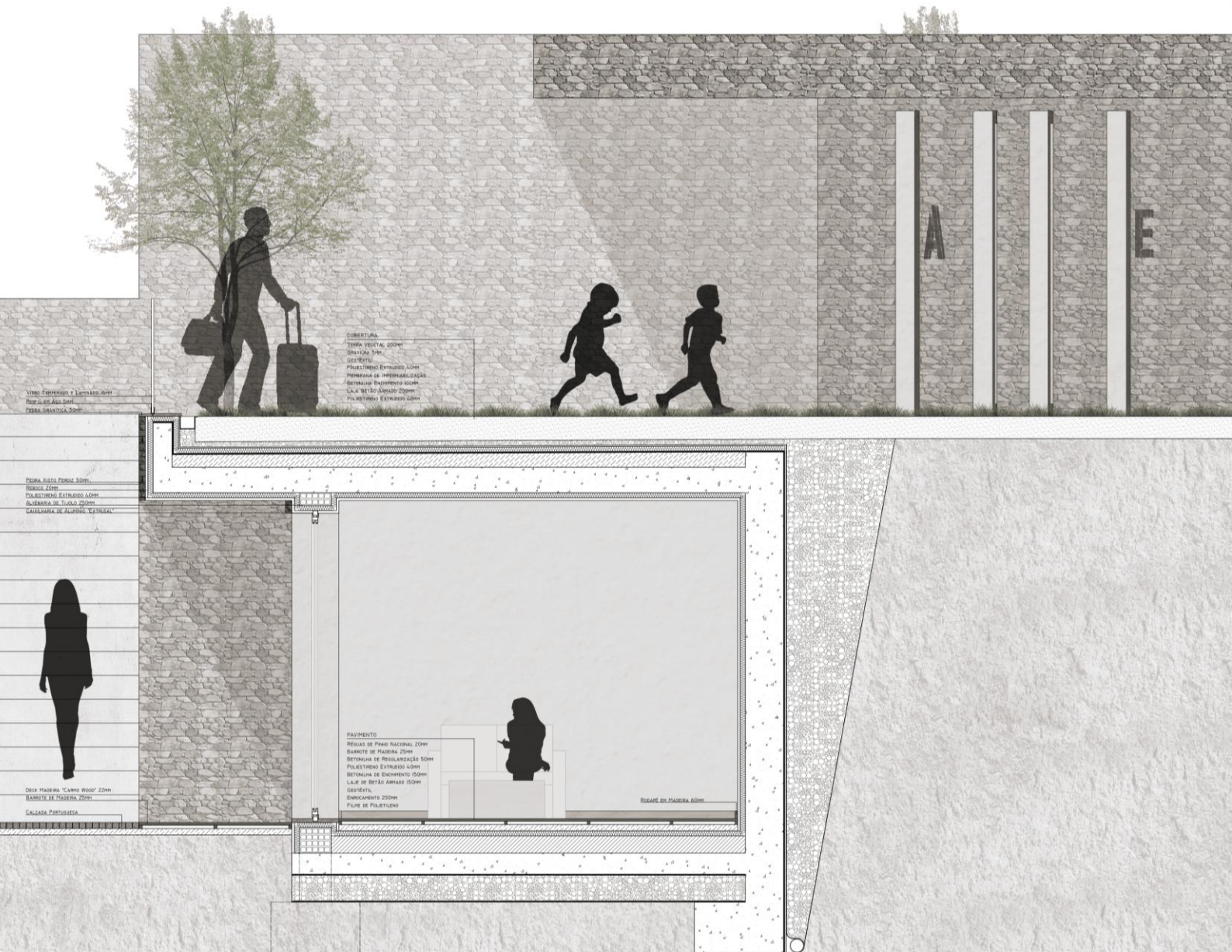


Figura 118 | Pormenor Construtivo III  
 Volume de Lazer

## **5.7.4 Volume de Alojamento**

### **Fachadas**

Tal como o volume de lazer, o de alojamento, apresenta-se parcialmente enterrado, sendo a fachada principal a única com abertura de vãos diretos para a zona exterior de circulação.

Neste sentido, de modo a integrar-se na envolvente, a fachada frontal e lateral esquerda serão revestidas a pedra de xisto, recriando o muro tardoz que delimita o terreno. Na fachada frontal procede-se à abertura pontual e contida de vãos, possuindo cinco portas de entrada para os alojamentos (AEIOU) e uma para a zona de arrumos. Foram ainda criados cinco vãos que permitem a entrada de luz para a zona de trabalho inserida no quarto/sala das unidades de alojamento.

Esta fachada principal, será ainda marcada pela presença de vegetação, uma vez que em cada pátio privado será colocada uma árvore, que com o passar do tempo irá crescer, e ser perceptível a partir do exterior.

### **Cobertura**

Em relação à cobertura, do interior para o exterior, é constituída pelas seguintes camadas: reboco pintado na cor branca, isolamento térmico, laje de betão armado, betonilha de enchimento com 2% de inclinação, membrana de impermeabilização, isolamento térmico, manta de proteção e por último a gravilha.

De modo a possibilitar a entrada de luz para as instalações sanitárias, que não possuem paredes em contato direto com exterior, foram desenhadas claraboias na zona de banho. A cobertura será, ainda, fragmentada no local correspondente aos pátios privados de cada alojamento.

Nos pátios será ainda aplicada uma pérgula do mesmo tipo que a aplicada no estacionamento, conferindo um jogo de luz e sombra.

### **Laje**

A laje da cobertura será em betão armado, sendo posteriormente aplicadas as camadas necessárias para a construção de uma cobertura plana, como o caso de betonilha de enchimento, membrana de impermeabilização, isolamento térmico, manta de proteção e gravilha.

A laje de piso é também em betão, sendo composta do interior para o exterior por revestimento de pavimento, betonilha de regularização, isolamento, betonilha de enchimento, laje de betão, manta geotêxtil, enrocamento e filme de polietileno.

## **Pavimentos**

Tal como na restante intervenção, o piso interior do quarto/sala e da *kitchenette* será revestido em réguas de pinho 3,10m x 0,13m x 0,02m, e a instalação sanitária em pedra natural do tipo *Flow Cement Sand da Aleluia Ceramics*, de cor clara. Na zona exterior do pátio, será em parte aplicado um *deck* de madeira liso da *Carmo Wood* e a restante destinava-se a espaço verde, no qual será plantada uma árvore.

No exterior, na zona de entrada coberta, será aplicado o mesmo tipo de *deck* de madeira.

## **Paredes**

As paredes em contacto com o terreno existente, são em pedra de xisto, as quais se pretende que sejam preservadas. Estas paredes serão revestidas e devidamente isoladas quando se encontram em contacto com compartimentos interiores. No caso dos pátios assume-se a pedra à vista.

As novas paredes exteriores criadas, serão em alvenaria de tijolo, de 0,25m de espessura, revestidas a pedra de xisto pelo exterior. Nestas paredes encontram-se incorporados os pilares estruturais, em betão.

As paredes divisórias dos espaços interiores serão também em alvenaria de tijolo, mas de 0,11m de espessura. As das instalações sanitárias serão revestidas a pedra natural do tipo *Flow Cement Sand da Aleluia Ceramics*, de cor clara, assim como a parede tardoz da *kitchenette* enquanto as restantes serão apenas rebocadas e pintadas na cor branca.

## **Teto**

O teto será apenas rebocado e pintado na cor branca, à exceção do vão/claraboia criada nas instalações sanitárias para entrada de luz.

## Vãos

Os vãos deste volume seguem as mesmas orientações que os restantes, sendo aplicadas caixilharias em alumínio com corte térmico. As portas de acesso a cada unidade de alojamento serão em alumínio completamente opacas. Ainda na fachada frontal, foram desenhados cinco envidraçados com 1,00m de largura, que permitem a entrada de luz natural para a zona de trabalho, os mesmo incorporam o sistema basculante de modo a ser possível a ventilação natural dos espaços.

Nas unidades de alojamento procede-se ainda à criação de grandes envidraçados voltados para os pátios privados de cada unidade que permitem a entrada de luz para os mesmos. Neste conjunto de envidraçados foi incorporada uma porta de acesso ao pátio, também ela em vidro com caixilharia de alumínio.



Figura 119| Pormenor Construtivo IV  
Volume de Alojamento

### **5.7.5 Espaços Exteriores**

O espaço exterior é marcado por grandes espaços verdes, que se podem adaptar às pretensões dos utilizadores do espaço, podendo ser espaços de estar, de contemplação da paisagem ou de atividades ao ar livre.

Na zona exterior foi ainda incorporada uma zona lúdica com piscina.

#### **Muros**

Os muros existentes que delimitam o terreno serão preservados. Uma vez que se encontram com algumas patologias como o destacamento do reboco e algumas fissuras, proceder-se-á à picagem do reboco, e posteriormente aplicação de uma nova camada que será pintada na cor original, branco.

Os novos muros criados para delimitação serão em betão armado, uma vez que são muros de suporte de terras, posteriormente pintados e rebocados de branco com a finalidade de seguirem a mesma linguagem dos existentes.

No alçado principal, na antiga zona de entrada existiam duas colunas, que funcionavam como elemento decorativo. Estas colunas serão preservadas, e no muro de entrada para o estacionamento será recriada uma nova coluna marcando assim os vãos de acesso ao lote.

O muro criado entre patamares, que se encontra na zona tardoz do edifício existente ao lado do volume de lazer, será em betão armado, revestido a pedra, de modo a transmitir uma continuidade entre o volume criado e o muro.

#### **Pavimentos**

Em relação ao pavimento, como referido anteriormente, na zona de estacionamento procede-se à aplicação de uma grelha de enrelvamento.

Em redor do edifício existente o pavimento era em calçada portuguesa, a qual se pretende manter, recorrendo à sua manutenção, e estender para as restantes zonas de circulação no patamar deste edifício. No patamar do volume de alojamento os acessos criados até à zona de entrada coberta, em *deck* de madeira liso da *Carmo Wood*, pretende-se aplicar o mesmo tipo de lajetas de betão utilizadas no alpendre do edifício de acolhimento.

A cobertura do estacionamento que funciona como zona de apoio à piscina, será revestida em *deck* de madeira liso da *Carmo Wood*.



# VI. CHECK-OUT

Nos dias de hoje, a maior parte dos meios rurais enfrentam desafios em relação ao seu abandono e desvalorização, fomentados pela fuga dos habitantes jovens que anseiam por melhores oportunidades de vida e pela finitude da população mais envelhecida que habita nestes locais. Neste contexto, torna-se essencial intervir de forma estratégica de modo a evitar o completo abandono destes territórios, reconhecendo e valorizando a sua cultura e história e preservando as memórias e tradições que fazem parte de uma identidade coletiva.

Assim sendo, a presente dissertação explorou o turismo rural, como um método de revitalização destes meios, procurando promover o seu desenvolvimento, preservando a sua identidade, reinventando as suas atividades tornando estes meios mais atrativos e fomentando também a sua economia.

A aldeia de Corgas enquadra-se neste contexto, apresentando-se cada vez mais despovoada, e sendo a aldeia de infância, faz com que este trabalho apresente uma conotação pessoal, no que diz respeito à preocupação do abandono da aldeia onde cresci. Como desabafo, ainda nos lembramos de percorrer as ruas e em cada canto existir alguém a desejar um bom dia, ruas essas que percorremos nos dias de hoje sem nos cruzar com uma única pessoa.

Neste sentido, o objetivo principal é contrariar o abandono e, conseqüente despovoamento, atraindo visitantes, que quem sabe se podem tornar novos habitantes. Idealizámos assim, um projeto no lote da antiga escola, pela qual passava todos os dias com a curiosidade de saber como teria sido estudar lá, procurando um programa atrativo.

O projeto de arquitetura apresentado resulta da conjugação de práticas de reabilitação e construção de raiz, tendo sido desenvolvido com o intuito de preservar a memória e valor comunitário associado ao edifício, uma vez que a existência da escola permitiu instruir diversos jovens corguenses. A ideia procura um equilíbrio entre o antigo e o novo que se adapta às necessidades da nova função, conservando a memória inerente ao lugar. A concretização do projeto além de possibilitar a chegada de visitantes para conhecer a aldeia, proporciona ainda a criação de postos de trabalho, os quais por sua vez se traduzem na fixação de pessoas, uma vez que uma das razões da fuga dos habitantes para outros lugares é a ausência de trabalho.

De acordo com o conteúdo teórico explorado no ponto 2.3.4 a intervenção enquadra-se no nível 3 tratando-se de uma reabilitação profunda, uma vez que engloba: demolições pontuais de paredes interiores alterando a configuração espacial, aberturas para criação de novos vãos, transformação dos espaços existentes de modo a servir as novas necessidades como é o caso do hall de entrada que dá lugar à zona de receção e à loja de produtos locais, ampliação do volume tardo para criação da zona da cozinha e intervenções no exterior,

como é o caso da criação da esplanada e dos acessos verticais. Além destes aspetos, recorreu-se à substituição total de pavimentos e caixilharias bem como ao redesenho da cobertura.

Em suma, a proposta apresentada para converter a antiga escola primária num alojamento turístico demonstra que é possível transformar um edifício marcado pelo tempo e pelo abandono, num elemento central de revitalização rural, equilibrando o existente com a nova construção. O projeto não só valoriza o património arquitetónico construído, a escola; mas também oferece uma nova vida à aldeia onde se insere, mostrando que o futuro dos territórios rurais pode ser construído com base no respeito pelo passado, reativando memórias e fortalecendo a identidade destes territórios.

Ao longo de todo o percurso académico, vamos realizando um conjunto de projetos nos vários anos, com diferentes programas, diferentes locais e diferentes escalas. Essa diversidade torna-se, obviamente, enriquecedora no processo de aprendizagem; perguntas distintas, respostas diferenciadas e experimentação de múltiplas metodologias. Esta dissertação foi a hipótese de trabalhar num lugar familiar e definir um programa do nosso agrado, tendo em conta o tipo de intervenção. Apesar de ser um trabalho académico, mostra a compreensão de uma realidade próxima, e o interesse que dedicamos a esta terra.

# VII. BIBLIOGRAFIA

## 7.1 Bibliografia Analógica

- Aguiar, J., Cabrita, A. M. R., & Appleton, J. (2002). *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais* (6.<sup>a</sup> ed., Vol. 1). Lisboa: Sector de Edições e Artes Gráficas do CDIT.
- Beinhauer, P. (2012). *Atlas de Detalhes Construtivos* (2.<sup>a</sup> ed.). Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Cardoso, V. J. do C. (2016). *Um encantador apelo das raízes: versejando as aldeias e freguesias do Concelho de Proença-a-Nova* (Município de Proença-a-Nova). Proença-a-Nova: Gráfica Proencense, Lda.
- Catharino, P. M. A. (2006). *Concelho de Proença-a-Nova (Monografia)* (Edição Fac-Símile). Proença-a-Nova: Gráfica Proencense, Lda.
- Choay, F. (2021). *Alegoria do Património*. Edições 70.
- Cunha, L., & Abrantes, A. (2013). *Introdução ao Turismo* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Lidel.
- Domingues, Á. (2011). *Vida no campo* (1.<sup>a</sup> ed.). Porto: Dafne Editora.
- Edwards, B., & Hyett, P. (2004) – *Guía básico de la sostenibilidad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Farinha, C. (2020). Mensagens. Em O. Guedelha, *Corgas - História e Vida* (2.<sup>a</sup> ed.). Proença-a-Nova: Paginação, Impressão e Acabamento: AGIR - Produções Gráficas.
- Guedelha, O. (2020). *Corgas - História e Vida* (2.<sup>a</sup> ed.). Proença-a-Nova: Paginação, Impressão e Acabamento: AGIR - Produções Gráficas.
- Leal, J. (2000). *Etnografias portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lopes, F., & Correia, M. B. (2004). *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lopes, F., & Correia, M. B. (2014). *Património cultural: critérios e normas internacionais de proteção*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Pérez, X. P. Turismo Cultural Uma visão antropológica. *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultura*, (2), 324.

Tectonica, monografías de arquitectura, tecnología y construcción. (2000). madera (I) / revestimientos, (11).

## 7.2 Bibliografia Digital

*Aldeias despovoadas.* (2018). [Reportagem]. Obtido de <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/aldeias-despovoadas/>

Alves, B. A. P. (2011, outubro). *Reabilitação e Turismo Rural (Reabilitação de um conjunto de edifícios para turismo rural)* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/2249>

Antunes, A. R. R. (2020, dezembro). *Arquitetura como fator de valorização turística* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura). Vila Nova de Famalicão: Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão, Faculdade de Arquitetura e Artes. Obtido de <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/5990>

Appleton, J. (2010, abril). *Reabilitação de Edifícios Antigos e Sustentabilidade.* Apresentado na VI Encontro Nacional de Estudantes de Engenharia Civil, Universidade de Évora. Obtido de <http://www.neecue.uevora.pt/Documentos/VI-ENEEC/ENEEC%20reabilita%C3%A7%C3%A3o/Jo%C3%A3o%20Appleton%20-%206.%C2%BA%20Encontro%20Nacional%20de%20Estudantes%20engenharia%20Civil.pdf>

Arquitectónico, C. de P. Reabilitação. Obtido de <https://arquitectos.pt/documentos/1527004481H9jWX4in5Sd23ZB3.pdf>

Barata, H. J. da C. (2016). *Metodologia de Reabilitação Arquitectónica: Edifício 4 de Outubro em Loures* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Obtido de <https://recil.ulusofona.pt/items/8676dcba-a8d7-436c-8215-42cc2c3e0c45>

Bento, A. M. T. M. (2017). *Reabilitação e sustentabilidade da arquitetura: arquitetura vernacular portuguesa* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre). Lisboa:

- Universidade Lusíada Norte, Campus de Vila Nova de Famalicão. Obtido de <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/4478>
- Castro, M. C. de A. e. (2018, dezembro). *ENO TURISMO COMO DESENCADEANTE DA REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA: UMA REINVENÇÃO DA TORRE DE AGUIÃ* (Projecto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura). Lisboa: Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.5/18125>
- Cunha, L. (2010). Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios. *Fluxos e Riscos*, 1(1), 23.
- DGADR. (2013a, abril 24). *Características do Turismo no Espaço Rural*. Obtido 12/07/2024 de <https://www.dgadr.gov.pt/sistemas-de-producao-artesanal/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural>
- DGADR. (2013b, abril 24). *Turismo no Espaço Rural*. Obtido 12/07/2024 de <https://www.dgadr.gov.pt/sistemas-de-producao-artesanal/turismo-rural>
- DGT. (2020). *Glossário de Termos sobre Paisagem (Glossário adaptado do Glossário do Sistema de Informação da Convenção do Conselho da Europa sobre a Paisagem)*. (M. Dias & M. Rodrigues, Trads.) (Direção-Geral do Território). Direção-Geral do Território. Obtido de <https://www.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/ficheiros-paisagem/Glossario.pdf>
- Diário da República. (2009). *Decreto-Lei nº. 307/2009* (1, 206) (pp. 7956–7975). Obtido de <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2009/10/20600/0795607975.pdf>
- Diário da República. (2015). *Artigo 23.º Acessibilidade/Mobilidade* (2, 153) (pp. 22181–22208). Obtido de <https://api.cm-proencanova.pt/uploads/1/3/Municipio/Atividade/ObrasUrbanismoAmbiente/Urbanismo/2218122208.pdf>
- Espaço museológico. Proença-a-Nova cria Casa do Resineiro*. (2022). [Reportagem]. Obtido de [https://www.rtp.pt/noticias/economia/espaco-museologico-proenca-a-nova-cria-casa-do-resineiro\\_v1415342](https://www.rtp.pt/noticias/economia/espaco-museologico-proenca-a-nova-cria-casa-do-resineiro_v1415342)

- Europeias, C. (1999, janeiro 15). Decisão da Comissão, de 9 de Dezembro de 1998, relativa às modalidades de aplicação da Directiva 95/57/CE do Conselho relativa à recolha de informações estatísticas no sector do turismo. *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*, p. 50.
- Faria, T. M. O. de. (2009). *Aldeia sustentável na Covilhã: uma nova resposta à desertificação do meio rural* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/2188>
- Figueiredo, L. G. (2015, outubro). *Turismo em Espaço Rural Vale do Côa como Rota do Agroturismo* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/5083>
- Frederico, C. S. (2016). *Requalificação e dinamização do meio rural e o respeito pela sua memória: o caso de Sanguinhedo* (Dissertação de Mestrado). Vila Nova de Famalicão: Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão. Obtido de <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/3418>
- ICOMOS. (2003). *RECOMENDAÇÕES PARA A ANÁLISE, CONSERVAÇÃO E RESTAURO ESTRUTURAL DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO*. (A. de B. Araújo, Trad.). Obtido de [https://5cidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/03/carta-do-icomos-2003\\_recomendacoes.pdf](https://5cidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/03/carta-do-icomos-2003_recomendacoes.pdf)
- Ignarra, L. R. (2013). Antecedentes históricos. Em *Fundamentos do Turismo* (3ª edição revista e ampliada, pp. 2–8). São Paulo: Senac. Obtido de [https://issuu.com/cengagebrasil/docs/9788522115396\\_livreto](https://issuu.com/cengagebrasil/docs/9788522115396_livreto)
- Leal, J. (2008). A energia da antropologia: seis cartas de Jorge Dias para Ernesto Veiga de Oliveira. *Etnográfica*, 12(2), 20.
- Magalhães, H. da S. (2009). *Reabilitação sustentável: conjunto de edifícios no meio rural* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura). Covilhã:

- Universidade da Beira Interior. Obtido de <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/3337>
- Manso, M. P. F. (2020, setembro). *Turismo de bem-estar na natureza – A Importância da arquitetura Projeto para turismo de bem-estar em Oleiros* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/10995>
- Martins, C. (2012, outubro). *Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável O Papel da Arquitetura Vernacular* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/1937>
- Miranda, J. F. T. (2015, novembro). *Arquitetura, património e autenticidade: Autenticidade na reabilitação do património histórico* (Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Arquitectura). Lisboa: Universidade de Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.5/12446>
- Moraes, A. G. de. (2012). Turismo De Saúde: Dimensionamento Das Tipologias Dos Meios De Hospedagens Na Região Que Compreende a Fundação Pio XII. *Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, 5(12), 19.
- Peixoto, P. (2002). Os meios rurais e a descoberta do património. Universidade de Coimbra. Obtido de <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/175/175.pdf>
- Priberam, D. (2008). Rural. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Obtido de <https://dicionario.priberam.org/rural>
- Ramalho, T. C. S. (2016, janeiro 7). *Proposta de Reabilitação do Edifício da Junta de Freguesia de Peredo: valorização em contexto rural* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/5275>
- Reis, V. (2014). *Arquitectura de transumância: entre as brandas e inverneiras de Castro Laboreiro* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre). Porto: Universidade Lusíada Do Porto. Obtido de <http://hdl.handle.net/11067/2070>

- Silva, I. (2015, outubro 27). *Eiras-do passado para o futuro Rehabitar o espaço público e reabilitar a paisagem* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/5383>
- Sousa, L. C. de. (2014, outubro). *Património como estratégia de desenvolvimento local: o caso de Arnelas, Crestuma e Lever* (Dissertação de mestrado em Património e Turismo Cultural). Braga: Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/34307>
- Tavares, A., Costa, A., & Varum, H. (2011, junho). Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios Guia de intervenção. INOVADOMUS. Obtido de [https://www.academia.edu/57358863/Manual\\_de\\_Reabilita%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_Manuten%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Edif%C3%ADcios\\_Guia\\_de\\_interven%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/57358863/Manual_de_Reabilita%C3%A7%C3%A3o_e_Manuten%C3%A7%C3%A3o_de_Edif%C3%ADcios_Guia_de_interven%C3%A7%C3%A3o)
- Teles, R. X. (2014, novembro 6). *Turismo e Reabilitação Intervenção no Solar Vaz de Quina* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura). Covilhã: Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/5128>
- UN Tourism. *Rural Tourism*. Obtido 09/07/2024 de <https://www.unwto.org/rural-tourism>
- Vida de Resineiro*. (2016). Corgas. Obtido de [https://www.youtube.com/watch?v=DLLIJ\\_npK3o](https://www.youtube.com/watch?v=DLLIJ_npK3o)

# VIII. PROJETO

PEÇAS DESENHADAS

**Folha 1**| Planta de Localização – 1/300

**Folha 2**| Planta de Implantação (Existente) – 1/200

**Folha 3**| Planta Piso Térreo (Existente) – 1/100

**Folha 4**| Planta Cobertura (Existente) – 1/100

**Folha 5**| Alçados e Cortes (Existente) – 1/100

**Folha 6**| Alçados e Cortes (Existente) – 1/100

**Folha 7**| Planta de implantação (Sobreposição) – 1/200

**Folha 8**| Planta Piso Térreo (Sobreposição) – 1/100

**Folha 9**| Planta Piso 1 (Sobreposição) – 1/100

**Folha 10**| Alçados (Sobreposição) – 1/100

**Folha 11**| Perspetiva

**Folha 12**| Planta de implantação – 1/200

**Folha 13**| Planta Piso Térreo – 1/100

**Folha 14**| Planta Piso 1 – 1/100

**Folha 15**| Alçados e Cortes – 1/100

**Folha 16**| Alçados e Cortes – 1/100

**Folha 17**| Alçados e Cortes – 1/100

**Folha 18**| Alçados e Cortes – 1/100

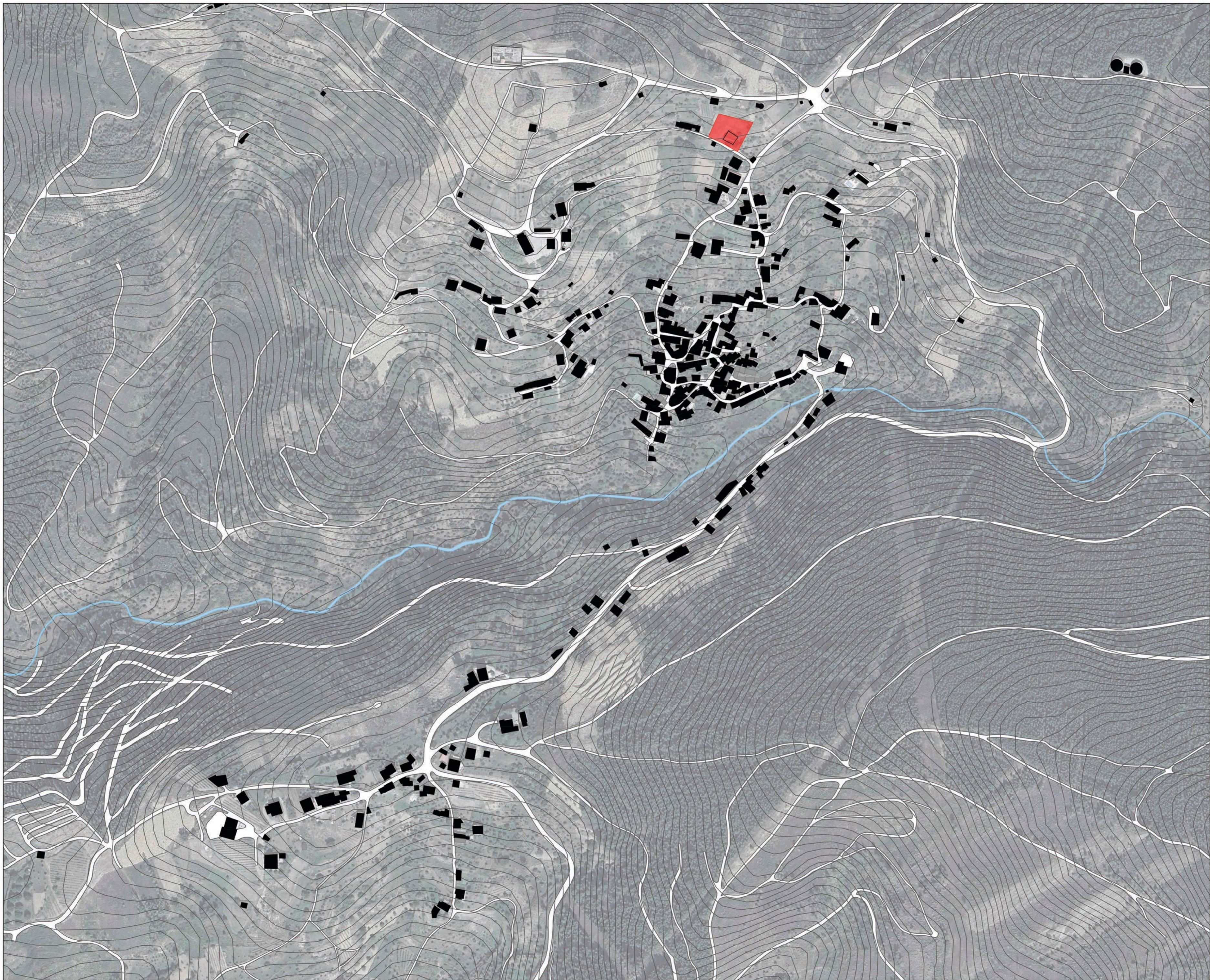
**Folha 20**| Pormenor Construtivo I – 1/20

**Folha 21**| Pormenor Construtivo II – 1/20

**Folha 22**| Pormenor Construtivo III – 1/20

**Folha 23**| Pormenor Construtivo IV – 1/20

**Folha 24**| Pormenor Construtivo IV – 1/20



TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

LEGENDA:

ÁREA EM ESTUDO



LEGENDA:

LIMITE LOTE

POLÍGONO DE IMPLANTAÇÃO

EDIFICADO EXISTENTE

ÁREA DO LOTE - 1406,00m<sup>2</sup>

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO - 170,00m<sup>2</sup>



LEGENDA:

LIMITE LOTE

PAREDES EXISTENTES

SOALHO DE MADEIRA

MOSAICO CERÂMICO

[1] HALL DE ENTRADA - 23,78m<sup>2</sup>

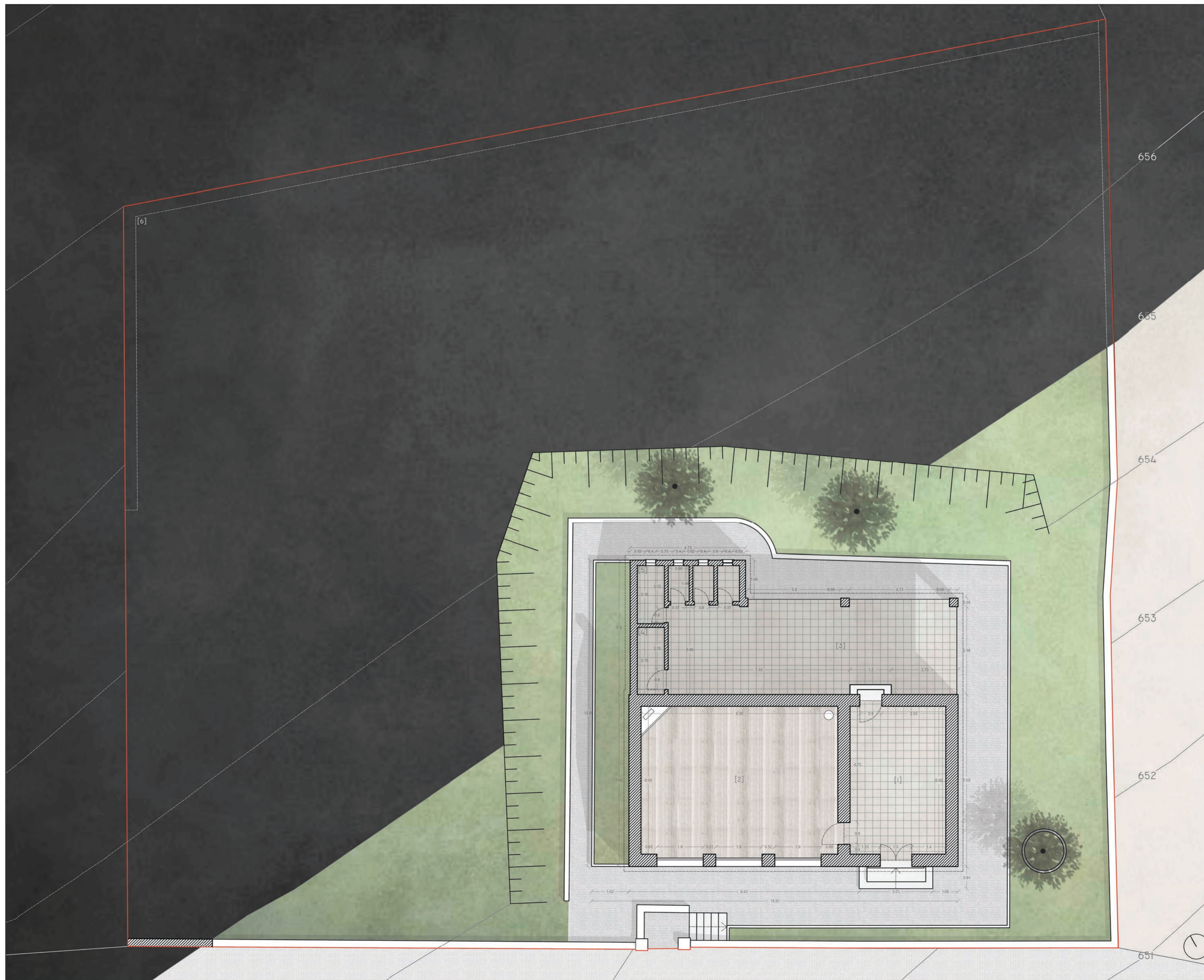
[2] SALA DE AULA - 48,78m<sup>2</sup>

[3] ALPENDRE - 44,90m<sup>2</sup>

[4] ARRUMOS - 3,05m<sup>2</sup>

[5] INSTALAÇÕES SANITÁRIAS - 6,51m<sup>2</sup>

[6] CAMPO DESPORTIVO



[6]

656

655

654

653

652

651

PROJETO

4/124

TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

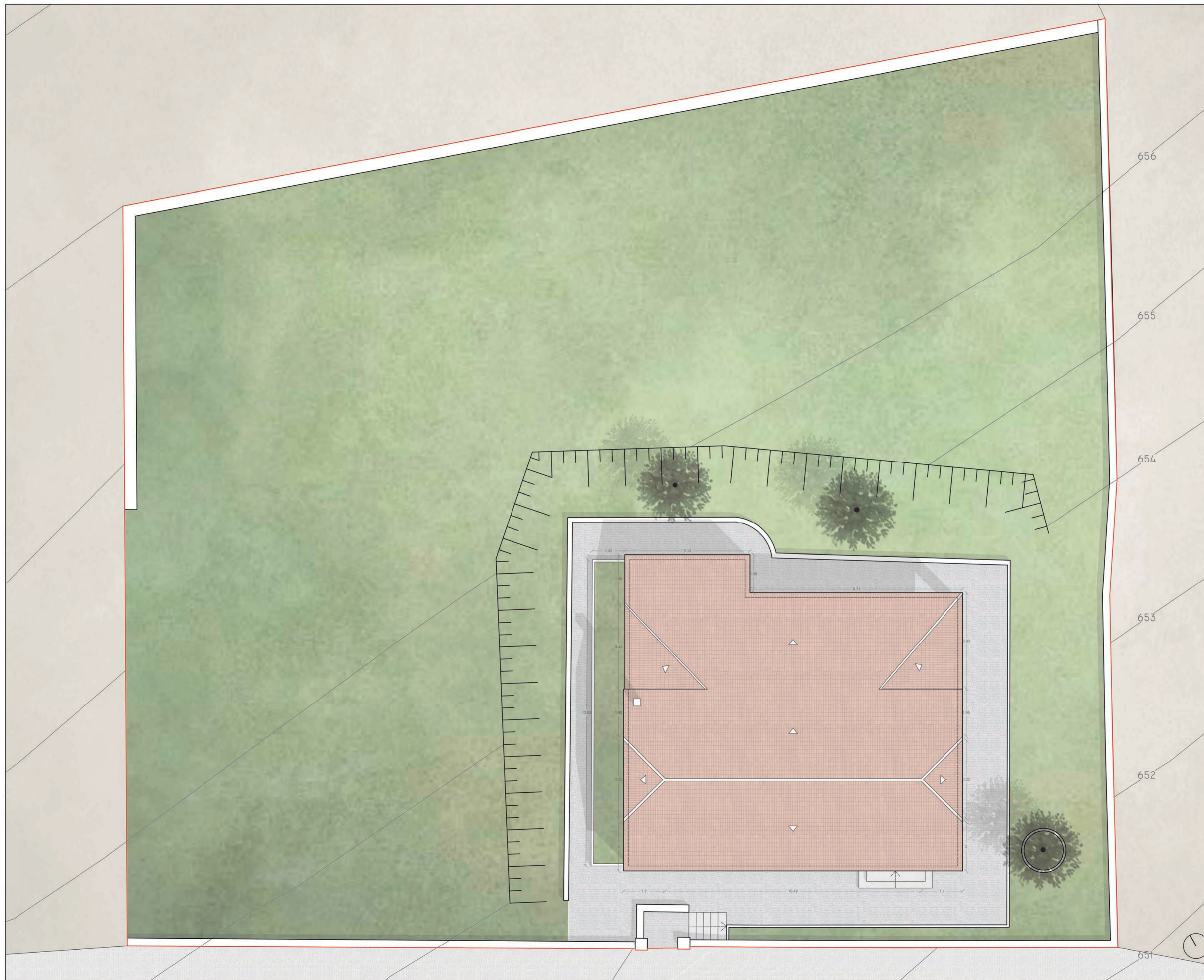
PLANTA DE COBERTURA

1/100

LEGENDA:

LIMITE LOTE

TELHA CERÂMICA



656

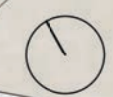
655

654

653

652

651



LEGENDA:

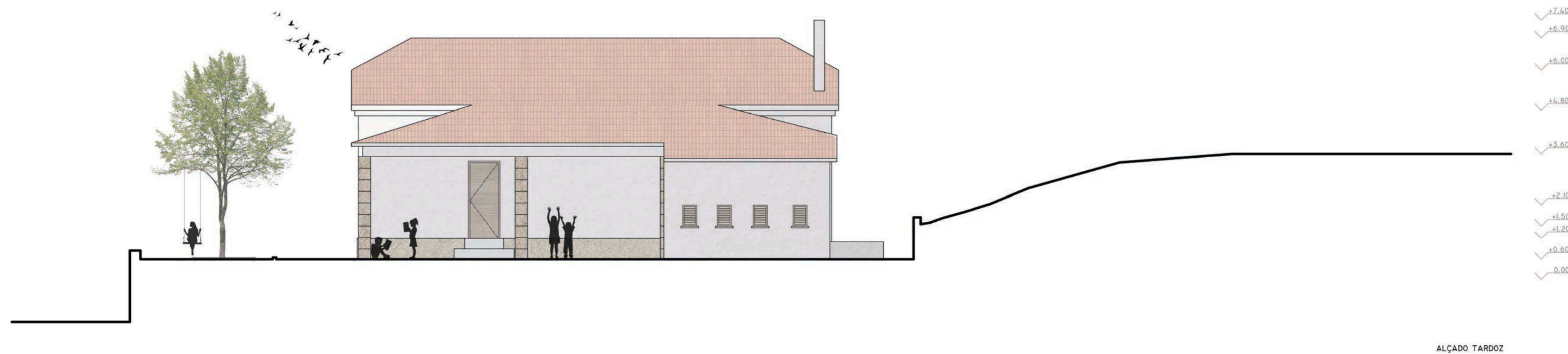
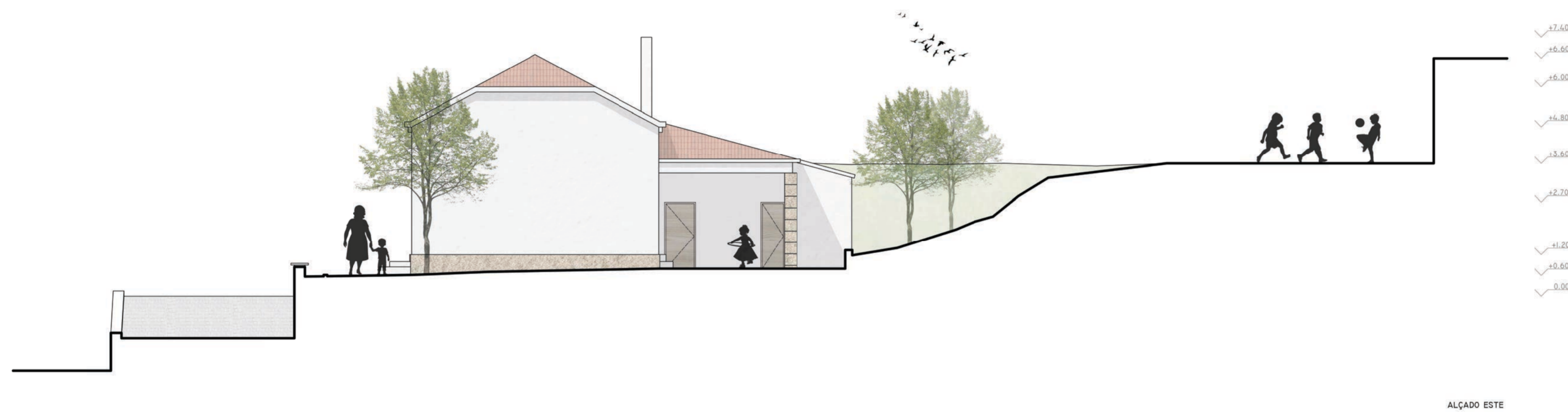
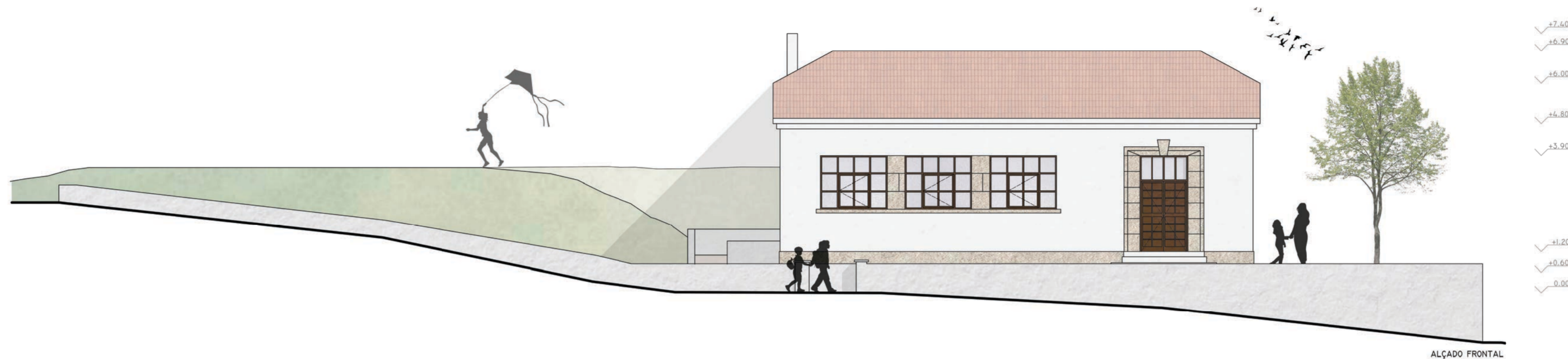
GRANITO

REBOCO

ALUMÍNIO

MADERA

TELHA CERÂMICA



PROJETO

6 / 124

TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

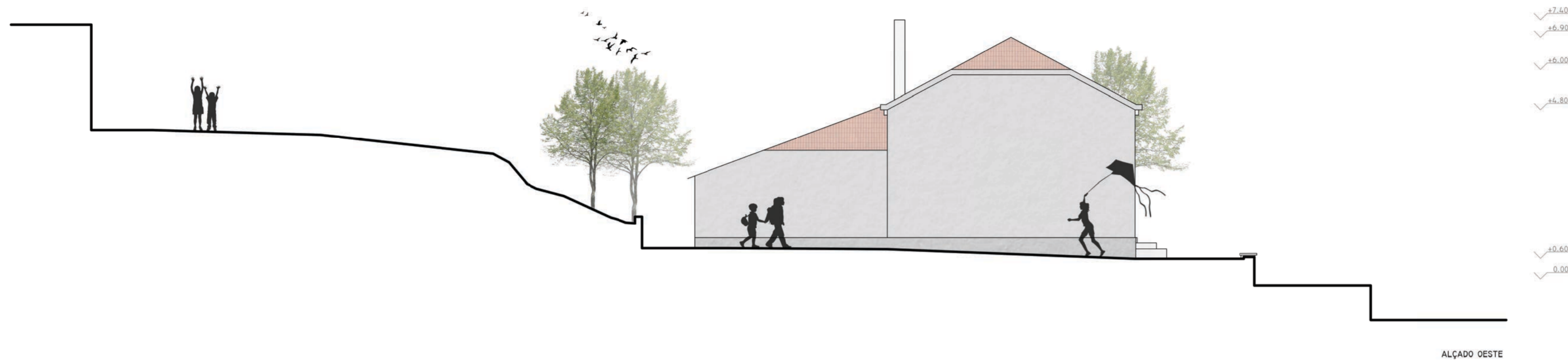
MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

ALÇADOS E CORTES

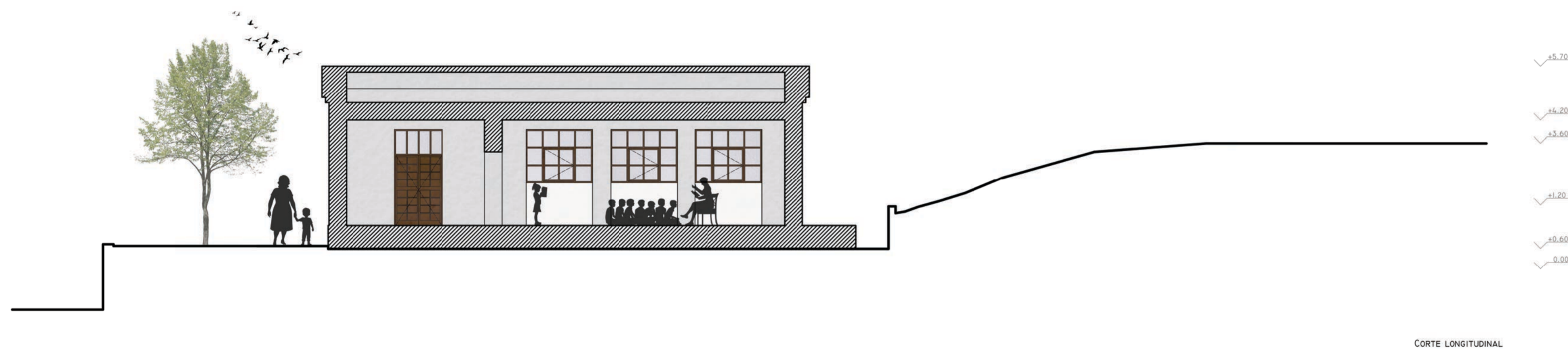
1/100

LEGENDA:

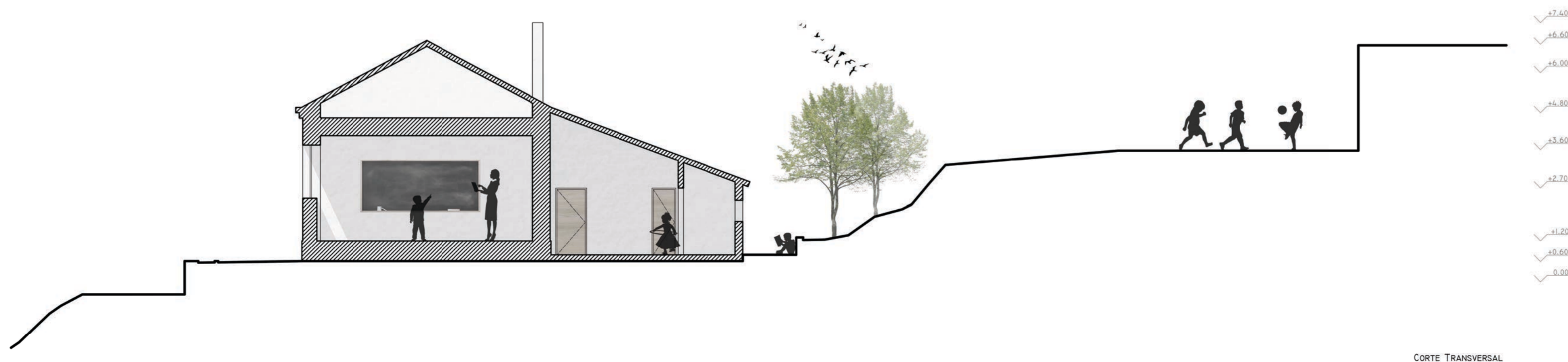
- GRANITO
- REBOCO
- ALUMÍNIO
- MADERA
- TELHA CERÂMICA



ALÇADO OESTE



CORTE LONGITUDINAL



CORTE TRANSVERSAL

PROJETO

7 / 124

TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

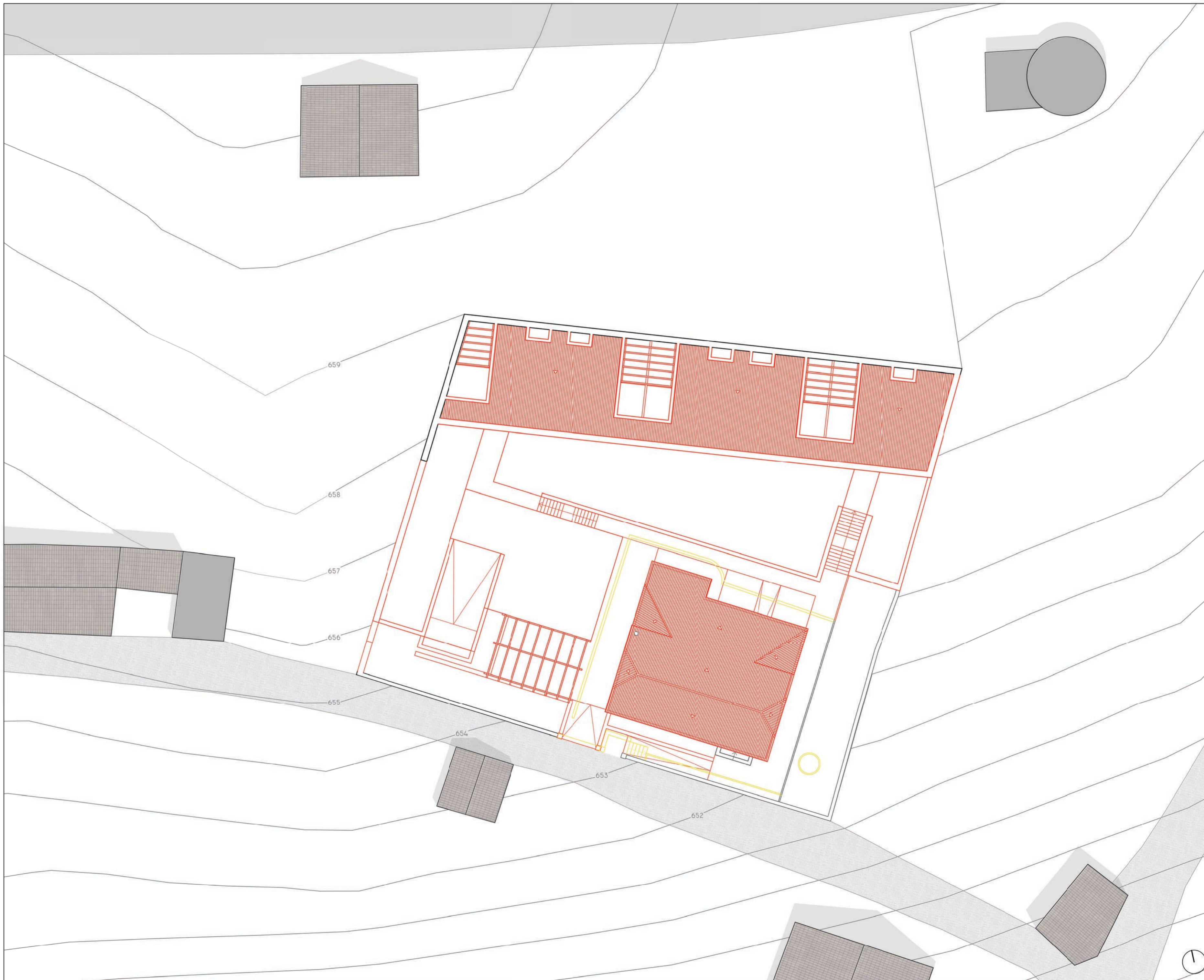
MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

PLANTA IMPLANTAÇÃO  
VERMELHOS E APARELOS

1/200

LEGENDA:

- EXISTENTE
- CONSTRUÇÕES
- DEMOLIÇÕES



PROJETO

8 / 24

TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

PLANTA PISO TÉRREO  
VERMELHOS E AMARELOS

1/100

LEGENDA:

EXISTENTE

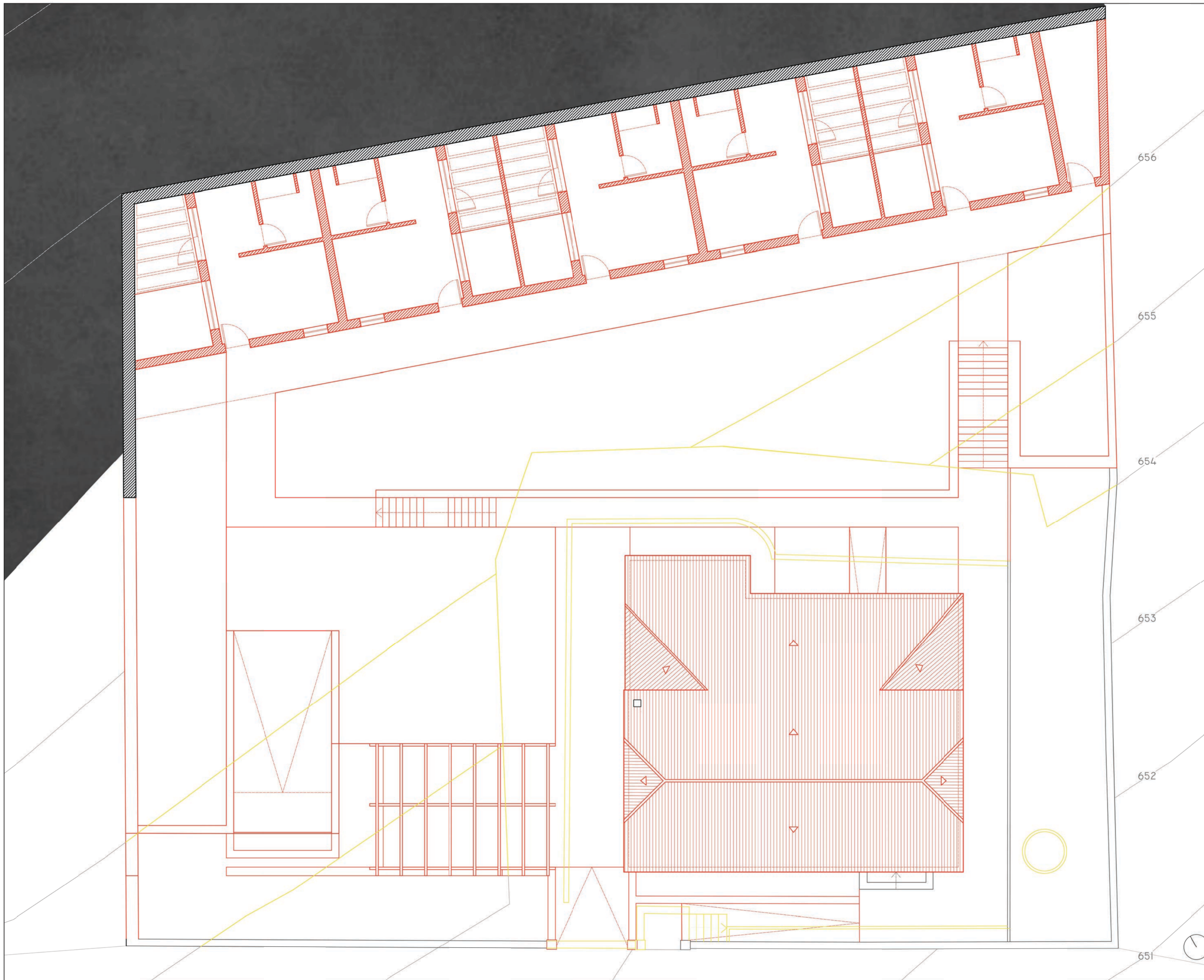
CONSTRUÇÕES

DEMOLIÇÕES



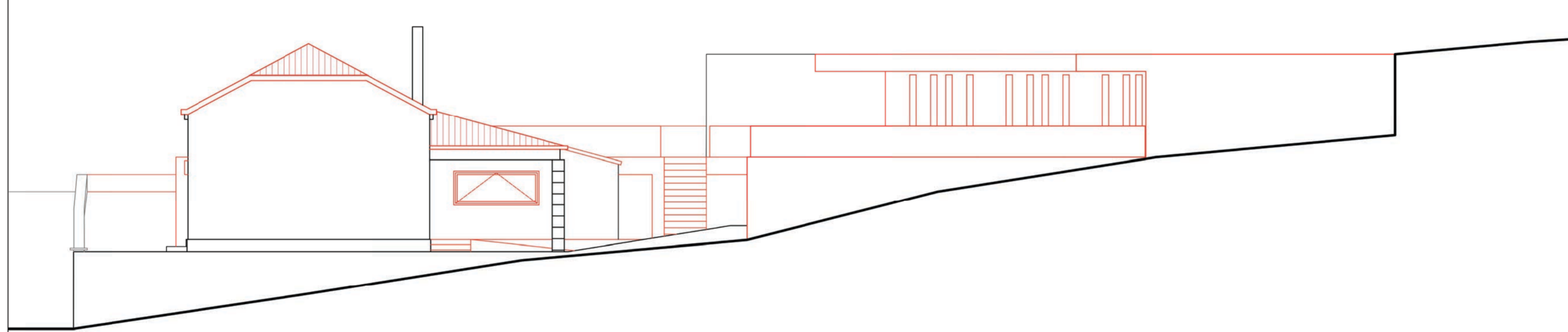
LEGENDA:

- EXISTENTE
- CONSTRUÇÕES
- DEMOLIÇÕES

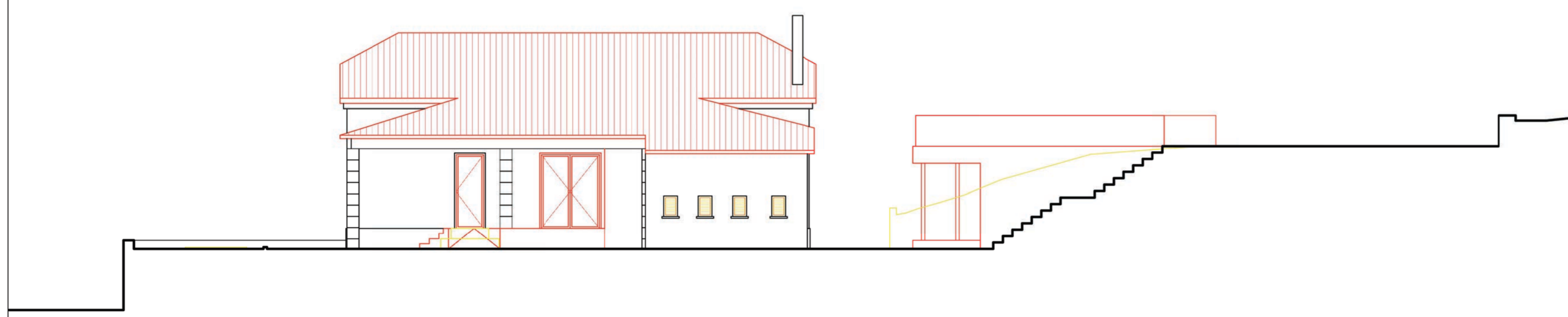




ALÇADO FRONTAL



ALÇADO ESTE



ALÇADO TARDOZ



PRÉ-EXISTÊNCIA: EDIFÍCIO DE ACOLHIMENTO

VOLUME DE ESTACIONAMENTO

VOLUME DE LAZER

VOLUME DE ALOJAMENTO

ZONA LÚDICA

PROJETO

12/24

TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

1/200

LEGENDA:

LIMITE LOTE



EDIFICADO EXISTENTE



ÁREA DO LOTE - 1406,00M<sup>2</sup>

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO - 270,00M<sup>2</sup>



LEGENDA:

- RÉGUAS DE PINHO
- PEDRA NATURAL
- DECK DE MADEIRA
- LAJETA DE BETÃO
- CALÇADA PORTUGUESA
- GRELHA DE ENRELVAMENTO

- [1] RECEÇÃO - 18,80m<sup>2</sup>
- [2] LOJA DE PRODUTOS LOCAIS - 4,80m<sup>2</sup>
- [3] RESTAURANTE - 28,20m<sup>2</sup>
- [4] INSTALAÇÕES SANITÁRIAS - 12,70m<sup>2</sup>
- [5] ESPLANADA - 20,90m<sup>2</sup>
- [6] COZINHA - 4,80m<sup>2</sup>
- [7] INSTALAÇÃO SANITÁRIO /VESTIÁRIO - 2,60m<sup>2</sup>
- [8] ARMAZÉM (ALIMENTOS) - 3,60m<sup>2</sup>
- [9] ESTACIONAMENTO - 94,80m<sup>2</sup>
- [10] SALA DE CONVÍVIO - 28,00m<sup>2</sup>
- [11] INSTALAÇÃO SANITÁRIA - 13,50m<sup>2</sup>
- [12] LAVANDARIA - 8,00m<sup>2</sup>



656

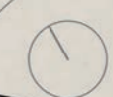
655

654

653

652

651



PROJETO  
TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

14/24

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

PLANTA PISO I

1/100

LEGENDA:

RÉGUAS DE PINHO

PEDRA NATURAL

DECK DE MADEIRA

LAJIETA DE BÊZO

CALÇADA PORTUGUESA

GRELHA DE ENRELVAMENTO

[13] ARRPMOS - 12,00m<sup>2</sup>

[14] QUARTO/SALA - 16,35m<sup>2</sup>

[15] KITCHENETTE - 6,70m<sup>2</sup>

[16] INSTALAÇÃO SANITÁRIA - 6,45m<sup>2</sup>

[17] PÁTIO - 20,90m<sup>2</sup>

[18] PISCINA



656

655

654

653

652

651



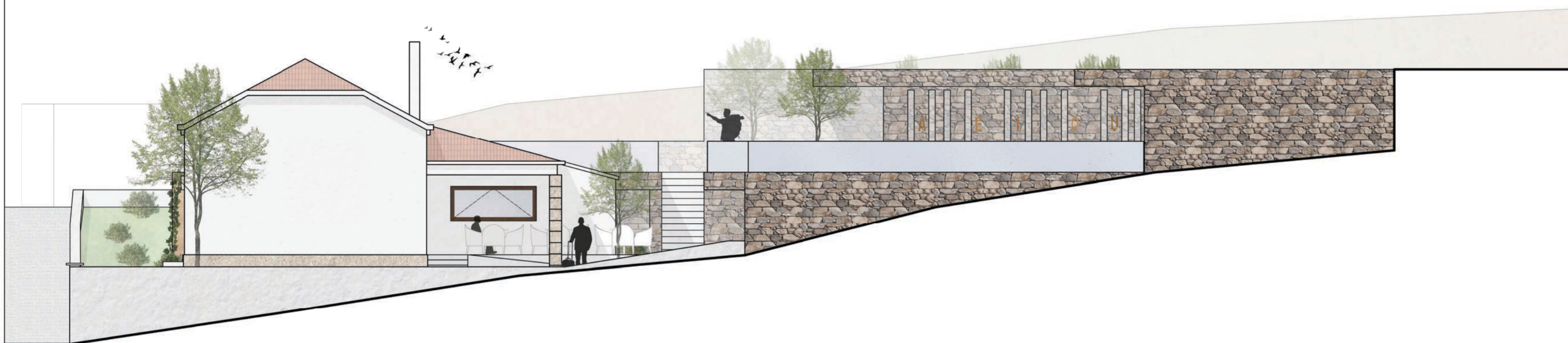


LEGENDA:

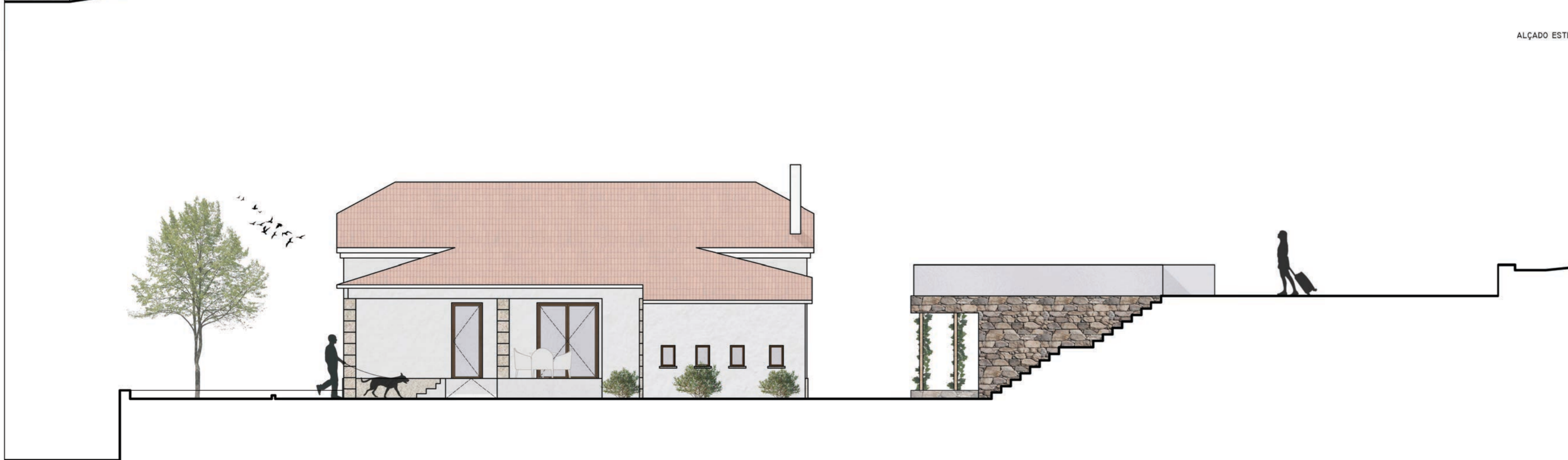
- GRANITO
- REBOCO
- PEDRA DE XISTO
- ALUMÍNIO
- MADEIRA
- TELHA CERÂMICA



ALÇADO FRONTAL



ALÇADO ESTE



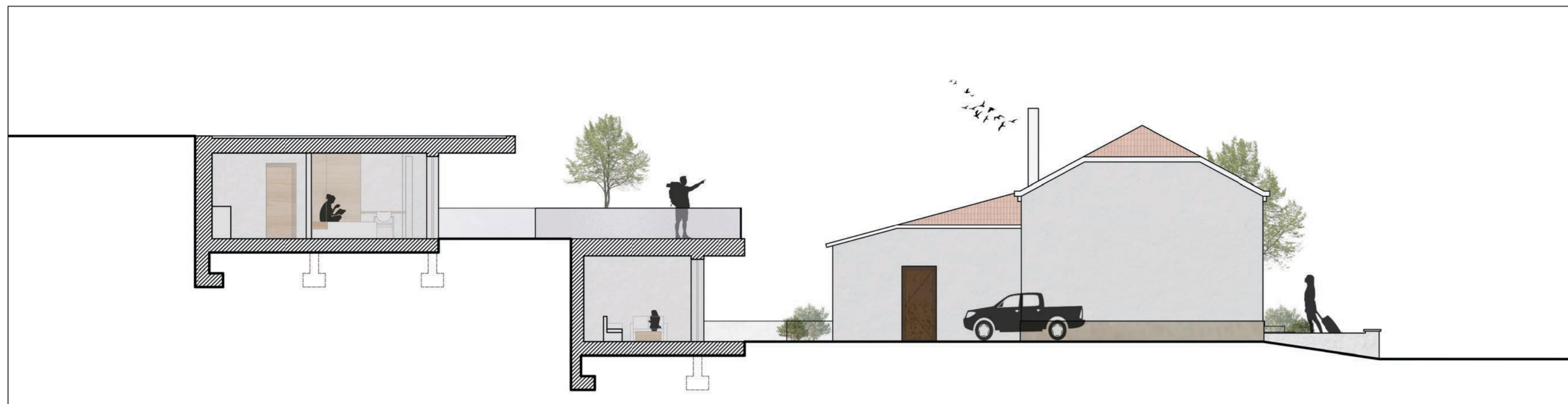
ALÇADO TARDOZ

LEGENDA:

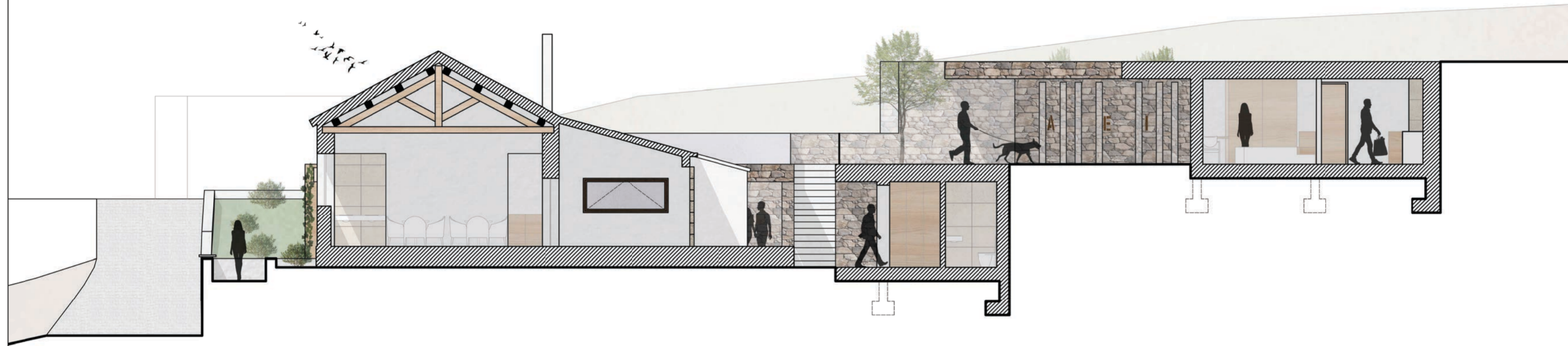
- GRANITO
- REBOCO
- PEDRA DE XISTO
- ALUMÍNIO
- MADEIRA
- TELHA CERÂMICA



- +7.40
- +6.90
- +6.60
- +6.50
- +3.60
- +2.80
- +1.20
- +0.60
- 0.00

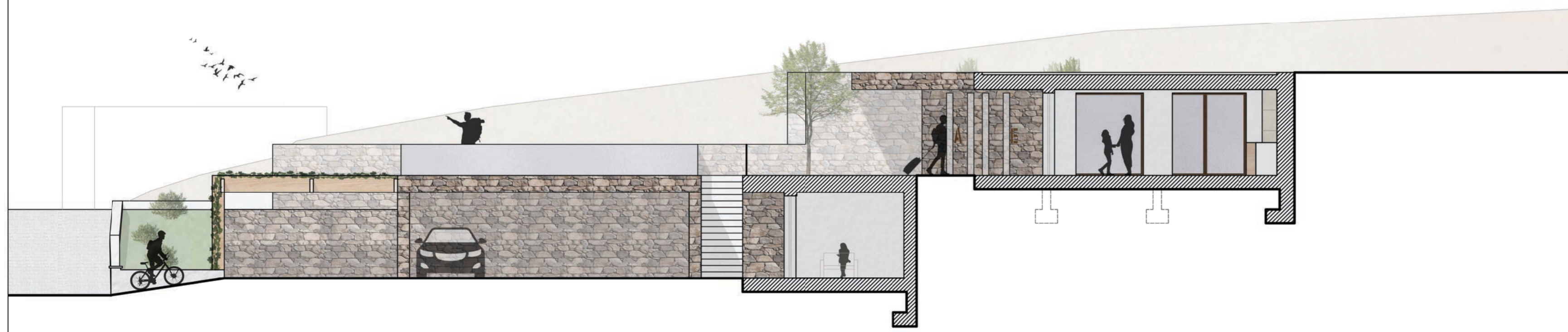


CORTE AA



CORTE BB

- +7.40
- +6.60
- +6.50
- +3.60
- +1.20
- +0.60
- 0.00
- 1.60



CORTE CC

- +6.60
- +6.50
- +3.60
- +0.60
- 0.00



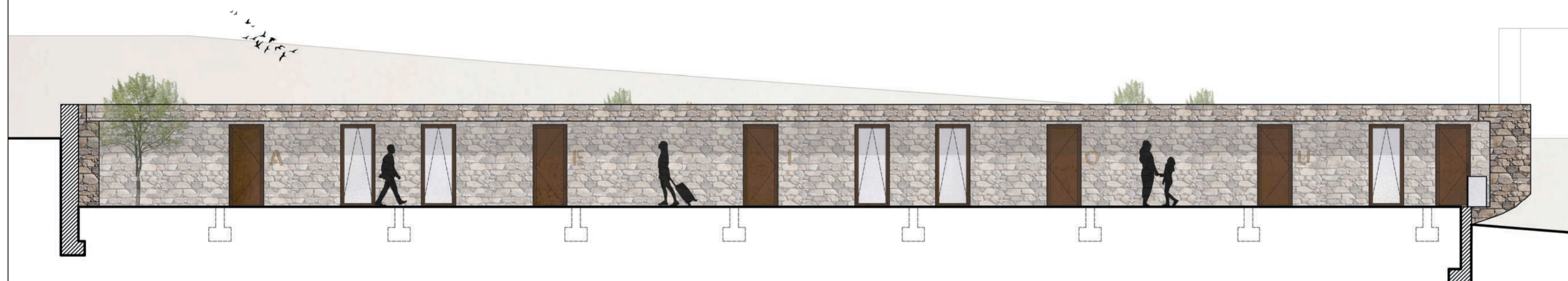
LEGENDA:

- GRANITO
- REBOCO
- PEDRA DE XISTO
- ALUMÍNIO
- MADEIRA
- TELHA CERÂMICA



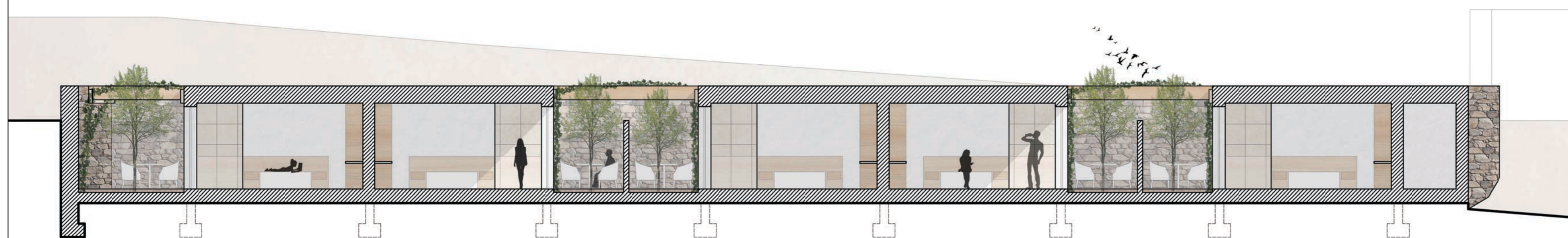
✓ +6.60  
 ✓ +6.00  
 ✓ +4.50  
 ✓ +3.60  
 ✓ +0.60

ALÇADO FRONTAL  
VOLUME DE LAZER



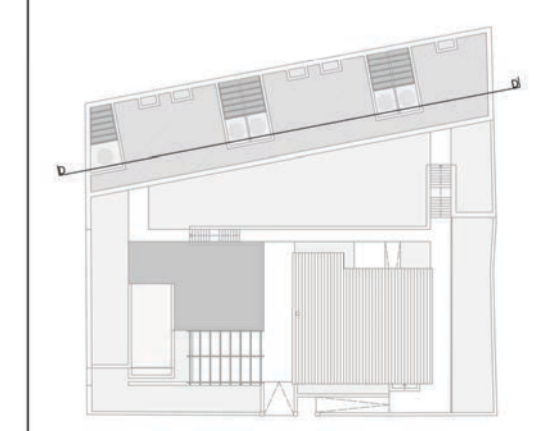
✓ +6.60  
 ✓ +6.00  
 ✓ +4.50  
 ✓ +3.60

ALÇADO FRONTAL  
VOLUME DE ALOJAMENTO



✓ +6.60  
 ✓ +6.10  
 ✓ +5.60  
 ✓ +3.60

CORTE DD



PROJETO

19/24

TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

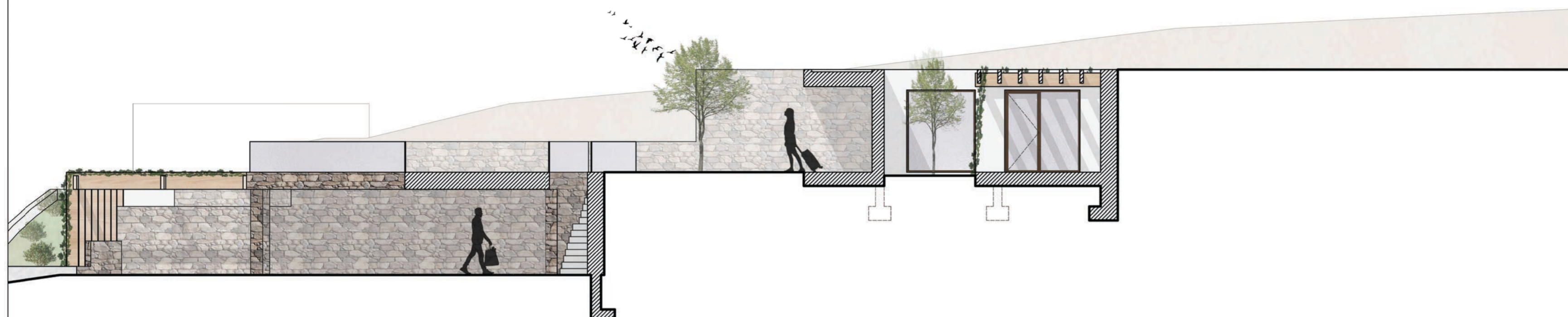
MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

ALÇADOS E CORTES

1/100

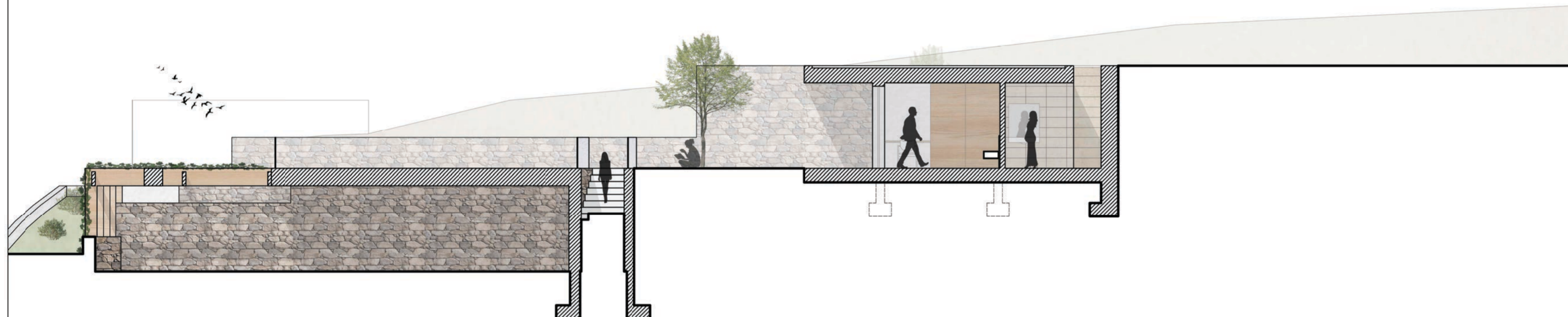
LEGENDA:

- GRANITO
- REBOCO
- PEDRA DE XISTO
- ALUMÍNIO
- MADERA
- TELHA CERÂMICA



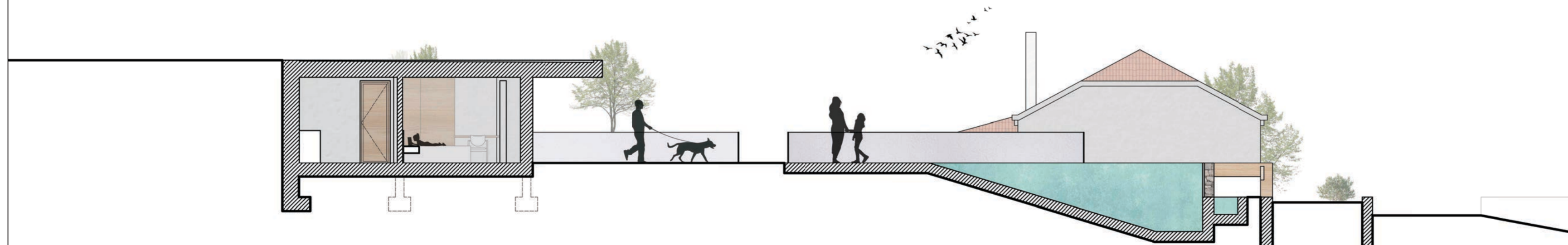
- ✓ +6.60
- ✓ +6.00
- ✓ +4.50
- ✓ +3.60
- ✓ +2.60
- ✓ +1.60
- ✓ +0.60

CORTE EE



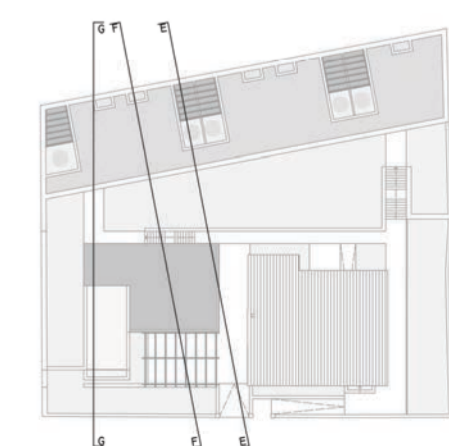
- ✓ +6.60
- ✓ +6.00
- ✓ +4.50
- ✓ +3.60
- ✓ +2.60
- ✓ +1.60
- ✓ +0.60

CORTE FF



- ✓ +7.60
- ✓ +6.60
- ✓ +5.80
- ✓ +4.50
- ✓ +3.60
- ✓ +2.60
- ✓ +1.60

CORTE GG



COBERTURA  
TELHA LUSA  
RIPA DE MADEIRA 20MM  
TELA DE IMPERMEABILIZAÇÃO  
PAINEL SANDWICH THERMOCHIP 69MM  
CAIBROS 100MM  
TERÇAS 200MM  
VIGAS 200MM

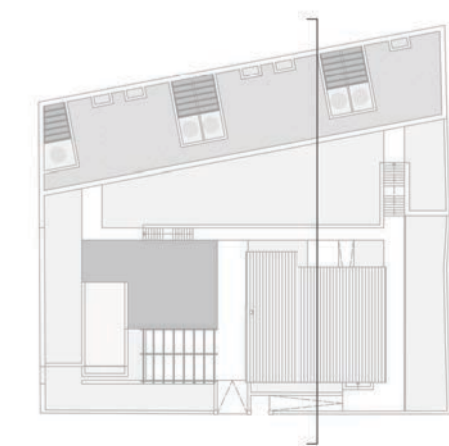
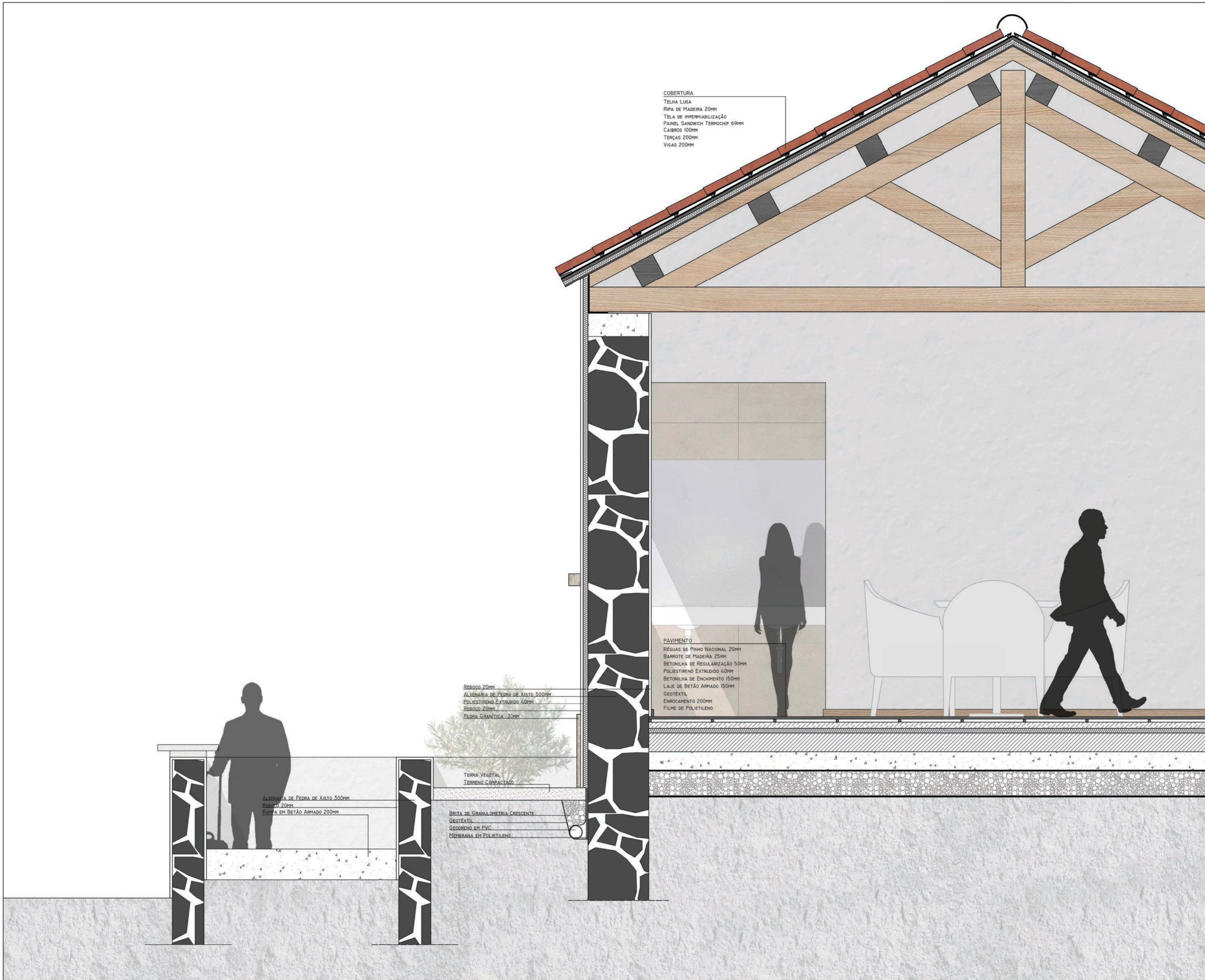
PAVIMENTO  
RÉGUAS DE PINHO NACIONAL 20MM  
DIAROTE DE MADEIRA 25MM  
BETONILHA DE REGULARIZAÇÃO 50MM  
POLIESTIRENO EXTRUDIDO 40MM  
BETONILHA DE ENCHIMENTO 150MM  
L.A.JE DE BETÃO ARMADO 150MM  
GEOTÊXIL  
ENROCAMENTO 200MM  
FILME DE POLIETILENO

REBOCO 20MM  
ALVENARIA DE PEDRA DE XISTO 500MM  
POLIESTIRENO EXTRUDIDO 40MM  
REBOCO 20MM  
PEDRA GRANÍTICA 30MM

TERRA VEGETAL  
TERRENO COMPACTADO

BRITA DE GRANULOMETRIA CRESCENTE  
GEOTÊXIL  
GEODRENO EM PVC  
MEMBRANA EM POLIETILENO

ALVENARIA DE PEDRA DE XISTO 300MM  
REBOCO 20MM  
RANFA EM BETÃO ARMADO 200MM



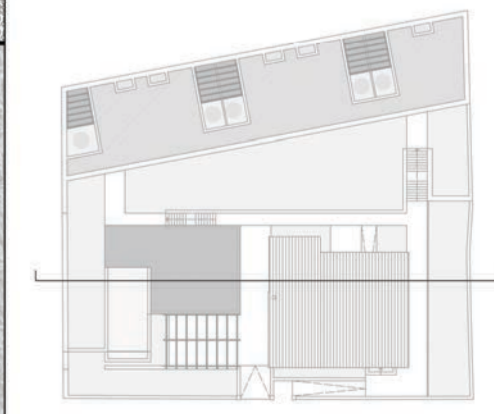


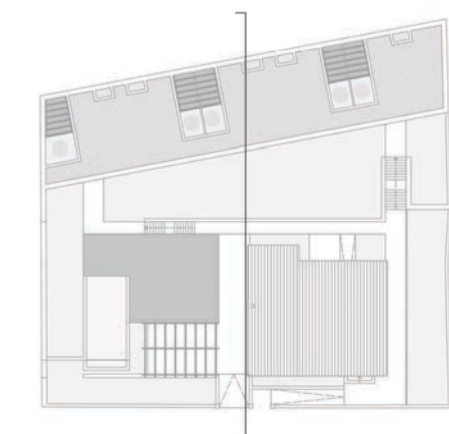
PAVIMENTO  
 DECK MADEIRA "CARMO WOOD" 22MM  
 BARROTE DE MADEIRA 25MM  
 MEMBRANA IMPERMEABILIZAÇÃO  
 BETONILHA ENCHIMENTO 200MM  
 LAJE DE BETÃO ARMADO 200MM  
 REBOCO 20MM

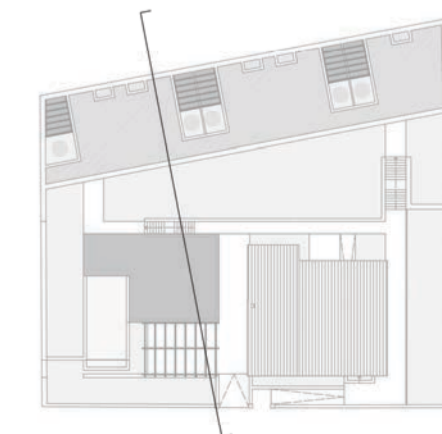
VIDRO TEMPERADO E LAMINADO 16MM  
 PERFIL EM AÇO 5MM  
 PEDRA GRANÍTICA 30MM  
 PEDRA XISTO PEROLIZ 50MM

PAVIMENTO  
 CAMADA VEGETAL  
 GRELHA ENRELVAMENTO PAVIGREEN  
 TERRA VEGETAL 50MM  
 GEOTÊXTIL  
 ENROCAMENTO 200MM  
 FILME DE POLIETILENO

BRITA DE GRANULOMETRIA CRESCENTE  
 GEOTÊXTIL  
 MEMBRANA EM POLIETILENO  
 GEODRENO EM PVC







PROJETO

24/24

TURISMO DE ESCOLA  
REABILITAÇÃO, AMPLIAÇÃO E CONVERSÃO DA  
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA DE CORGAS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
DEPARTAMENTO DAS ENGENHARIAS E ARQUITETURA

MARGARIDA RIBEIRO ALVES  
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR MIGUEL SANTIAGO FERNANDES

PORMENOR CONSTRUTIVO V  
PISCINA

1/20

